

**Com o PCP
há
alternativas**

A GRANDE RESPOSTA



«A boa resposta, a resposta necessária, a resposta indispensável a esta grande mentira política que, daqui até Outubro do ano que vem, vai ser encenada todas as semanas, é um maior apoio político e eleitoral do PCP, é uma dinâmica agregação de vontades, de forças e aspirações de todos os que não querem ficar prisioneiros do falso dilema entre o regresso da direita e a manutenção do PS com a sua actual política de direita, de todos os que desejam que se abra um esperançoso caminho para uma viragem à esquerda na vida política portuguesa.»

(Do discurso de Carlos Carvalhas no comício da Festa.)

Págs. 15, 16, 17 e 18



Festa do «Avante!», um acontecimento que marcou a semana política e cultural

RESUMO

2 Quarta-feira

Sindicato de Professores da Região Centro protesta contra restrição geográfica dos miniconcursos ■ Elementos da Unita de Luanda anunciam suspensão de Savimbi da direcção do movimento ■ Presos políticos timorenses entram em coma na sequência de uma greve de fome pela libertação de Xanana Gusmão ■ Milhares de estudantes manifestam-se na capital birmanesa ■ O Fundo das Nações Unidas para a População divulga relatório em que explora a temática das «novas gerações» ■ Colóquio em Estrasburgo exige a adopção de medidas concretas para impedir violações dos direitos humanos ■ Mais de cem pessoas foram detidas em vários países no âmbito de uma operação contra uma rede de pedofilia que difundia imagens na Internet ■ Três operários morrem esmagados numa obra ilegal em Rio de Mouro.

3 Quinta-feira

Reiniciam-se voos normais para a capital do Congo ■ Morrem 229 pessoas na queda de um avião da Swissair no Atlântico ■ A União dos Sindicatos de Lisboa denuncia situações de incumprimento laboral no recinto da Expo ■ PCP e PS não estão presentes no Dia da Madeira na Expo ■ A União Europeia condiciona ajuda financeira à Rússia a reformas económicas ■ Presidente angolano denuncia Unita e diz-se disposto a dialogar com «comité de renovação» ■ Revista *Science* divulga estudo sobre água existente na Lua ■ Milhares de cibernetas espanhóis fazem uma greve de 24 horas à Internet para protestar contra aumento de tarifas ■ Encerra Cimeira de Não Alinhados com declaração pela erradicação da pobreza e promoção da paz.

4 Sexta-feira

Primeiro dia da festa do «Avante!» ■ A extinção do serviço militar obrigatório e a nova lei da Segurança Social estão entre as prioridades legislativas apresentadas pelo governo ■ Ministro da Defesa alemão confirma preparativos da NATO para intervenção militar no Kosovo ■ Antigo primeiro-ministro ruandês condenado a prisão perpétua por participação no genocídio dos tutsis em 1994 ■ Frente Anti-Racista defende alterações à lei de imigração ■ Morre um bombeiro no rescaldo de um incêndio no Parque Natural de Montesinho ■ CGTP defende o aumento do salário mínimo nacional para 62 500 escudos.

5 Sábado

Dezenas de pessoas morreram em igreja da IURD, no Brasil, quando o telhado abateu parcialmente ■ É morto mais um touro na praça de Aldeia da Luz ■ Regista-se grande número de visitantes na Expo ■ O Instituto do Vinho e da Vinha prevê uma quebra de produção de 39 por cento relativamente à campanha anterior ■ Milhares de pessoas homenageiam, em Calcutá, Madre Teresa.

6 Domingo

Encerra Festa do «Avante!» ■ Mau tempo colhe de surpresa várias localidades obrigando à intervenção de equipas de salvamento ■ Prosseguem buscas para apurar causas do acidente da Swissair ■ Áustria garante segurança de refugiados timorenses na sua embaixada em Jacarta ■ União Europeia defende para a Rússia economia social de mercado ■ O chefe do governo de Telavive confirma encontro com presidente do Parlamento Palestiniano ■ Trabalhadores do sector público israelita prosseguem movimento grevista ■ Morre em Tóquio o realizador japonês Akira Kurosawa.

7 Segunda-feira

Associação de Jovens Agricultores Portugueses decide constituir movimento pelo *sim* à Regionalização ■ Parlamento russo chumba Tchernomirdin pela segunda vez e abre processo contra Ieltsin ■ União Internacional de Magistrados reúne no Porto ■ Recuperada caixa negra do avião da Swissair que se despenhou no Atlântico ■ Governo venezuelano despede trezentos médicos em greve há uma semana ■ Mais de mil jornalistas subscrevem abaixo-assinado contra despedimentos no «Semanário».

8 Terça-feira

Movimento «Sim às Regiões, Melhor Portugal» procede à sua legalização ■ O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) revela que Portugal detém uma elevada taxa de analfabetismo entre adultos ■ Na sequência de uma acção de protesto dos camionistas, Comissão Europeia insiste para rápido acordo sobre o tempo de trabalho ■ Tensão volta a subir em Timor com reforço da presença militar indonésia ■ O IRA Verdadeiro declara cessar-fogo total ■ Ministro de Negócios Estrangeiros russo recusa ser primeiro-ministro ■ Chefe militar dos rebeldes congoleses rejeita acordo para cessação imediata das hostilidades.

EDITORIAL

Novidades

Ao terminar a festa do «Avante!», no momento culminante que é o comício e que mais uma vez teve a escutá-lo muitos milhares de pessoas - militantes do Partido, amigos, visitantes interessados, muitos jovens -, dessa forma viva e participada como acontece nas iniciativas dos comunistas, começou, de facto, mais uma jornada anual de trabalho político que, afinal, não acaba nunca. É certo que, no nosso país, é necessário esperar pela festa que todos os anos reúne na Atalaia tantos milhares de pessoas para assinalar o momento da *rentrée* política, o momento de passar a falar-se de coisas sérias após as semanas de férias, ao concluir-se um período, que um nosso colaborador chamava na semana passada de «silly season», em que não haveria notícias.

Na realidade, os espectáculos que os outros partidos forneceram aos portugueses, caricaturando iniciativas nacionais, os desafios entre pontinhas, celóricos e outros lugarejos da política menor, nem trouxeram novidades, nem permitiram vislumbrar uma abordagem séria da situação do País, nem definiram perspectivas para o futuro que aí está.

No entanto, ao comentar o discurso de Carlos Carvalhas, houve quem dissesse que este não continha novidade nenhuma.

A ânsia de novidades e de retumbâncias faz com que muitos comentadores e escribas não só as deixem passar por debaixo dos óculos sem dar por elas como algumas vezes os conduz a inventá-las, quando se trata de apreciar as actividades, iniciativas e propostas dos comunistas. Mais uma vez aconteceu com a apreciação que o «Público» mandou fazer a uma sua jornalista que relatou o «vazio» da Festa e inventou um «avanço» do Palco 25 de Abril. Trata-se, porém, de uma rotina que não pretendemos aqui valorizar e que apenas retira credibilidade e leitores a esse jornal. E não será a pequena nota admitindo a custo que «o «Público» errou» que apaga o erro ou que acrescenta leitores à prosa diária de um periódico em crise.

O que gostariam certos comentadores de encontrar no discurso de Carvalhas - e no dos comunistas em geral - era uma nova postura do Partido. Uma aceitação dos dogmas do pensamento único. Uma vassalagem aos contravalores do neoliberalismo. Uma desistência da luta. Um dobrar a cerviz. E, no plano da politiquice nacional, a admissão de que os portugueses se encontrariam na obrigação de escolher entre duas políticas «fundamentais» protagonizadas pelo PS, de um lado, e pelo PSD, do outro. É a recusa dessa postura e a reafirmação de que existem alternativas e de que essas alternativas passam pelo PCP que os desgosta.

É certo que não é nova esta postura. Que os portugueses - comentadores ou não - certamente esperam que no comício a culminar uma festa como a do «Avante!», uma festa de cultura e de luta, de solidariedade e de internacionalismo, de vontade de construir um país melhor num mundo melhor, que ali se reafirmem valores, se denunciem os crimes e os absurdos do capitalismo e que mais uma vez se sublinhe que «nós não nos resignamos nem aceitamos esta «ordem» pretensamente imutável». Que se sublinhem as lutas travadas pelos trabalhadores, pelos jovens, pelas mulheres e que claramente se demonstre que vale a pena lutar.

É certo que não se trata de uma novidade a crítica aprofundada e séria à continuada política de direita seguida pelo Governo do Partido Socialista.

É certo que não é novo o facto de um discurso do Secretário-geral do PCP ir ao fundo dos problemas nacionais, demonstrando que eles se agravam por efeito de uma política apoiada pelo capital e pelos partidos da direita nas suas vertentes fundamentais. Nem será novo que se denunciem as falsas divergências entre o PS instalado no Governo e PSD e PP arvorados em oposição, nem que se desmontem as manobras de diversão que pretendem criar a ideia de falsas alternativas.

Não é novo que o PCP, pela voz dos seus dirigentes e nomeadamente do seu Secretário-geral, avance com propostas e medidas como as que Carlos Carvalhas anunciou como necessárias para mudar o rumo a esta política nefasta aos interesses nacionais e aos direitos dos trabalhadores e do povo.

Seria de esperar também que o discurso de encerramento do comício abordasse a tarefa política mais imediata que se perfila: o combate para que vença o *sim* no referendo - imposto pela direita e vergonhosamente aceite pelo PS - para que a Regionalização venha a ser possível e se dê mais um passo importante na estruturação democrática do País.

Não é de estranhar que os comunistas - nomeadamente o seu Secretário-geral - afirmem, porque é essa a sua convicção, e apontem como necessidade imperiosa a existência de alternativas à política do Governo. «Esta política não é uma fatalidade», sublinhou Carlos Carvalhas. «Depende de cada um e de todos os que querem uma verdadeira mudança, dos que querem uma política de esquerda, reforçar com o seu apoio e o seu voto a CDU e o PCP.»

Apelando a que se não aceite a resignação ou o conformismo - a que os comunistas são estranhos - e repudiando o «rotativismo para continuar a política neoliberal com mais ou menos retórica social», Carvalhas afirmou a existência de alternativas.

Há alternativas. E vamos continuar a lutar por elas. É ou não novidade que chegue?

A ânsia de novidades e de retumbâncias faz com que muitos comentadores e escribas não só as deixem passar por debaixo dos óculos sem dar por elas como algumas vezes os conduz a inventá-las.

Avante!

Proprietários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Soeiro Pereira Gomes
1699 Lisbon CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisbon CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.ª A, 1100 Lisboa
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A,
1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rain — Ljnh. — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7.ª A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Deposito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 46 100\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 28 600\$00	50 números: 33 850\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____ Telef. _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Uma grande festa logo desde a abertura

Sete da tarde de sexta-feira. Parou a chuva na Quinta da Atalaia. Abrem-se as portas aos primeiros visitantes da 22ª Festa do «Avante!».

Na Praça da Paz, entre o Pavilhão Central e os pavilhões de Lisboa, de Setúbal e do Alentejo, concentram-se umas centenas de militantes e apoiantes do PCP e da JCP, muitos dos quais participaram com empenho e satisfação na construção da festa, oferecendo horas, dias, semanas de trabalho. A humidade do aguaceiro prolongado deixava ver nalguns rostos e ouvir nas conversas alguma preocupação quanto ao efeito que teria na festa aquela partida do São Pedro.

Poucos minutos depois, de um palanque para onde subiram também alguns dirigentes do Partido e membros da Comissão Executiva da Festa do «Avante!», Carlos Carvalhas dava as boas vindas a mais esta edição da *grande festa da democracia, da liberdade e da alegria, festa do povo e da juventude, sempre renovada, sempre ponto de encontro de militantes, de amigos e de companheiros.*

Os aplausos sublinharam de modo vibrante que esta é uma festa para todos, uma festa com calor humano que procura não excluir ninguém, uma festa reconhecida como um grande evento político-cultural e que, nos seus diversos planos e nos seus aspectos mais tocantes e mais fraternos, exprime também os valores e os ideais que impulsionam, inspiram e dinamizam a intervenção e a luta desse grande colectivo que é o Partido Comunista Português.

Aos aplausos juntaram-se os gritos ritmados de *PCP! PCP!*, enquanto Carvalhas acrescentava que, *visitada todos os anos por cidadãos dos mais diversos credos e quadrantes políticos, a Festa do «Avante!» é também um grande espaço de solidariedade com os trabalhadores e os povos em luta.*

Já o sol rompia por entre as nuvens, ajudando a aquecer o fim da tarde. Da tribuna, lembrava o dirigente comunista que *no nosso país, temos pela frente importantes batalhas, como a regionalização, e que o governo com o rótulo de socialista quer persistir com a política neoliberal, intensificando a concentração da riqueza, e quer persistir em concretizar um novo conjunto de graves alterações às leis laborais que põem em causa, se aprovadas, direitos essenciais duramente conquistados.* Daí, a importância da Festa do «Avante!» também como um *grande espaço de debate e informação, de mobilização e de luta contra políticas injustas, retrógradas e hipócritas.*

Apontando o sentido da intervenção dos comunistas nos próximos meses – cujas linhas seriam desenvolvidas no comício de domingo à tarde – Carlos Carvalhas prevenia que, *se não alterar a sua orientação, nomeadamente em relação às reformas salariais e legislação laboral, o governo será o responsável pela desestabilização social que se venha a verificar.* Como o País não é um pavilhão da utopia ou uma realidade virtual, é necessário mudar de rumo e abandonar uma política neoliberal que também é defendida pelo PSD e PP, partidos que têm estado de acordo com o essencial da política do PS, que fizeram as negociações da revisão constitucional, dos referendos, que viabilizaram os Orçamentos propostos pelo governo.

Na avenida alinhava a banda da União Artística Piedense, que daí a pouco, acabado o discurso de abertura, avançaria pela praça com os acordes da «Marcha do MFA». Pelas duas

entradas da Quinta da Atalaia continuavam a chegar mais e mais pessoas, nos restaurantes começavam a formar-se as primeiras filas. Nos rostos e nas conversas que ainda há pouco se mostravam húmidos da chuva passa a dominar uma expressão de contentamento. E ainda não se sabia que só voltaria a chover no domingo à noite, perto da hora do fecho.

■ DM



Três momentos da abertura: a chegada de Carlos Carvalhas, o «Avante, camarada» após o discurso e o início de uma «volta» do secretário-geral pelo terreno da festa, entrando pelo pavilhão central



Raízes de sempre, projecto de futuro, batalhas do presente «Cá estamos» bem vivos na festa do Manifesto



No Pavilhão Central da Festa do «Avante!», a mensagem política surgia em três grandes temas: os 150 anos do Manifesto Comunista, o Programa do PCP e a actual situação política em Portugal.

Entrando pela Praça da Paz, o visitante tinha logo à sua esquerda o espaço da imprensa comunista. Podia aqui comprar o «Avante!» e «O Militante», ou fazer até uma assinatura das publicações do Partido. Para uns recordarem e outros ficarem a conhecer, ali estava insta-

lado um prelo dos tempos da clandestinidade. Com as paredes decoradas de primeiras páginas, o espaço onde por várias vezes se esteve «à conversa com...» dirigentes do PCP foi dedicado a mostrar que «quem não lê o «Avante!» não sabe» de muita coisa impor-

taque que vai pelo mundo e pelo País – e lá estava, em vídeo e em papel, uma manifestação que as televisões e a generalidade da imprensa ignorou, mas que «existiu mesmo» e até foi noticiada no órgão central do Partido com o merecido destaque.

Paredes meias, sempre a uma temperatura mais amena como exigem os computadores, encontrava-se o «sítio» da Internet – para conhecer a página do PCP e para «navegar» a sério na rede mundial.



À entrada do Forum estava afixado o programa dos debates centrais, que no sábado e no domingo ali tiveram lugar, com a participação de centenas de pessoas – dezenas delas aproveitaram a oportunidade para se chegarem ao microfone e dizerem de sua justiça.

Na banca – continuando a rodar pela esquerda – o visitante do Pavilhão Central podia comprar diversas recordações da festa e contribuir, como em muitos outros stands, para a campanha de solidariedade com Cuba.

Começava depois a observar as exposições políticas. Interrogado se «o capitalismo triunfou?», mergulhava num corredor escuro que se iluminava à sua passagem e onde se lembravam factos de desigualdades, injustiças, guerras, miséria multiplicada por muitos e riqueza concentrada em poucos. O choque da luz do dia marcava a passagem para o espaço onde se mostrava os motivos e o valor da luta dos comunistas, de Marx aos nossos dias.

«A esquerda que faz a diferença» - gritada em letras vermelhas sobre fundo branco, a palavra de ordem chamava o



nosso visitante para a exposição dedicada à actualidade nacional. Das privatizações à regionalização, chegava à intervenção dos comunistas na Assembleia da República, no Parlamento Europeu e no poder local, contemplando com um sorriso os actuais «tachos» de antigos governantes, que perderam «a dança do poder».

Refrescando os olhos no fontanário criado no meio do pavilhão, o visitante descia até ao «Café da Amizade», para refrescar a boca e o corpo casti-



■ DM

Todos

A Festa do «Avante!» deste ano foi anunciada como «uma festa para todos», num tão claro como oportuno contraponto às festas que, logo à nascença, são pensadas apenas para um determinado público - como a Expo das elevadas despesas e dos farnéis proibidos.

Carlos Carvalhas, na abertura, reafirmou que «a grande festa da democracia, da liberdade e da alegria, festa do povo e da juventude, sempre renovada, sempre ponto de encontro de militantes, de amigos e de companheiros» é «uma festa com calor humano que procura não excluir ninguém».

Os três dias de festa mostraram, mais uma vez, que é assim: «todos» foram à Quinta da Atalaia, independentemente das suas convicções políticas e de outras características que nos fazem ser diferentes e iguais ao mesmo tempo. Quem esteve na festa, viu e sentiu uma total ausência de exclusão. Ninguém levou uma pancada mais forte nas costas por vestir uma t-shirt de uma reunião socialista em Cascais. Cumprimentaram-se com a mesma exuberância de sempre aqueles amigos - ele socialista, ela comunista - que trabalham juntos na colectividade do bairro ou na junta da freguesia. Passearam à vontade e muito satisfeitos os namorados que vestiam roupas caras e levavam no bolso o cartão do PP passado em Aveiro. Sentiram-se como peixes na água os milhares de jovens que são «aquilo que outras gerações não querem ou não percebem que sejam» (como disse Ângelo Alves no comício de domingo). Não sofreram coacção nem tiveram receio de qualquer espécie os que não são comunistas ou até não se interessam especialmente por política. Tudo isto, com maior ou menor animosidade para com a Festa e o partido que a faz, foi bem mostrado por quem tem o ofício de dar notícias.

Por ignorância ou por militância anticomunista, um ou outro comentário, uma ou outra fotografia, este ou aquele outro enfoque numa reportagem mostraram uma nítida vontade de retirar à festa o seu significado político e tentar limitar aos «cops e afins» os motivos da grande afluência popular à Festa do «Avante!». A força da festa acaba por conter as fúrias dos autores e dos seus mentores. Sabem uns, outros tinham obrigação de saber que a Festa do «Avante!» é «reconhecida como um grande evento político-cultural e que, nos seus diversos planos e nos seus aspectos mais tocantes e mais fraternos, exprime também os valores e os ideais que impulsionam, inspiram e dinamizam a intervenção e a luta desse grande colectivo que é o Partido Comunista Português» - como Carlos Carvalhas salientou sexta-feira. Deveriam uns saber e outros sabem que «o êxito e o impacto da Festa do «Avante!» não podem ser separados do facto de que aqui se respira uma firme confiança no valor e no futuro dos nossos ideais e convicções comunistas» - como sublinhou o secretário-geral do PCP no comício de domingo. A uns e outros teremos que dizer: encontramos-nos no próximo ano, na Atalaia - todos!

■ DM



No debater é que está o ganho...

O coração da festa é um lugar privilegiado para a troca de experiências, de informações e de opiniões entre os dirigentes e eleitos comunistas e aqueles que lhes confiam o voto.

Para muitos agentes políticos, o encontro com o povo e os eleitores é uma obrigação a que se sujeitam nas campanhas eleitorais, nas inaugurações solenes e quando os protestos lhes impedem a passagem. São estes, regra geral, que mais alto gostam de clamar por medidas de protecção das maiorias artificiais, apresentando-as como a «aproximação de eleitos e eleitores» que não são capazes de praticar.

No pavilhão central da Festa do «Avante!» mostrou-se aquilo que os dirigentes do PCP e os eleitos comunistas praticam como regra, seja em conversas com uma ou duas dezenas de pessoas, seja em colóquios e sessões mais formais e com um mais amplo auditório.

«A conversa com...», no espaço da imprensa do Partido, versou temas como as lutas das mulheres ou dos trabalhadores, os 150 anos do Manifesto Comunista, a luta na clandestinidade, a informação no «Militante», a distância que vai do prelo à Internet.

No «forum» estiveram em debate os problemas laborais e a ofensiva legislativa desencadeada pelo Governo PS, o combate pela regionalização e o próximo referendo, e ainda a nova política necessária para o novo século.

Jerónimo de Sousa alertou, especialmente os jovens trabalhadores e aqueles que ainda têm como principal preocupação encontrar um emprego, para os perigos das alterações que ameaçam direitos arduamente conquistados com a luta das gerações operárias ao longo de décadas: o trabalho a tempo parcial, o conceito de salário, o alargamento do período máximo de contratação a prazo, o esbatemento das fronteiras do trabalho nocturno... «Querem criar uma espécie de geração 2000 sem quaisquer direitos», acusou.

Paulo Trindade relatou alguns factos recentes da privatização de serviços públicos, que acompanha a redução das funções sociais do Estado. Com exemplos da Saúde, do Ambiente, da Educação mostrou como a privatização e a ofensiva contra os direitos dos trabalhadores do Estado e contra o emprego marcham lado a lado pela mão do Governo PS.

Lino de Carvalho prestou informação detalhada sobre a actividade do Grupo Parlamentar comunista para travar a ofensiva legislativa e para tentar defender na Assembleia da República direitos e reivindicações justas, como as garantias de trabalhadores transferidos para empresas resultantes de reestruturações e desmembramentos ou como a legislação para agravar significativamente as coimas aplicadas às empresas que violem leis laborais.

José Ernesto Cartaxo lembrou as lutas mais recentes e realçou que, como mostra a experiência, resistir, protestar e reclamar, em unidade e com firmeza, é a caminho que garante aos trabalhadores

melhores salários, respeito pelos direitos, redução dos horários e melhores condições de trabalho e de vida.

Daniel Branco salientou diversas vantagens da instituição de regiões administrativas no Continente e criticou os sucessivos governos por nunca terem feito a descentralização e a municipalização que agora vêm defender alguns adversários da regionalização.

Alfredo Monteiro apontou algumas consequências da falta de coordenação a nível regional e da ausência de uma boa relação dos municípios com o poder central, derivada do calvário que provocam os mecanismos das actuais Comissões de Coordenação Regional.

Lúis Sá situou o surgimento das regiões em Portugal no reinado de D. Dinis e apresentou esclarecedores números da actualidade: existem 73 «regiões», entre CCRs, agrupamentos de distritos e divisões regionais de diferentes ministérios; as CCRs, dirigidas por rostos que não se sujeitam ao voto popular mas dependem apenas da nomeação governamental, gerem centenas de milhões de contos em nome dos interesses regionais. Classificou a regionalização como uma questão de cidadania, que visa alargar a participação popular no poder, e sublinhou que, mesmo não olhando ao resultado final das votações, os actos eleitorais traduzem-se sempre em benefícios para as populações.

Manuel Carvalho da Silva valorizou a actualidade do socialismo e da análise marxista da sociedade, e apontou a valorização do trabalho como traço indispensável de uma política para o século

XXI que constitua alternativa ao capitalismo, reclamando a realização das possibilidades hoje existentes de, com a maior riqueza que é criada, todos poderem viver melhor.

Ilda Figueiredo enalteceu o significado da Revolução de Outubro e do 25 de Abril para a consagração do estatuto de igualdade de direitos e oportunidades das mulheres, a nível internacional e em Portugal. Lembrando que os movimentos femininos mais importantes se colocaram sempre do lado dos explorados e contra os exploradores, expressou o desejo de que o século XXI seja «o século das mulheres».

Manuel Gusmão chamou a atenção para as posições defendidas pelos comunistas no referendo sobre a despenalização do aborto, notando como ficou bem expressa a interligação entre os interesses de classe (as mulheres das classes exploradas são as que mais sofrem com o aborto clandestino) e os valores da cidadania e dos avanços civilizacionais.

Do lado da plateia ouviram-se dezenas de intervenções, algumas delas nitidamente produzidas por quem até não tem o hábito de botar faladura. Manifestaram discordâncias e acordo, relataram sofrimentos e alegrias, compartilharam preocupações, reclamaram respostas, deixaram alertas.

Foram suscitadas novas reflexões por parte de cada um de nós e foi reafirmada a necessidade de continuar o estudo e a discussão colectiva - como disse José Casanova, ao dar por encerrado, já muito perto da hora do comício, o debate de domingo à tarde.

Os gostos e os gestos

Mais uma vez, as diversas Organizações Regionais do Partido levaram à Festa as realidades e vivências concretas de todas as zonas do País, erguendo no recinto da Atalaia uma amostra completa dos quotidianos, hábitos e culturas de que Portugal é feito.

Uma vasta quadrícula de pavilhões ofereceu de novo ao visitante os produtos do trabalho e do talento dos portugueses onde quer que vivam, seja através duma impressionante panóplia de artesanatos, manufacturas e criações artísticas, seja pela apresentação das mais variadas iguarias e invenções gastronómicas, tudo confluindo numa completa exposição do carácter multifacetado e criador de um povo. As exposições políticas de cada uma das representações completava o bilhete de identidade de cada região, mostrando os seus problemas concretos, anseios, exigências e lutas. Este ano, a Regionalização era quase tema obrigatório nestas exposições, apresentando as vantagens que esta importante reforma administrativa há-de trazer para todos, quer local, quer nacionalmente.

As representações regionais são uma das traves mestras da Festa do *Avante!* e os seus pavilhões uma passagem obrigatória para os visitantes, que ali têm, numa contiguidade à distância de alguns passos, ora o queijo de Nisa ora o cabreiro da Serra da Estrela, aqui a sopa de pedra de Almeirim ali o javali da Guarda, num sítio os bordados de Amaranthe e noutra mais além os tapetes de Arraiolos, agora um bom tinto alentejano mas daí a pouco o convite para um verde-lho açoriano, num momento a

tentação pelas cristas de galo de Trás-os-Montes e no outro o desafio dos bolos de mel da Madeira, para não falar das hesitações e tentações entre os barros de Júlia Ramalho ou os do Redondo, os bordados de Viana de Castelo ou a tapeçaria de Bragança, para apenas darmos alguns exemplos.

Tomando por critério a ordem alfabética, falemos então um pouco dos gostos e dos gestos que fazem este País e que mais uma vez estiveram presentes, na primeira pessoa.

O **Alentejo** este ano apresentou uma adega alentejana devidamente recriada no recinto, oferecendo vinhos, enchidos e queijos dos seus três distritos (**Portalegre, Évora e Beja**), onde nem faltava o típico pão alentejano. Junto à adega funcionaram *stands* expondo produtos regionais do que melhor se produz nesta região, nomeadamente manufacturas em couro, pele, cortiça e barro, a par de vestuário e tapeçaria diversa, enquanto nos bares imperavam os petiscos e nos restaurantes os pratos tradicionais como o ensopado de borrego e o cozido de grão. É de destacar a apresentação alentejana de uma caravela reproduzida com criatividade e que se transformou, rapidamente, num pólo de atracção da Festa.

Os **Açores** também lá estavam com as suas morcelas, a lin-

guia e o queijo de S. Jorge, o ananás, a angelica, os licores de maracujá, os vinhos verdeiro, Terras de Lava e Basalto, o bagaço do Pico e diversas peças de artesanato regional em madeira e barro.

No **Algarve** reinou mais uma vez o marisco, em restaurantes com créditos firmados na Festa e onde não faltou a animação, ao vivo, com artistas populares algarvios. O seu bar-cocktail garantiu um serviço de misturas exóticas donde resultaram bebidas únicas, com e sem álcool, enquanto a doçaria algarvia não deixava créditos por mãos alheias. O mesmo sucedeu com **Aveiro**, onde o genuíno leitão da Bairrada, fornecido pela Associação de Produtores Assadores do Leitão da Bairrada, desencadeou longas filas de esfomeados e outros gulosos, que ali se regalavam igualmente com o tradicional espumante e outros vinhos da região, a par dos incontornáveis ovos moles e pão-de-ló.

Braga caprichou de novo na decoração, distinguindo-se pela grande fachada decorativa com belos arcos de romaria enfeitados. Lá dentro, a oferta era como sempre variada, desde as tascas, bares e restaurantes com os seus petiscos, pratos regionais, vinhos e iguarias da região, até ao diversificado artesanato, de que respigamos a olaria de Barcelos, as mantas de Vila Verde, os cestos de Braga, os chapéus de Fafe e os barros de Júlia Ramalho.

Bragança trouxe uma novidade gastronómica que se tornou num sucesso quase instantâneo: a célebre *posta à mirandesa*, que no sábado, segundo dia da Festa, já se tinha esgotado,



deixando desolados incontáveis convivas. Que, diga-se, não ficaram «descalços»: tinham em alternativa a apetitosa feijoada à transmontana, de merecida fama, a par dos canelos e do caldo verde. Quanto aos produtos à venda, o difícil era escolher por entre um variado artesanato (instrumentos musicais de Nogueira, estatuetas de Sendas, máscaras de Ouzilhão e Vares, cutelaria de Palaçoulo...) e uma diversificada amostra de mel, queijos e vinhos.

Castelo Branco e Guarda partilharam de novo o mesmo espaço para apresentar uma bela tábua de queijos da serra e cabreiros, mel de urze vindo da Serra da Estrela e de rosmaninho colhido no Vale do Côa, e uma panóplia de chouriços, salpicões, farinheiras, morcelas e paios, tudo estribado em vinhos à mão de beber e de comprar na taberna regional, com néctares de Vila Nova de Foz Côa, Freixo de Numão, Mêda, Pinhel,

Vila Franca das Naves, Figueira de Castelo Rodrigo, Vila Nova de Tazem, São Paio, Covilhã ou Fundão. Na churrasqueira reinvava o maranho e o bucho recheado, que podiam ser apreciados numa aprazível esplanada sobranceira ao palco principal.

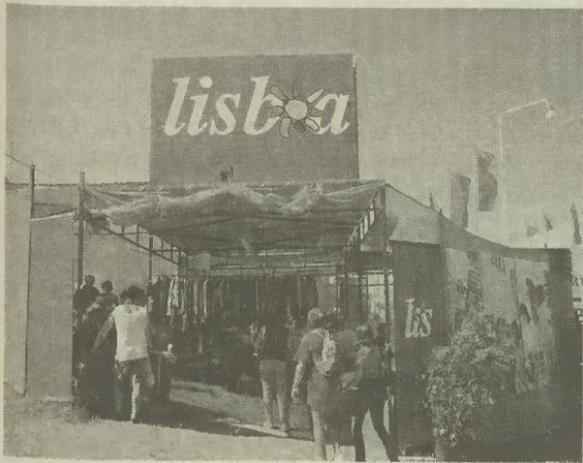
Coimbra evocava no seu espaço a cidade do Mondego, apresentando o Arco de Almedina, o Largo da Sé, a Universidade e algumas das mais características «repúblicas» de estudantes, oferecendo uma excelente esplanada servida por um bar à altura. A gastronomia da região estava obviamente presente, sem esquecer o folclore representado por um rancho, enquanto no Cantinho da Boémia as noites estavam reservadas aos fados e baladas de Coimbra e à música de intervenção.

Leiria apresentou uma assinalável amostra de vidros da Marinha Grande, enquanto o pão com chouriço cozinhado em forno próprio e à vista do clien-

te confirmou a sua popularidade na Festa. Uma quermesse com mais de 5000 prémios e uma ementa variada enriqueciam a oferta, sendo de assinalar que a ginja de Alcobaça foi uma das especialidades que não passou despercebida aos visitantes.

Lisboa, instalada num dos topos do terreno, espraiava-se pela colina numa diversificada oferta política, cultural e gastronómica. No café-concerto, pólo de animação e debate, estiveram em evidência as vidas e as obras de Garcia Lorca e de Bertolt Brecht e os 150 anos do Manifesto Comunista, num programa que incluiu espectáculos musicais e momentos de poesia e de teatro. Os vários pavilhões tinham esplanadas e zonas de sombras aumentadas, sendo o recinto enriquecido com a presença refrescante de um lago e de uma cascata. A animação esteve sempre presente, incluindo jogos tradicionais, palhaços, figuras típicas da Feira da Ladra





e fandango, no restaurante de Vila Franca de Xira. Artesanato da região, um «sai sempre», uma Feira da Ladra, a Boutique Atalaia e o pavilhão do colecionador eram outros centros de interesse no espaço de Lisboa, que apresentou igualmente uma diversificada oferta gastronómica com mariscos, grelhados, leitão de Negrais e petiscos diversos, servidos em mais de uma dezena de bares e restaurantes levantados pela Organização Regional de Lisboa.



A Madeira abriu o apetite aos visitantes com a afamada espetada regional, a acompanhar pela sopa de trigo, seduzindo-o depois com a doçaria e os vinhos - em especial o Madeira -, a poncha e a aguardente de cana, mais os variados licores maturados no Atlântico. O artesanato local era fascinante, como sempre: chapelaria, bordados e vimes, sem esquecer os engraços pinguinhas (brinquedos articulados) e as «botas de vilão», manufacturada cada vez mais rara.



O Porto, estrategicamente sobranceiro ao palco principal, dava grande relevo na sua exposição à criação da Região Entre Douro e Minho, enquanto os seus vários pavilhões mostravam uma grande variedade de produtos: lá estava Vila do Conde com casacos, tapetes, cobertores, camisolas e mantas, a Póvoa de Varzim com tapetes e mantas, Santo Tirso com artesanato de cerâmica de Roriz, Amarante com bordados, cavaquinhos e couros, Gondomar com a bela filigrana de Valbom, além, é claro, de um pavilhão exclusivo para o vinho do Porto. Quanto à gastronomia, nem é bom falar: ele era o rancho e o arroz com moelas de Matosinhos, a sopa à mineiro e a febra no prato de Valongo, os pratinhos de presunto e salpicão de Penafiel/Amarante, o bacalhau com grão e rojões de Santo Tirso, a sopa de nabos e a orelha com feijão



verde de Gondomar, os bolinhos de bacalhau com feijão frade da Maia, e por aí fora...

Santarém evocou na Festa as lutas do Couço de 1958/62, numa exposição que celebrou os 40 anos do início de uma ofensiva dos operários agrícolas desta freguesia do Sul do Distrito pela jornada das oito horas e que chegou a perturbar o regime salaza-

rista. Na Tasca Ribatejana lá estavam a sopa da pedra, o caldo verde, os vinhos do Ribatejo, as tigeladas de Abrantes, o pão-de-ló de Rio Maior, os bolos de cabeça de Rio Maior, o vinho generoso de Alpiarça.

Setúbal instalou no seu vasto recinto a magnífica reprodução dum conjunto monumental do Cabo Espichel que tem de um

lado uma igreja e do outro um farol, ornamentação que chamava a atenção de todos os visitantes. Um palco próprio onde passaram nomes conhecidos da música portuguesa constituiu outra novidade trazida este ano por esta Organização, que não «adormeceu» à sombra do prestígio que a sua restauração granjeou na Festa e apresentou-se de novo, e em força, com as suas enguias e as suas infinitas artes de cozinhar peixe e marisco.

Viana do Castelo dispôs este ano de quase 500 m² de zona coberta, onde funcionaram três áreas dedicadas ao artesanato, aos produtos e doces regionais e a uma adega com serviço de bar e restaurante, com mais de 200 lugares sentados e à sombra. Ali se serviam os petiscos da região, o incontornável vinho verde branco e tinto fornecido pela Adega Cooperativa de Ponte de Lima. Engarrafados e à venda, lá estavam, entre outros, o Alvarinho e o Muralhas de Monção.

Vila Real, no capítulo da gastronomia, teve como prato forte o javali, bem coadjuvado pela caça miúda, coelho, lebre e perdiz, tudo dando boa conta dos gostos e sabores transmontanos. Quanto aos muitos produtos à venda, destaque-se os vinhos de Mesão Frio, Murça, Alijó, Chaves e o moscatel de Faveiros e assinale-se o vinho tratado do Douro tendo por «cálice» um magnífico bolo - a cavaca - que depois de embebida é igualmente deglutida. Uma delícia.

Viseu apresentou duas feiras de produtos regionais, uma dedicada ao artesanato e a outra aos vinhos, onde se destaca os do Dão, de Lafões e de Vale de Távora, uma escolha tão difícil que apeteia levá-los todos. Quanto aos produtos regionais, a escolha também se impunha face à diversidade dos produtos apresentados.

Modificar comportamentos

A forte afluência de visitantes voltou este ano a ser uma constante no Pavilhão da Mulher. Motivos de interesse, a justificá-la, não faltaram. Fosse pela exposição política, fosse por uma revigoradora pausa na esplanada de apoio à "tendinha" onde segredos caseiros serviram de base a comprovadas delícias, quem por lá passou não deu o seu tempo por perdido.

Privilegiadamente situado num ponto altaneiro orientado para a vasta Praça da Paz, na Avenida que desagua no Palco 25 de Abril, o Pavilhão da Mulher teve ainda uma razão adicional que fez prender a atenção do visitante. Falamos da Boutique de Ocasão, uma novidade que se constituiu à sua escala numa pequena réplica da "Feira da Ladra", onde uma vasta gama de artigos, do livro ao disco ou à peça de vestuário - todos eles oferecidos por militantes comunistas ou simplesmente amigos do Partido - podiam ser obtidos por bom preço.

Mas este ponto de encontro obrigatório de todos quantos estão mais ligados ao movimento feminino teve como momento alto da sua programação o lançamento de um pequeno livro dedicado à problemática da igualdade, das mentalidades e dos comportamentos a ela associados.

Com o sugestivo título "Pensando Duas Vezes... Modificam-se Comportamentos", esta edição de 10 mil exemplares da responsabilidade da Organização das Mulheres Comunistas, que vai agora ser distribuído nas escolas e nos movimentos associativo e sindical, foi ainda pretexto e tema para o debate que a meio

da tarde de sábado juntou uma interessada plateia que encheu por completo a área da esplanada.

Dirigido por Conceição Morais, num ambiente vivo e participado, o debate veio a revelar-se um oportuno momento de reflexão sobre os valores que estão na base das atitudes e comportamentos discriminatórios que ferem e condicionam nos mais variados planos a igualdade entre homens e mulheres.

Marta Ornelas, que ilustrou o livro, sublinhou a sua satisfação por ter dado um "contributo para a luta emancipadora das mulheres", enquanto Regina Marques pôs o acento tónico na "importância da batalha das ideias, pelas nossas convicções", lembrando que para "modificar comportamentos" não basta o "pensamento intimista". "Há que falar, discutir, problematizar com os outros, perceber para onde queremos

ir", enfatizou, antes de expressar a convicção de que não é possível "mudar comportamentos se não houver um olhar crítico sobre a sociedade".

Paulo Sucena, por sua vez, chamou a atenção para o facto de cada homem e cada mulher não poderem ser vistos isoladamente, uma vez que, lembrou "são eles e as suas circunstâncias" e, como bem sabemos, a "História evolui", as "mentalidades não são iguais", como "não são iguais as circunstâncias". Por si realçado foi também a importância da luta concreta e "seus reflexos na sociedade", bem como do papel do sistema educativo no sentido de "um maior igualitarismo, papel esse que, todavia, não pode deixar de ser igualmente assumido pelas famílias.

Da mudança de comportamentos e mentalidades em relação às condições da mulher na sociedade falou ainda, desenvolvendo, o camarada Aurélio Santos. Analisando a questão desde as "primeiras formações sociais fundadas sobre a propriedade privada" e depois de demonstrar como o "processo histórico de desenvolvimento da sociedade humana mostra uma ligação muito estreita do estatuto da mulher com as estruturas económicas e sociais dominantes e as suas transformações", fez notar, em conclusão, que "sendo as condições de subordinação social da mulher hoje condicionadas de forma determinante pelas estruturas e concepções ligadas à exploração capitalista, uma mudança de mentalidades em relação à mulher está directamente ligada à luta geral contra a exploração capitalista, pela emancipação dos trabalhadores".

■ J.C.



Espaço de reencontros

Canadá, 3.3. 1981; Lion, 3.7. 1971; Moçambique, 2.5. 1998; Itália, 3.7. 1991; Londres, 1.3. 1975. Nas datas e destinos, multiplicados por outras tantas paragens, simbolizados estavam em carimbos de passaporte os locais de chegada de compatriotas nossos que, por motivos vários, incluindo a busca de melhor vida, rumaram mundo fora. Decorando todo o balcão do bar e do "sai-sempre", ao traduzir um momento de partida, representaram também, no Pavilhão da Emigração, um ponto de confluência e de chegada. Este o fio condutor de um espaço que voltou a ser, e cada vez mais, de reencontro e convívio de emigrantes e ex-emigrantes que ali sabem poder obter a desejada informação deste camarada ou amigo, da organização do Partido nesta ou naquela cidade ou região.

Factor este que explica, aliás, em larga medida, a forte afluência ao pavilhão, que, como em anos anteriores, voltou a ser uma realidade. João Armando, responsável pelo sector, disse mesmo nos dá conta, lembrando, a propósito, a presença de camaradas, em férias, de proveniências tão diversas, para só citar alguns, como a Austrália, a Holanda, a Suécia, a França, o Brasil, a Bélgica ou a Alemanha.

A caracterizar o espaço, tão marcante quanto esta forte pre-



sença e diversidade, só mesmo a disponibilidade revelada e o contributo dado por esses militantes comunistas na organização e funcionamento do pavilhão durante os três dias de Festa.

Um contributo que não se esgotou nos turnos de trabalho a servir a salsicha alemã (que esgotou sábado à noite a quantidade inicialmente prevista para os três dias) ou o champagne da região francesa que lhe deu o nome - uma novidade este ano servido à taça ou à garrafa -, mas que teve igualmente expressão no apoio à divulgação das posições do PCP relativamente aos problemas dos emigrantes portugueses.

Mensagem política que foi igualmente veiculada através dos painéis da exposição política onde era possível conhecer não apenas a intervenção e ligação das organizações do PCP junto dos emigrantes nos respectivos países de acolhimento, como também a actividade desenvolvida pelo Sector de

Emigração, sediado em Lisboa, que, por exemplo, editou para a Festa um número especial do seu Boletim "Emigração", largamente distribuído aos visitantes.

■ J.C.



Não baixar os braços

Concluíram profissionalmente a sua vida activa, cumpridos que foram anos a fio de labuta, mas não baixaram os braços por melhores condições de vida e pela sua participação na comunidade. São os reformados, uma larga camada da população que não desiste de lutar pelo direito a "viver a reforma com dignidade e bem-estar", como sublinhava um dos painéis presentes no espaço a eles reservado na Festa.

Pela integração plena dos deficientes

A mobilização pela defesa dos seus direitos, pela integração e pela dignificação das suas condições de vida, voltou a ser um elemento marcante no espaço dedicado aos Deficientes. Desse caminho feito de muitas e persistentes lutas falava a exposição distribuída por quatro painéis onde o visitante podia encontrar vasta informação. Realce, no seu conteúdo, mereceram sobretudo as múltiplas acções envolvendo os cidadãos portadores de deficiência em torno daqueles objectivos. Jornadas de luta que se materializaram das mais diversas formas. Lembradas, por exemplo, foram as concentrações, semi-

nários ou vigílias. Como recordada foi a permanente e solidária luta e intervenção do PCP em defesa dos interesses e direitos dos deficientes.

Uma luta que vai prosseguir e ganha novo fôlego no momento político presente face ao incumprimento das promessas feitas pelo Governo do PS. "Muitos deficientes começam a perceber que as promessas feitas pelo PS não passaram disso mesmo e que é no PCP que encontram o mais consequente defensor da resolução dos seus problemas", disse Zeferino Ribeiro, membro da Comissão Nacional do PCP do Movimento de Deficientes, justificando assim, também por esta via, a adesão de novos quadros ao Partido verificada nos últimos meses.

Da mesma opinião são os camaradas Matos Almeida e

Rosa Guimareno, igualmente membros daquele organismo, que acrescentam que não obstante a "mudança de linguagem, bem como a aparente mudança de atitude dos governantes, a verdade é que na prática os problemas mantêm-se".

A este respeito, lembram, por exemplo, todos os problemas que impedem a integração de facto dos deficientes, como sejam, as barreiras arquitectónicas, os transportes ou o ensino integrado, chamando ainda a atenção para um numeroso conjunto de outras questões, como a dispersão das instituições, o valor das pensões, as ajudas técnicas (cadeiras de rodas, próteses, etc.) ou os cuidados de saúde.

■ J.C.



A audácia de conquistar

Cor e movimento, muita alegria, boa música, debate político, convívio, ambiente de festa, foram ingredientes que concorrem para que a Cidade da Juventude voltasse a ser um permanente espaço de animação por onde passaram muitos e muito milhares de jovens.

Magnificamente situada, paredes meias com o grande "círculo de verde" fronteiro ao Palco 25 de Abril, a decoração dos seus 44 módulos, estilizando ruas e edifícios, sugestionava claramente o ambiente urbano em que intervêm as organizações da JCP e seus militantes.

Uma imagem sublinhada pela reprodução de vários murais temáticos que ao longo dos anos vêm marcando no espaço urbano a acção dos jovens comunistas em defesa dos interesses e direitos juvenis. "O racismo é uma doença que só afecta as mentes ignorantes. Vacina-te. Adere à JCP", podia ler-se num desses murais.

Organizada de um modo a permitir uma melhor circulação e uma melhor e mais ampla fruição do espaço, a Cidade teve ainda o seu "marco de urbanidade" fundado em duas torres com mais de oito metros de altura onde duas figuras - um rapaz e uma rapariga - simbolizavam de punho erguido a luta dos jovens comunistas.

Uma luta que a exposição política testemunhou ao longo de vários painéis centrados nas grandes questões concretas que hoje mais afectam ou preocupam os jovens: a educação, o emprego, a interrupção voluntária da gravidez. Por assim ser, em textos curtos e directos, lá estava um painel lembrando ao visitante que o "aborto clandestino existe", atingindo mais de 20 mil mulhe-

res por ano, das quais morrem em média 15, sendo que 30 por cento do total das mulheres que abortam têm menos de 15 anos. Ou aquele outro alertando para as

um espaço de convívio e de discussão política - , pelo palco do Café Concerto passaram bandas inseridas nas mais variadas correntes musicais, que actuaram,



propostas do Governo PS no plano laboral visando "uma geração sem direitos". Ou ainda o painel dedicado à educação onde se afirma que esta "é um direito, não é um serviço", concluindo que os "direitos não se pagam, conquistam-se!"

Dos principais problemas juvenis se falou também, ao longo dos três dias, no Café-Concerto. Combinando equilibradamente as duas componentes para as quais estava vocacionado - ser

sempre com êxito, para um público vasto e entusiasta.

Um grau de adesão em tudo idêntico ao que se verificou no decorrer dos debates políticos que ali tiveram lugar ao longo dos três dias. Isso mesmo teve o repórter oportunidade de constatar na noite de sexta-feira durante a discussão sobre as propostas do Governo PS em matéria laboral. Subordinado ao tema "Sem emprego não há futuro, e emprego sem direitos não é futuro para



ninguém", o debate contou com a presença de Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política, que, referindo-se às verdadeiras intenções do Governo nesta matéria, deixou um alerta: "alguém quer tramar a juventude e criar uma geração 2000 sem direitos". Este seria, aliás, o mote da sua intervenção, ao longo da qual pôs em relevo o papel decisivo da luta dos trabalhadores para impedir a destruição de direitos por si conquistados.

Direitos esses que o Governo PS quer agora pôr em causa, não exactamente aos trabalhadores actualmente no activo - "a esta geração sabem que têm dificuldade em tirar direitos", frisou Jerónimo de Sousa -, mas às novas gerações que vão entrar no mercado de trabalho já a partir de 1999.

"O Governo quer tramar a juventude através de uma alteração de fundo ao que é hoje o edifício jurídico laboral portu-

guês", acusou o dirigente comunista, dando como exemplos dessa linha de ataque aos direitos dos trabalhadores o conceito de trabalho parcial, as alterações no plano das férias, dos contratos a prazo, do Sistema de Segurança Social, os conceitos de turno e de retribuição, todo um conjunto de diplomas que, concluiu, "têm um privilegiado: o capital".

A anteceder a intervenção de Jerónimo de Sousa interveio Bernardino Soares, jovem deputado que demonstrou, face ao número e tipo de iniciativas apresentadas no Parlamento, como a "JCP é a única organização que se preocupa com a juventude e quer ver os seus direitos melhorados e cumpridos". O camarada Daniel, da Direcção Nacional da InterJovem, por sua vez, deu um testemunho das lutas travadas pelos jovens trabalhadores no Norte, fazendo notar que, embora a "luta não seja fácil", é possível concretizá-la com sucesso e "mobilizar os jovens e os trabalhadores", como aconteceu no sector têxtil na luta pelas 40 horas.

■ João Chasqueira

A felicidade da pequenada

Também as crianças voltaram a ter um motivo extra para sentir e gozar a Festa. À sua maneira, bem entendido, o que equivale a dizer, simplesmente, na brincadeira ou a usufruir das actividades lúdicas oferecidas pelo bem organizado Espaço Criança. Magnificamente situado em local sobranceiro ao Tejo, constitui a divertida pausa para os pequenos visitantes que pela mão de familiares e amigos passaram pela Atalaia.

E se para os mais velhos qualquer breve estadia no local terá sido também uma oportunidade para um retemperador descanso - lá estava, ao seu dispor, uma área de apoio abrigada do sol constituída por mesas e cadeiras -, para a pequenada foram seguramente os momentos de mais agitada actividade.

É que a oferta, sendo muito e diversificada, dando resposta aos mais variados interesses, colocava, à partida, a dificuldade de escolher a brincadeira por onde começar.

Como responder aos impulsos? No parque infantil, optar por fazer escorrega ou andar de baloiço? Ir a um dos vários ateliers temáticos e fazer uma máscara ou com-

por um desenho? Participar num dos variados jogos sempre disponíveis ou assistir à feitura de dezenas de pequenos modelos em papel, incluindo moinhos de vento, reproduzindo objectos do quotidiano saídos das mãos criativas e engenhosas do camarada António Guerra, que com ternura nos fala desta magia de recriar formas a partir de uma simples folha de papel?

Não terá sido fácil, pois, a escolha da pequenada. O mais certo, estamos convictos, é que terão acabado por "ir a todas", sem esque-

cer um outro equipamento de apoio ali disponível que não lhes deu certamente menos gozo: os quiosques de gomas e gelados!

A brincar, por conseguinte, viveram a Festa as crianças que passaram pela área criada pela Associação Pioneiros de Portugal, fruindo desta maneira um direito, que, como tantos outros, está inscrito nos Direitos da Criança. Pelos quais devemos "dar as mãos", como apelava em letras garrafais o enorme painel que conformava o espaço.

■ J.C.



Espaço Internacional

Em solidário nos entendemos

■ Anabela Fino

Falar do fim da História ou da morte do comunismo é um cliché tão estafado entre nós quanto os repetidos anúncios do estertor do PCP, do seu isolamento ou do crescente desinteresse dos portugueses pela Festa do Avante!. Este ano, a causa próxima do descalabro previsto para a Festa seria a Expo'98, e não faltou quem se esforçasse por demonstrar, a priori, que a Atalaia estava destinada a ficar entregue aos militantes mais empedernidos, que é como quem diz meia dúzia de dinossauros a quem caberia a hercúlea tarefa de fazer a festa, deitar os foguetes e apanhar as canas.

Bom, afinal foi o que se viu. Nem a chavinha de sexta-feira à tarde afastou os visitantes, nem os concertos nocturnos da Expo fizeram sombra às *Canções de Atalaia* ou aos múltiplos eventos dos três dias de Festa, tal como «a morte do comunismo» não impediu a presença de 45 delegações de 36 países, demonstrando que pelo mundo fora a luta continua, e que permanece bem acesa a chama da solidariedade internacional.

Pólo tradicional de atracção, o Espaço Internacional não desiludiu os visitantes. A não ser, talvez, pela rapidez com que se esgotaram alguns produtos, deixando os menos previdentes a contarem com o calendário, não vá o percalço repetir-se para o ano. Dos exotismos asiáticos às curiosidades latino-americanas, das lembranças europeias aos artefactos africanos, tornava-se

fácil perder a cabeça e abrir os cordões à bolsa, que «um dia não são dias». E por falar nisso: quem é que não gostou de levar para casa uma camisola do Che, ou essa outra, ali logo envergada por gente de todas as idades, lembrando que «a vida são dois dias e a festa três»?

Idiomas diferentes nunca impediram a comu-

nicação entre quem deseja comunicar, pelo que entre um stand e outro, um compra não compra, a linguagem universal foi a da solidariedade. Deixar o nome numa petição ou num abaixo-assinado, fosse pelo direito de Timor à autodeterminação, de solidariedade com Cuba ou de apoio à causa da Palestina, é na Festa

algo tão natural como a leitura atenta de folhetos dando conta da luta da Frente Polisário, dos Sem-Terra do Brasil, dos comunistas do Paraguai, da Colômbia ou dos *nuestros hermanos* da vizinha Espanha, entre tantos outros.

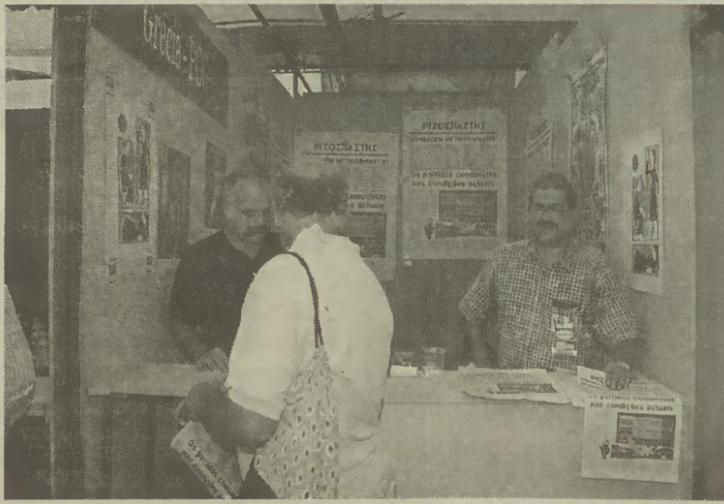
Num ambiente este ano (ainda) mais convidativo ao convívio, graças à relva (quase, quase) resistente aos milhares de visitantes, aos bancos de jardim dispersos por todo o lado e às muitas mesas a convidar à ancestral comunhão de alimentos do espírito e do corpo, o festejo dos ideais comunistas teve no Espaço Internacional a demonstração inequívoca da vocação universal comum a quantos se batem por um mundo melhor. Gente de todas as nacionalidades partilhou ideias, trocou experiências, conheceu e deu a conhecer as realidades de cada um, brindou ao futuro, criou laços, fez amizades.

Apesar da Festa ser também um tempo para recuperar forças para as lutas renhidas de todos os dias, ninguém esqueceu que os tempos são difíceis ou procurou escamotear as dificuldades. Os placards que decoravam os stands não deixaram de o lembrar, complementando a denúncia patenteada logo

ao lado, na exposição do Pavilhão Central, sobre os «êxitos» do capitalismo: milhões de seres humanos vítimas da fome, da guerra, da exploração; destruição das riquezas do planeta; o fosso cada vez mais profundo entre ricos e pobres; as monstruosas desigualdades e injustiças que grassam no mundo. E é justamente neste contexto que a solidariedade assume toda a sua dimensão humana, seja expressa na compra de artefactos, na oferta de donativos, na subscrição de documentos. Algures, noutro ponto do mundo, os que lutam sabem que não estão sozinhos, que aqui em Portugal há homens e mulheres, gente de todas as idades e de todas as camadas sociais que partilham os mesmos ideais, sentem as suas dores e alegrias, vibram com as suas conquistas.

Por nosso lado, como não agradecer a quantos, em representação de tantos milhões, vieram até à Atalaia trazer-nos com a sua presença a solidariedade que nos torna mais fortes?

Se formalmente os pontos altos desta reafirmação do espírito solidário se centraram nos «Momento de Solidariedade com o Povo de Timor», no debate sobre a NATO, no «Momento de Solidariedade com o Povo da Palestina» e no «Momento de Solidariedade com o Povo de Cuba» - de que damos conta em separado -, de maneira mais ou menos informal o ser solidário foi uma constante nos três dias da Festa. Não há distâncias, nem idiomas, nem naturais diferenças capazes de afastar quem se sente unido por laços tão profundos. Em solidário nos entendemos.





As numerosas delegações estrangeiras presentes na Festa foram recebidas, como é costume, no domingo de manhã, pelo secretário-geral do PCP.

Carlos Carvalho, acompanhado de José Casanova, Virgílio Azevedo, Manuela Bernardino e Licínio Carvalho, expôs os traços essenciais da situação política nacional e respondeu a questões colocadas pelos visitantes.

Seguiu-se um convívio entre as delegações e dirigentes do PCP



Delegações estrangeiras na Festa

Alemanha – Partido Comunista Alemão (DKP); Partido do Socialismo Democrático (PDS)

Argentina – Partido Comunista da Argentina

Bolívia – Partido Comunista da Bolívia

Bélgica – Partido do Trabalho da Bélgica

Brasil – Partido dos Trabalhadores

Partido Comunista do Brasil

Cabo Verde – PAICV

República Checa – Partido Comunista

da Bohemia e Morávia

Chile – Partido Comunista do Chile

China – Partido Comunista da China

Chipre – Partido Progressista do Povo

Trabalhador (AKEL)

Colômbia – Forças Armadas

Revolucionárias da Colômbia; Partido

Comunista da Colômbia

Coreia – Partido do Trabalho da Coreia

Cuba – Partido Comunista de Cuba

Dinamarca – Partido Comunista da Dinamarca

El Salvador – Frente Farabundo Martí para a

Libertação Nacional

Espanha – Partido Comunista de Espanha

Esquerda Unida; Partido dos Comunistas

da Catalunha; Bloco Nacionalista Galego

França – Partido Comunista Francês

L Humanité

Grã-Bretanha – Partido Comunista Britânico

Grécia – Partido Comunista da Grécia

Iraque – Partido Comunista Iraquiano

Itália – Partido da Refundação Comunista

Japão – Partido Comunista Japonês

Jugoslávia – Partido Socialista da Sérvia

Kurdistão – Frente de Libertação Nacional

do Kurdistão

Laos – Partido Popular Revolucionário do Laos

Marrocos – Partido do Progresso

e do Socialismo; Partido da Vanguarda

Democrática Socialista (PADS)

Moçambique – Partido FRELIMO

Palestina – Frente Democrática de Libertação

da Palestina; Organização de Libertação da

Palestina (OLP)

Paraguai – Partido Comunista Paraguai

Peru – Partido Comunista Peruano

Rússia – Partido Comunista da Federação Russa

Sahara Ocidental – Frente Polisário

Timor-Leste – FRETILIN

Turquia – Partido dos Trabalhadores

Uruguai – Partido Comunista do Uruguai

Vietname – Partido Comunista do Vietname

Com açúcar, com afecto

O área internacional reservou um espaço especial para a solidariedade com o povo cubano. No fim da tarde de domingo teve lugar a sessão de encerramento da campanha «Medicamentos para Cuba», com a participação de Sérgio Corrieri, membro do Conselho de Estado e do Comité Central do Partido Comunista de Cuba, de Emídio Ribeiro, da Comissão Política do PCP, e do jornalista Miguel Urbano Rodrigues.

Até àquele momento, tinham sido recolhidos na Atalaia 1400 contos para a campanha. Por cada contributo de 200 escudos, os participantes recebiam em troca um pequeno frasco com açúcar, do feio de uma ampola de vacinas. Havia ainda pequenos «pacotes» de leite para distribuir por quem contribuísse com outros valores.

Na ocasião, Emídio Ribeiro manifestou a solidariedade dos comunistas portugueses com a causa cubana e, neste âmbito, anunciou a realização algumas iniciativas que decorrerão no Porto por ocasião da Cimeira Ibero-Americana. No dia 17 de Outubro, terá lugar um desfile popular e um

de um povo que, por esse motivo, tem sido privado durante tanto tempo do acesso normal a bens essenciais, como a alimentação, os medicamentos e a energia. O bloqueio tem limitado gravemente o desenvolvimento económico, condicionado o desenvolvimento social do país e viola os seus direitos soberanos», lê-se no documento.

«Constitui uma verdadeira aberração que se mantenha neste final de século um tão prolongado bloqueio, imposto unilateralmente, que ofende princípios e normas do direito internacional e que vai ao ponto de impor sanções a empresas e instituições de qualquer país que tenha relações económicas com Cuba», acrescenta o apelo.

«O bloqueio é um acto que atinge e fere toda a humanidade», consideram os signatários, ideia reiterada por Sérgio Corrieri que se referiu à actual situação económica da ilha e às dificuldades com que o país se debateu.

No espaço internacional realizaram-se também debates sobre a situação em Timor, sobre a Nato e a Palestina.



espectáculo com artistas portugueses e, no dia seguinte, realiza-se uma corrida de atletismo.

Foi ainda distribuído um apelo contra o bloqueio norte-americano, assinado pela Associação de Amizade Portugal-Cuba e pela Comissão Regional do Porto contra o Bloqueio. «É impossível calcular com exactidão todos os prejuízos causados, mas pode avaliar-se o sofrimento



Depoimentos

Alemanha Steffen Tippach

membro da Direcção Regional de Berlim do PDS

Iniciamos neste número a publicação de alguns depoimentos de responsáveis das delegações estrangeiras presentes na Festa do Avante!. Na impossibilidade de ouvir todos os que nos brindaram com a sua visita, optámos por dar a palavra aos que, pelas situações específicas dos respectivos países, exigem uma maior atenção dos nossos leitores. Em próximas edições, publicaremos igualmente as entrevistas feitas segundo o mesmo critério.



«Na campanha eleitoral na Alemanha vivemos uma agudização da luta pelo poder entre social-democratas e os democrata-cristãos.

Os social-democratas querem levar o país à mudança mas, ao mesmo tempo, vão assumindo muitas posições da CDU.

O PDS pensa, no entanto, que não é suficiente ter outro partido no poder, mas que é necessária uma verdadeira mudança da política,

especialmente o fim da política neoliberal predominante.

Os resultados das eleições do próximo dia 27 de Setembro são particularmente importantes para nós, pois deles depende a possibilidade de podermos exercer, através de uma representação bem forte, uma pressão eficaz de esquerda sobre a política dos social-democratas.

A alteração da situação social que se vive no país, e em particular o problema do desemprego, passa hoje pela materialização das promessas eleitorais dos social-democratas sobre a criação de empregos e a melhoria da situação social das camadas mais pobres e desfavorecidas.

O desemprego de mais de quatro milhões de pessoas, uma alta taxa de desemprego entre os jovens e um forte aumento do número das pessoas que dependem de subsídios sociais, especialmente na Alemanha de Leste, levaram o país a uma situação bastante explosiva em que vão alastrando, também, o extremismo da direita e o racismo. Por isso, o PDS exige, entre outras coisas, a instalação de um sector de emprego promovido pelo Estado para trabalhos sociais, culturais e comunais, a garantia de cursos de formação e trabalho para jovens, assim como um controlo da riqueza através da alteração do sistema fiscal.»

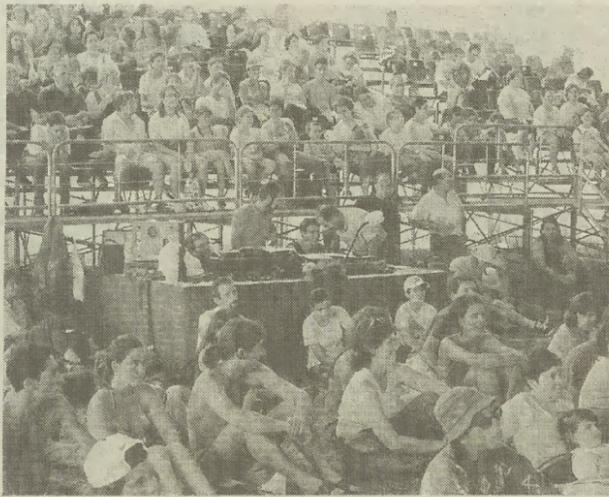
Avanteatro

Silêncio... que a peça vai começar

É talvez o mais difícil de se conseguir na Festa - o silêncio. Outra coisa não seria de esperar de uma festa popular como a que todos os anos os comunistas realizam na Quinta da Atalaia.

Mesmo no grande pavilhão em PVC, afastado dos palcos principais, o *Avanteatro* é penetrado pela diversidade de sons e ruídos produzidos nas redondezas, o que inevitavelmente prejudica a representação teatral onde quase sempre tudo assenta na palavra não amplificada.

À partida, dir-se-ia que a falta de silêncio condenaria ao fracasso qualquer espectáculo de teatro. Todavia, a experiência de todos estes anos tem demonstrado exactamente o contrário. As peças são representadas até ao fim e sempre com um sucesso de público assinalável, apesar do barulho, do excesso de luz e dos atrasos a que a programação é muitas vezes sujeita.



CETA - Circulo Experimental de Teatro de Aveiro

Foi o caso de sábado à noite, em que por atrasos acumulados com as sucessivas montagens efectuadas ao longo do dia, a última peça, *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, levado à cena pela *Lente - Teatro de Aumentar*, começou uma hora e 15 minutos mais tarde.

Dado o adiantado da hora, o repórter do *Avante!* temeu o cancelamento do espectáculo por falta de público (fenómeno que de resto não é de todo inédito nas salas de teatro do nosso país, em horários certamente muito mais razoáveis). Porém, o inesperado aconteceu. Programada para a meia-noite, as portas do Avanteatro só se abriram de facto à 1.15 hora, mas bastou menos de cinco minutos para que a peça começasse.

Num ápice, insuspeitos visitantes que ocupavam esplanadas em redor, levantaram-se e encheram mais de meia sala. Ou seja, tal como o repórter do *Avante!*, cerca de centena e meia de pessoas aguardavam pacientemente o início do espectáculo.

É a este público fiel e sedento que ao longo das 22 Festas do *Avante!* dezenas de companhias do nosso país apresentaram os seus espectáculos e foi para ele que este ano estiveram na Festa o *Teatro de Papel*, o CETA - Circulo Experimental de Teatro de Aveiro, o *Teatro das Beiras*, a *Lente - Teatro de Aumentar*, o *Teatro Extremo* e o *Teatro do Morcego*.

Pela mesma ordem, levaram à cena as *Bodas de Sangue*, de Federico García Lorca; *O Mestre Fantasia*, de Rosa Gadanho; *A Boda dos Pequenos Burgueses*, de Bertolt Brecht; *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa; *O Capuchinho Branco Sujo*, de Paulo Duarte e Rui Cerveira; e *A Passagem dos Corpos*, colagem de textos de Antonin Artaud.

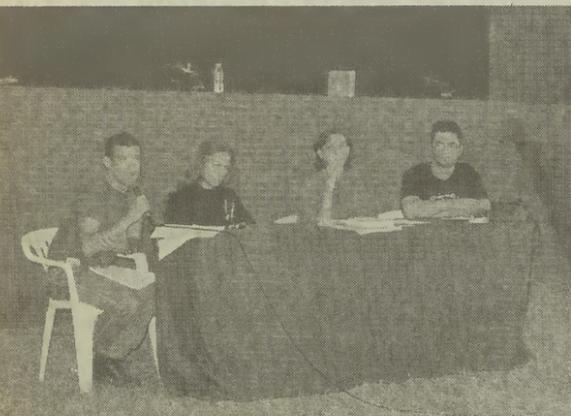
■ CN



Teatro Extremo



Teatro de Papel



No Avanteatro realizou-se no sábado um debate subordinado ao tema «Os Clássicos Hoje», onde foi abordada a actualidade da obra de Lorca e Brecht e a actividade teatral no nosso país



A Lente - Teatro de Aumentar



Teatro do Morcego



Teatro das Beiras

Livros & Convívios

Com menos calor, o largo espaço dedicado aos livros teve este ano melhor convívio. Ali muitos leitores acorreram a adquirir exemplares dos mais de dois mil títulos disponíveis que três dezenas de editoras expunham. O destaque, evidentemente, foi para a Editorial Avante, a anfitriã do certame. E o livro que mais atenção suscitava era o Manifesto do Partido Comunista, um texto fundamental que há cento e cinquenta anos Marx e Engels escreveram e se tornou referência essencial para o movimento comunista internacional.

Espaço de escolha e de aquisição de livros, o pavilhão foi também ponto de encontro entre autores e leitores. Estes não acorreram apenas a solicitar autógrafos, mas a estabelecer diálogo. Um diálogo que muitas vezes decorreu informalmente à esquina de uma bancada ou em redor de um salgado ou de uma bebida fresca no bar. Ou então, em tempo e lugar definidos, a assistir a um lançamento, a aguardar vez para o almejado autógrafo.

Momentos mais significativos deste espaço decorreram no sábado e por isso ali nos deslocámos especialmente para assistir a uma homenagem e dois lançamentos. A homenagem sentida que foi dedicada ao saudoso **Manuel da Fonseca**, que Paulo Sucena, acompanhado de Francisco Melo, evocou. Não apenas ao escritor, mas ao amigo e ao camarada, ao lúcido homem que tão belas páginas deixou para prolongarmos com ele o nosso convívio. A homenagem decorreu no lugar dedicado aos lançamentos e colóquios, onde esteve patente uma modesta mas significativa exposição, composta por réplicas de documentos existentes no Museu do Neo-Realismo do Município de Vila Franca de Xira e por escritos do autor cuja obra completa está editada pela *Caminho*.

Tempo de Subversão

O primeiro lançamento a que fazemos hoje referência é o do novo livro publicado pela *Editorial Avante*, da autoria de **Carlos Brito**. O autor, que até há poucos meses foi director do nosso jornal, escolheu de novo a Festa do Avante para ali propor aos leitores esta nova obra que Urbano Tavares Rodrigues apresentou, acompanhado por Francisco Melo, o editor que no momento manifestou o seu gosto por mais esta edição e a esperança de que não decorra muito tempo sem que «outra novidade nos surpreenda».

Urbano Tavares Rodrigues referiu-se às qualidades da prosa de **Carlos Brito** que nestes textos nos dá conta de um tempo que vai dos anos cinquenta até ao 25 de Abril, num livro «fundamental para a compreensão desse período». O escritor fez notar que, sendo os textos compostos por recordações avulsas e memórias políticas, estas se «constituem em literatura e em história», em que o autor «narra e reflecte» sobre o painel das lutas desses tempos - «onde avulta a luta dos comunistas». Livro «importante para hoje» lhe chamou Urbano Tavares Rodrigues que salientou a importância destes textos para as jovens gerações.

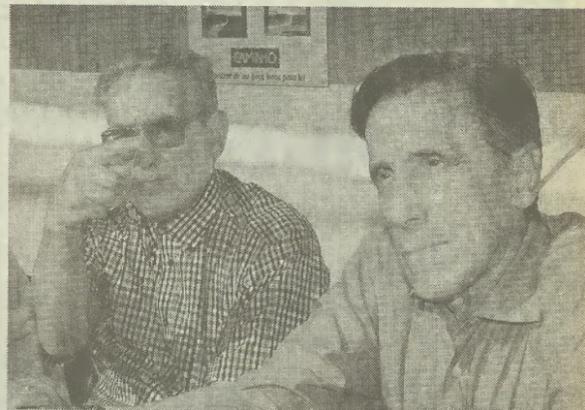
Carlos Brito, que agradeceu ao editor a abertura e o interesse manifestado na publicação do livro e a Urbano Tavares Rodrigues as «palavras generosas» da apresentação, lembrou alguns dos propósi-

tos que o levaram à escrita dos textos agora reunidos: a de contrariar a campanha de branqueamento do fascismo, a de combater, por outro lado, a deformação histórica, hoje em voga, em que o PS procura traçar um quadro da resistência «como se ela fosse dominada pelos socialistas» e, por fim, a de trazer ao conhecimento das gerações de hoje as lutas que os mais velhos tão bem recordam.

No final da apresentação, tempo houve ainda para troca de impressões com os que ali estavam a saudar o lançamento deste *Tempo de Subversão*, entre os quais muitos camaradas. Por lá passaram Domingos Abrantes e Miguel Urbano Rodrigues, João Honrado, João Amaral, Modesto Navarro.

Poemas do «Avante!»

Ainda nessa tarde de sábado e enquanto Carlos Brito assinava os seus livros, **Mário Castrim** autografava também os exemplares dos *Poemas do «Avante!»*, que a mesma editora lançava a seguir. Francisco Melo manteve-se na mesa onde tomaram assento o autor dos



Poemas acompanhado por quem teve a iniciativa de os recolher, o conhecido crítico de televisão **Correia da Fonseca** que também colabora regularmente no nosso jornal, e José Casanova, director do «Avante!».

Coube a Correia da Fonseca «desculpar-se» da «má acção e abuso de confiança» que foi recolher os poemas e organizar a edição. «Como se fosse entrar em casa de um amigo e fazer-lhe uma colecção das suas pratas», disse. É que **Mário Castrim**, com a sua conhecida modéstia, não parecia «achar graça» a este justíssimo gesto de amizade que, estamos certos, por nosso lado, encantará muitos dos nossos e dos seus leitores.

Falando a seguir, **José Casanova** manifestou a grande satisfação pelo lançamento deste livro poucos meses após ter iniciado a tarefa como director do nosso jornal. Casanova, que lembrou a colaboração semanal de Castrim nas nossas páginas, recordou também o papel desempenhado ao longo de décadas pelo autor como crítico de TV, especialmente no «Diário de Lisboa», a ligação permanente de Cas-

trim às aspirações populares, o papel que teve como formador político e ideológico de numerosos leitores que sobre as suas prosas reflectiam.

Finalmente, **Mário Castrim** explicou, tentando desvalorizar a preciosa colaboração que tem prestado ao «Avante!», imaginando uma parábola sobre «as pedras que brilham tanto à beira do mar e perdem o brilho quando chegam a casa». Reunidas em livro, estas «pedras», estes poemas, têm, porém, brilho próprio...

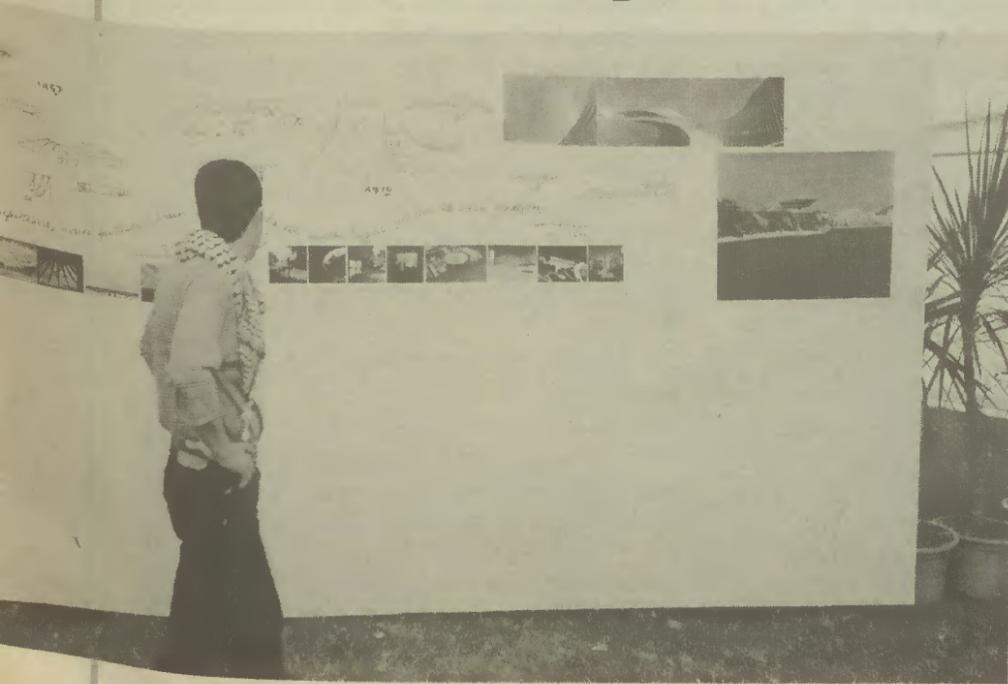
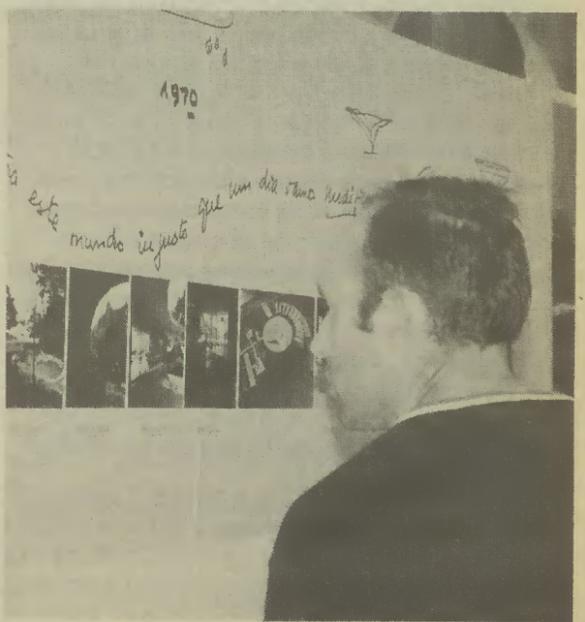
■ LM

Oscar Niemeyer

«Na folha branca de papel definimos nossa arquitetura, nossas fantasias, nossos protestos contra este mundo injusto que um dia vamos modificar.»

Assim, preto no branco, a frase de Oscar Niemeyer, o arquitecto comunista brasileiro que sonhou e projectou Brasília e a quem a Festa do «Avante!» homenageou com um belo espaço bem dimensionado e «arquitectado», no Pavilhão Central, onde se podiam ver fotografias da capital brasileira, contraditoriamente sede de um governo e de órgãos de Estado dominados ainda pelos exploradores. Modificar o mundo será, pensamos, mudar os inquilinos daquela cidade projectada para um futuro que ainda não chegou. Mas naquele espaço de homenagem, em que faltaram maquetes e plantas, «sinais» do trabalho de um arquitecto

comunista, e onde um vídeo e textos de Niemeyer falavam por si, mais falta fez a presença do artista, que melhor poderia animar um diálogo entre o visitante e o projecto exposto. Ficou a homenagem e a chamada de atenção para uma obra que marcou o século.



Uma festa de todos

Intervenção de José Casanova, membro da Comissão Política do PCP e director do «Avante!»

Camaradas e amigos, Cá estamos no comício da Festa do «Avante!». Desta festa cada vez mais do futuro e da alegria, desta festa cada vez mais da juventude, porque cada vez com mais jovens na sua construção e cada vez com mais jovens entre os seus visitantes.

Esta é a festa do esforço colectivo, fruto do trabalho e da criatividade dos mais de 4 mil camaradas e amigos que a construíram em dezenas de milhares de horas de trabalho, fruto da dedicação de todos os que, durante estes três dias, no desempenho das mais diversas tarefas, asseguraram o seu funcionamento. Para todos, em nome do jornal «Avante!», uma saudação muito especial. Saudação que é extensiva a todos os participantes nas realizações artísticas, musicais, culturais, desportivas, políticas, bem como a todos os visitantes da festa, aos quais desde já dizemos: "Até para o ano." Uma saudação e um grande obrigado, também, para todos os que, com o seu apoio e a sua boa vontade, nos ajudaram na construção e funcionamento da festa: federações e associações desportivas e recreativas, departamentos oficiais, corporações de bombeiros, forças de segurança, empresas públicas e privadas, câmaras e juntas de freguesia de vários quadrantes políticos, das quais é justo destacar, por razões óbvias, a Câmara Municipal do Seixal.

Esta é a festa onde o País e o Mundo estão presentes: através da música, da cultura, do desporto, da luta, da solidariedade, do internacionalismo, da vontade de construir um país melhor num mundo melhor. O conteúdo internacionalista desta festa está patente na Cidade Internacional e nas várias iniciativas de solidariedade activa, nomeadamente na campanha de medicamentos para Cuba. E é com grande alegria que temos connosco camaradas e amigos representando 45 partidos comunistas e outras organizações progressistas e revolucionárias. Aqui expressamos as nossas fraternas saudações de combate aos camaradas e amigos vindos da Alemanha, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Cabo Verde, Chile, China, Chipre, Colômbia, Coreia, Cuba, Dinamarca, El Salvador, Espanha, França, Grã-Bretanha, Grécia, Iraque, Itália, Japão, Jugoslávia, Kurdistan, Laos, Marrocos, Moçambique, Palestina, Paraguai, Peru, República Checa, Rússia, Saara Ocidental, Timor-Leste, Turquia, Uruguai e Vietname. De vários partidos e organizações que não tiveram possibilidade de se deslocar à Festa recebemos saudações: de Angola (do MPLA), Austrália, Áustria, Bélgica, Bulgária, Camarões, Camboja, Dinamarca, Finlândia, França, Grécia, Guadalupe, Hungria, Irlanda, Líbano, Noruega, Síria e Suíça.

Esta é a festa onde o futuro está presente: nos objectivos da luta dos comunistas, nos valores humanos que incorporam o conteúdo revolucionário e humanista desses objectivos, nos milhares e milhares de jovens - comunistas e não comunistas - que fazem da Festa do «Avante!» a sua festa, a Festa da Juventude.

Esta é a festa onde a camaradagem, a amizade e a alegria estão presentes: nos muitos milhares de visitantes que a fazem, nos amigos feitos e nas amizades que aqui nascem e aqui marcam encontro de ano para ano, fazendo deste belo e imenso espaço da Atalaia um belo e imenso espaço de confraternização e convívio.

Esta é a festa onde o trabalho está presente e onde, por isso, têm lugar reservado a situação e a luta dos trabalhadores, a determinação dos comunistas de prosseguirem a batalha contra a política de direita e de continuarem a ocupar, sempre, em todos os momentos e situações, o lugar que foi, é e será o seu: ao lado dos explorados e contra os exploradores, ao lado dos oprimidos e contra os opressores, ao lado da justiça e contra a injustiça.

Esta é a Festa do «Avante!», a festa do PCP, a festa da JCP, a festa que, sendo dos comunistas, é de todos: a festa que toma o nome do nosso «Avante!», jornal que, sendo dos comunistas, é, também, de todos e que constitui uma referência singular e insubstituível na imprensa democrática e de esquerda e enquanto portavoz dos anseios e das aspirações dos trabalhadores e do povo.

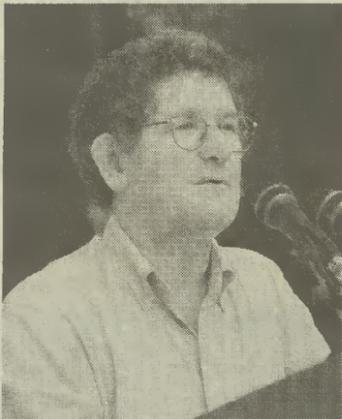
E é tudo isto que faz da Festa do «Avante!» um acontecimento único e insuperável no nosso país. É tudo isto que está expresso na bandeira vermelha - símbolo universal da luta dos trabalhadores - intencionalmente colocada no ponto mais alto da Atalaia.

Cá estamos, então, no Comício da 22ª Festa do «Avante!», comício que, sendo o início do encerramento da Festa, é também, simultaneamente, o ponto de partida para a festa do próximo ano. Porque esta festa ninguém a pára.

Cá estamos e cá estaremos: porque, tal como a luta, a festa continua.

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva o Partido Comunista Português!



Maior participação da juventude

Intervenção de Ângelo Alves, membro da Comissão Política da Direcção Nacional da JCP

Camaradas e amigos,

A Atalaia viu renascer a sempre e cada vez mais jovem Festa do «Avante!», a festa dos comunistas e de todos os que nela se divertem, convivem e discutem os seus problemas; a festa que demonstra a capacidade realizadora da JCP e a vontade dos jovens comunistas de defender os direitos e lutar pelas justas aspirações dos jovens portugueses, de dizer que a juventude merece melhor!

É esta a festa, a do «Avante!», onde, 150 anos depois do Manifesto Comunista, a JCP reafirma o seu empenhamento na construção de um Portugal mais justo, solidário com os jovens e com os povos em luta por todo o mundo.

Desta festa, enviamos um abraço muito forte e muito especial aos jovens de Cuba e de Timor.

A nossa festa é uma enorme montra das lutas que os comunistas travam, lado a lado com tantos outros jovens, exigindo uma educação pública gratuita e de qualidade, lutando contra os ataques do Governo aos direitos dos jovens trabalhadores, continuando a luta pela despenalização da interrupção voluntária da gravidez e exigindo a regulamentação da lei da educação sexual.

Esta é a festa das lutas do povo e da juventude portuguesa na defesa dos direitos conquistados com a revolução de Abril.

Em Portugal no universo de meio milhão de desempregados, a maioria são jovens. 70 por cento dos jovens que trabalham estão com contratos a prazo e os jovens são os trabalhadores mais mal pagos.

Querem-nos fazer crer que modernizar é ter trabalhadores para toda a obra, sem vínculos laborais, sem horários para trabalhar, sem férias para tirar; que é moderno reduzir os custos com os salários - especialmente nas camadas jovens.

Não é!

O emprego é um direito! Sem emprego não há futuro e emprego sem direitos não é futuro para ninguém! Aos jovens que estão aqui hoje, um apelo: informem-se, denunciem e unam-se aos que já hoje estão a lutar pela defesa dos seus direitos e pela defesa dos direitos das novas gerações de trabalhadores.

Acabámos de realizar no espaço da juventude um debate sobre a crise no ensino superior.

Também hoje ficou claro a incapacidade, a desresponsabilização, a demagogia e o autoritarismo do Ministério da

Educação, que não consegue e não quer resolver a actual crise em que se encontra o ensino superior e prossegue uma política de remendos no ensino secundário.

Mas o movimento estudantil mantém-se unido pela justiça e coerência das posições que defende.

No último ano lectivo os estudantes estiveram em luta por todo o país.

Os estudantes não querem esta política educativa. Não querem as bolorentas propinas. Exigem a revogação da lei de financiamento. Querem ser ouvidos e têm propostas concretas para melhorar a educação em Portugal.

E bem pode esperar o ministro da Educação pelo início deste ano lectivo, porque os estudantes continuarão a sua luta.

Da nossa parte, podemos garantir que os jovens comunistas vão estar nas escolas, nas associações, nas ruas, na luta, lado a lado com os estudantes. Porque os direitos não se pagam, conquistam-se!

Somos jovens, somos irreverentes. Somos muitas vezes aquilo que outras gerações não querem ou não percebem que sejamos. Mas somos também uma geração responsável que participa, que tem iniciativa, que quer mudar o presente para ter um futuro melhor.

Desta tribuna da Festa do «Avante!» fazemos um apelo forte, muito forte, da JCP, para que a juventude portuguesa tenha maior intervenção na defesa dos seus direitos, pois só assim se defende a democracia. Que, com a sua força, com o seu dinamismo, com a sua dedicação às causas, reforce a participação nas associações de estudantes, no movimento associativo juvenil de base local, no movimento sindical, na luta anti-racista, na luta contra a toxicodependência, na batalha pela regionalização. Enfim, por uma democracia com participação juvenil, por um Portugal melhor. Pelo nosso Portugal.

E os jovens portugueses contam com a JCP na luta por um futuro melhor.

Somos a JCP, juventude do PCP. Somos marxistas-leninistas, temos a audácia de conquistar uma sociedade justa, solidária, humana e fraterna!

Lutamos pelo socialismo, pelo comunismo!

Viva a 22ª Festa do «Avante!»!

Viva a Juventude Comunista Portuguesa!

Viva o Partido Comunista Português!

Propaganda e demagogia não alteram a realidade do Governo PS

As medidas para a mudança estão por concretizar

Intervenção de **Carlos Carvalho**, secretário-geral do PCP, no comício da Festa do «Avante!»

Camaradas,

Poderá haver quem pergunte por que razão é que, em cada ano, a nossa Festa, sendo esta já a sua 22ª edição, continua entretanto a suscitar uma atenção geral e a provocar em todos nós tanta emoção, tanto encanto e tanto orgulho legítimo.

Podemos responder que é porque a Festa do «Avante!» tem a força indescritível de um grande e tocante encontro humano em torno da arte, da cultura, do convívio tolerante e fraterno, da solidariedade e de grandes valores e aspirações que fazem parte integrante do património progressista da humanidade.

Podemos responder que é porque os comunistas portugueses a souberam conceber, concretizar e renovar, ano após ano, sempre como uma incomparável síntese de tradição e modernidade e como singular afirmação do valor do trabalho humano e das raízes populares de uma longa e essencial intervenção do Partido na sociedade portuguesa.

Podemos responder que é porque a sempre crescente adesão da juventude e a forma como tornou a Festa um seu grande ponto de encontro anual, nos dão a todos a reconfortante garantia de que, nesta nossa Festa, se desvenda uma atitude perante a vida e o mundo, um projecto político e uma capacidade de sonhar e de transformar que encontrarão novas energias para seguir adiante.

Tudo isto será justo e verdadeiro. Mas acreditamos que o êxito e o impacto da Festa do «Avante!» também não podem ser separados do facto de que aqui se respira uma firme confiança no valor e no futuro dos nossos ideais e convicções comunistas, de que aqui se celebra não a resignação mas a vontade de lutar e de mudar a vida, de que aqui se exhibe não a arrogância e a prepotência das forças do dinheiro mas a razão e as esperanças do povo trabalhador, de que aqui se testemunha a coerência, a combatividade, as propostas e o projecto revolucionário de uma grande força da liberdade, da democracia e do socialismo, do nosso partido, do Partido Comunista Português.

É necessário mudar de rumo

Olhando para a realidade nacional, para os problemas de fundo do país, para a especialização produtiva, para a fragilidade da nossa indústria, ou para o atraso e declínio da nossa agricultura e pescas, olhando para as disparidades do desenvolvimento regional ou para as actividades especulativas comparando-as com os valores do desemprego e da expansão da precariedade do trabalho, olhando para o nível dos nossos salários e pensões, para as desigualdades sociais, as zonas de pobreza e de marginalização social, tem que se reconhecer, como, aliás, é salientado pela generalidade dos economistas e comentadores que, exceptuando medidas pontuais, algumas das quais sem os nossos votos não teriam sido sequer aprovadas, o governo PS, nas questões mais estruturantes e mais essenciais, limitou-se a prolongar com outras caras e com outro *marketing* a política neoliberal. Isto é, que com o governo PS o que houve foi no essencial um rotativismo de poder, uma alternância e não a concretização de uma alternativa. Não se verificou de facto uma mudança efectiva de política, como a maioria dos portugueses desejava.

São também muitos, mesmo entre os socialistas, os que reconhecem que a quase maioria absoluta que o PS obteve lhe conferiu uma postura de governo que, progressivamente, o tornou cada vez mais próximo dos grandes senhores do dinheiro e mais distante e insensível quanto aos problemas e graves dificuldades que atingem milhares e milhares de famílias, que ficam à margem do crescimento económico. É caso para se interrogarem o que teria sido se o PS tivesse tido a maioria absoluta... Já repararam na sobrecarga e displicência com que membros do governo se têm referidos aos grevistas nas lutas recentes?...

A política do governo, como mostram claramente os dados da distribuição do Rendimento Nacional, tem intensificado a concentração da riqueza e com ela o poder económico tem-se vindo a sobrepor, a condicionar e dominar o poder político.

De facto, a evolução da distribuição do Rendimento Nacional não deixa margem para dúvidas sobre a quem tem servido e a quem serve no essencial esta política.

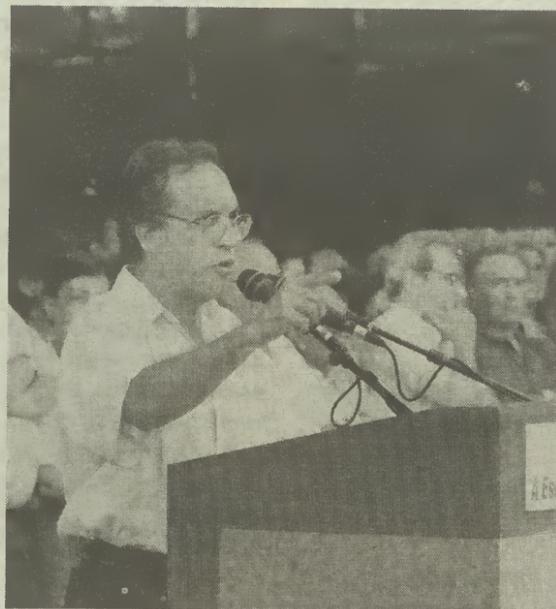
É comparar os irrisórios aumentos dos trabalhadores da Administração Pública, das reformas ou dos salários em geral com as taxas de lucro do capital bancário e financeiro.

É comparar os benefícios fiscais que o governo tem concedido no Imposto sobre o Rendimento de pessoas colectivas, que somam centenas de milhões de contos, e os gastos por exemplo, com o pré-escolar, ou com as indemnizações concedidas aos agricultores vítimas das intempéries... **E não há Rendimento Mínimo, que aliás foi proposta nossa, nem retórica sobre o social que esconda as negativas consequências destas opções.**

Nem haverá remodelação ministerial, que se vai negando mas de que já se fala, e envolva ela as finanças, a educação, a habitação ou a saúde, que altere o essencial se não houver efectiva mudança.

Por isso, o PCP tem combatido com firmeza, nas instituições e fora delas, esta nefasta política e certamente que vós estais de acordo que a continuemos a combater com empenho, força e determinação.

Os trabalhadores e as populações não compreendem a facilidade com que o governo disponibiliza milhões para as sucessivas derrapagens da Expo '98, ou para a compra de tal ou tal edifício, ou para beneficiar este ou aquele grupo económico, quando comparada com a avareza em relação aos meios para melhorar a sorte de milhares de desempregados, ou para satisfazer carências elementares das populações.



E, também por isso, a população de Lisboa e da sua área metropolitana não pode deixar de se indignar com o facto de o governo, em plena época de férias, ter decidido aumentar substancialmente e de novo os preços do Metropolitano, pois já o tinha feito em 1 de Fevereiro. Isto não visa estimular e promover o transporte colectivo nem dar resposta a novos investimentos. Visa, sim, aumentar a rentabilidade da empresa para favorecer futuras estratégias privatizadoras, à semelhança do que aconteceu com os telefones, com a famigerada taxa de activação e com os aumentos da EDP.

É preciso que se saiba que as empresas e as famílias portugue-

sas poderiam estar a pagar tarifas de electricidade bem mais baixas, se não estivessem a pagar um autêntico imposto a favor dos privados que ficaram com a EDP. Com as actuais tarifas, a EDP gaba-se de ter tido de lucro 62,4 milhões de contos neste 1º semestre do ano, ou seja, mais 45%, à custa dos utentes! A exigência de uma baixa real das tarifas é uma reclamação justa e necessária.

É, no concreto, na forma como são gastos os dinheiros públicos, na política fiscal e orçamental do governo, no aumento de preços e na política social, que se pode ver e ajuizar as opções do governo e a quem é que estas servem. Quem fica com a parte de leão e quem é que fica com as sobras.

A demagogia e a propaganda podem criar ilusões, podem enganar os menos informados, mas não alteram a realidade.

No ano passado, por exemplo, o governo não hesitou em atribuir ao mérito da sua política a redução da área ardida com os fogos de Verão, fazendo silêncio das favoráveis condições climáticas.

Este ano é o que se tem visto. Os fogos que temos tido não são virtuais nem inventados pela televisão, como foi irresponsavelmente afirmado pelo secretário de Estado. São bem reais e bem sentidos pelas populações atingidas. O espectáculo demagógico do governo, que todos os anos anuncia as mesmas medidas dos anos anteriores, não apaga os fogos. Alguém acredita que os fogos florestais poderão ter uma redução substancial, enquanto não forem atacados os interesses criminosos que se escondem, em muitos casos, por detrás dos incêndios florestais? Enquanto o governo não promover efectivamente a criação dos Planos Regionais de Ordenamento Florestal, com a plantação de espécies mais resistentes aos fogos para criar uma floresta ordenada, diversificada e compartimentada; enquanto não forem definidos os meios de apoio aos milhares de pequenos produtores florestais com vista à limpeza dos espaços florestais; enquanto se continuar a promover a desertificação das nossas zonas rurais?

Enquanto se continuar a não se fazer nada disto, que constitui o cerne das causas estruturais dos incêndios em Portugal, os fogos vão, infelizmente, continuar a multiplicar-se. **Muitas destas medidas estão, no essencial, na Lei de Bases Florestal, iniciativa legislativa do PCP, com a qual convergiram outras propostas, e que foi aprovada por unanimidade na Assembleia da República a 12 de Julho de 1996. Já existe, pois, um verdadeiro pacto florestal. Curiosamente, o líder do PP - que de quinze em quinze dias escreve uma cartinha ao primeiro-ministro ou propõe um "pacto de regime", inovando pouco em relação ao seu antecessor - esqueceu-se que o seu grupo parlamentar também votou essa Lei de Bases...**

Algumas medidas urgentes

É necessário mudar de rumo.

Nenhum verdadeiro socialista pode aplaudir uma política neoliberal que está a fazer crescer as desigualdades, a desvalorizar o trabalho e os trabalhadores e que é responsável pelos fenómenos de exclusão e de pobreza, ou pode estar de acordo que, em vez de uma política de esquerda, o governo se pavoneie pelo facto de ter feito mais privatizações que Cavaco Silva, que o tenha imitado e até ultrapassado nos "jobs for the boys", isto é, nos tachos para a rapaziada, ou na passagem de destacados



Intervenção de Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, no comício da Festa do «Avante!»

membros do PS da Administração Pública para lugares bem pagos nos grupos económicos privados e, inversamente, de pessoas ligadas às administrações de grupos económicos para a gestão de empresas do sector público, numa fusão de grande promiscuidade.

Nenhum verdadeiro socialista pode esquecer e fechar os olhos aos aplausos do seu grupo parlamentar pela aprovação da lei sobre a interrupção voluntária da gravidez, logo contrariados pela pirueta da aceitação do referendo com a participação e os resultados que se conhecem, ou ao efusivo contentamento revelado pelo governo socialista, com o célebre almoço realizado em Cascais com a nata da nata do grande capital nacional, a todos os títulos revelador das opções de uma política.

São por isso cada vez mais, mesmo entre os socialistas, os que reclamam uma política de esquerda. Mas a realização de uma política de esquerda pressupõe uma rearmadura de forças.

Não haverá uma mudança efectiva desta política sem o PCP, o que passa também pelo seu reforço, nomeadamente no plano eleitoral.

Nós pautamos as nossas posições políticas por uma grande clareza. Na Assembleia da República, somos oposição de esquerda. Somos oposição à política neoliberal do governo, tendo combatido com determinação nas instituições e fora delas tudo o que é negativo para o nosso povo e para o nosso país e apoiado sem tibiezas tudo o que, infelizmente muito pouco, tem aparecido de positivo ou com alguns aspectos ou perspectivas positivas.

Esta tem sido desde sempre e continuará a ser a nossa postura. Tudo fazer para melhorar o nível e a qualidade de vida dos trabalhadores e do povo.

Por exemplo: o décimo terceiro mês dos reformados, que hoje já faz parte das suas conquistas; ou o rendimento mínimo; ou as 40 horas; ou o Alqueva; os sindicatos da Polícia; a consagração do direito de associação e representação socioprofissional dos militares; a Rede Nacional de Atendimento aos Toxicodépendentes; a proibição à discriminação salarial dos jovens na fixação do salário mínimo; o reforço dos direitos dos trabalhadores-estudantes; a expansão da rede pública e a gratuidade da educação pré-escolar; a derrota das leis eleitorais feitas à medida e a feito pelo PS e PSD; o direito à igualdade de tratamento no trabalho e no emprego; o reforço da segurança e higiene no trabalho e a revisão do Regime Jurídico dos Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais; a defesa da maternidade e paternidade, o planeamento familiar, a educação sexual; o combate ao aborto clandestino e a melhoria do Serviço Nacional de Saúde; o apoio aos pescadores e agricultores; o reforço dos direitos dos cidadãos, o aprofundamento da democracia em todas as suas vertentes e a sistemática e intransigente defesa do interesse nacional no Parlamento Europeu são causas que se expressam em iniciativas, conquistas, combates e projectos de lei do PCP, inclusivamente alguns já aprovados na Assembleia da República. E que, só por si, mostram a justeza da luta, mas também o peso e a influência do PCP.

Acabámos de referir na nossa intervenção a luta pela despenalização do aborto. E talvez possa haver quem estranhe que tenhamos vindo lembrar uma batalha que não ganhámos, pois, como é sabido, apesar de o Sim ter ganho no Continente, perdeu à tangente no conjunto do país.

E, por isso, aqui queremos dizer que, naturalmente lutámos pela vitória, mas, para nós, o mais importante não são as vitórias ou derrotas, mas a justeza das causas a que nos devotamos. Aqui queremos dizer que não estamos arrependidos da batalha que travámos e do destacado lugar que ocupámos na defesa da dignidade e da saúde das mulheres. Aqui queremos dizer que arrependidos deviam estar aqueles que na campanha do referendo tanto falaram, de forma terrorista, do direito à vida e da matança dos bebés e agora, passados mais dois meses de aborto clandestino e passados mais dois meses de sofrimento, medo e clandes para a saúde de centenas de mulheres portuguesas, afinal, dormem tranquilos todas as noites e estão muito entretidos a tratar das suas vidinhas.

Aqui queremos dizer que se enganaram aqueles que julgam que a questão da despenalização do aborto ficou enterrada por muitos e muitos anos.

É certo que o PCP continuará a bater-se pela melhoria do planeamento familiar e pela generalização da educação sexual. Mas o PCP não se conformará com a manutenção do aborto clandestino e, mais cedo do que tarde, voltará ao combate contra uma injustiça, uma hipocrisia e uma desumanidade que deviam envergonhar a nossa sociedade à beira da entrada do terceiro milénio.

É neste sentido que continuaremos a intervir, a apresentar medidas e soluções e a lutar pela sua concretização, como é também o caso do aumento das pensões e reformas.

Como sabem, há muito que temos vindo a defender e a insistir que se concretize um aumento extraordinário de 3 000\$00 das pensões e reformas que têm um valor inferior ao salário mínimo nacional, independente das actualizações anuais de todas as pensões. Este aumento extraordinário corresponde apenas a um primeiro passo, a uma primeira resposta para o gravíssimo problema social das pensões mais degradadas. Mas, na nossa perspectiva e proposta, ele insere-se num esforço plurianual de aproximação das pensões e reformas mínimas ao salário mínimo nacional actualizado, tendo em conta as carreiras contributivas dos beneficiários. Muito depois da nossa proposta de aumento extraordinário das pensões e reformas, o PP apresentou também um projecto de aumento, mas inserido num quadro de "reforma" global conducente à destruição do sistema público da Segurança Social,

isto é, visa que a parte mais substancial dos descontos fosse para a iniciativa privada, ficando depois como resíduo uma Segurança Social de natureza assistencial e para os pobrezinhos. Para a grande maioria dos trabalhadores aplicava-se a velha fórmula neoliberal: quem quer Segurança Social, saúde, ensino... que os pague... É o que se chama dourar a pilula, oferecer o chouriço para ficar com o porco. Também o PSD, passadas umas semanas, veio apresentar um "projecto de resolução", de mera recomendação, sobre aumentos, ou não estivessemos a um ano de eleições legislativas. E tudo isto vindo de dois partidos que têm viabilizado o Orçamento de Estado, derrotando assim propostas do PCP, quer em relação à justiça fiscal quer em relação à criação de condições para a elevação significativa das pensões e reformas mais degradadas. Ou será que o PSD e o PP se esqueceram que votaram contra a proposta do PCP de eliminação dos benefícios fiscais a favor das acções negociadas em Bolsa e em favor dos dividendos de acções de empresas privadas?

O nosso projecto de aumento das pensões e reformas é uma proposta autónoma, que visa dar resposta imediata à situação de grande carência em que vivem milhares de reformados e que é uma das principais causas de pobreza em Portugal.

Fazemos esta proposta não só porque ela é justa mas também porque há recursos suficientes no Orçamento da Segurança Social para a sua concretização. Por isso, desafiamos o governo também a avançar de imediato, na Assembleia da República, com uma proposta, para ser discutida em conjunto com a nossa, de aumento extraordinário, que contribua para corrigir injustiças, tendo naturalmente em conta as diversas situações e as diversas carreiras contributivas! Aqui fica a nossa sugestão e o nosso desafio, em nome do combate à pobreza, em nome da equidade e da justiça social, em nome da solidariedade entre gerações.

Uma outra questão, que aqui, na Festa do "Avante!" e a poucos dias da abertura do novo ano lectivo, é oportuno reclamar, diz respeito aos gastos substanciais com os livros e outros materiais no início do ano escolar, bem como com as restantes despesas de frequência da escolaridade obrigatória, que criam sérias dificuldades a muitas famílias e constituem graves factores de insucesso e de abandono escolares. À semelhança do que se passa inclusivamente noutros países da União Europeia, pensamos que era socialmente justo que, nomeadamente em relação às famílias com mais baixos rendimentos, se verificasse uma significativa comparticipação do Estado. Há várias formas de o fazer de forma expedita e justa. Esperamos que o governo não sofra de surdez colectiva e responda a esta nossa proposta, que, a ser concretizada, seria também um factor de combate ao elitismo e à selectividade económica que crescentemente ferem o princípio da igualdade de oportunidades de acesso e de sucesso educativos, que o ensino público tem o dever de promover.

Quando se andou por aí, por todos os cantos do país, a confessar-se apaixonado pela educação, é tempo de traduzir a paixão em factos positivos e não em propinas ou na escandalosa manutenção dos *numerus clausus* no acesso ao ensino superior público.

Mas, quando se fala em despesas, é necessário também cuidar das receitas, tanto na óptica orçamental, como na óptica da justiça tributária, como até na óptica do desenvolvimento. Nós não somos demagogos, não andamos a defender o "bacalhau a pataco" nem precisamos da proximidade dos actos eleitorais para nos lembrarmos dos reformados, dos trabalhadores e dos mais desfavorecidos. Isto é para o PSD e para o PP.

Por isso, desafiamos também o governo a avançar com uma efectiva reforma fiscal que, para além do seu valor próprio, sempre terá de servir de base a outras reformas no sentido da melhoria e reforço dos actuais sistemas, como é o caso da segurança social ou da saúde. A reforma fiscal é uma reforma necessária e urgente, que não pode nem deve estar sujeita aos cálculos e calendários eleitorais do governo.

Não é admissível que sejam os trabalhadores por conta de outrem aqueles que no fundamental pagam os impostos. Nem é admissível nem aceitável que cerca de 50% do Rendimento Nacional continue a fugir à tributação.

Entendemos que, no quadro da reforma fiscal, o governo deve avançar rapidamente com um imposto de solidariedade sobre as grandes fortunas, um imposto sobre o grande património mobiliário e imobiliário, devendo também alargar as bases de tributação quer no âmbito do IRS, quer do IRC e baixar as taxas do IRS, aumentando a dedução específica sobre os rendimentos do trabalho, possibilitados nomeadamente por este alargamento, como, aliás, o PCP, de forma quantificada, apresentou no debate de especialidade no último Orçamento.

Mas que seja um imposto sobre as grandes fortunas, sobre os grandes patrimónios, que se dirija a quem mais tem, e não um imposto disfarçado que castigue ainda mais as camadas médias e os pequenos patrimónios, no quadro da actual prática da política fiscal e que é a da grande preocupação "com as putas para deixar passar os elefantes"...

Por último, deixamos ainda mais dois "desafios/sugestões" ao governo, para o reinício da actividade pós-férias. Um em relação à saúde, outro em relação ao combate à droga.

Não compreendemos é por que é que o governo continua tolhido pela pressão das multinacionais farmacêuticas e não actua no sentido da ampla utilização dos medicamentos genéricos, o que permitiria ao Estado e aos utentes economizarem milhões de contos. Mas mais: verifica-se que há um conjunto de medicamentos que sai mais barato ao erário público distribuí-los, mesmo gratuitamente, aos utentes através do Serviço Nacional de Saúde do que comparticipá-los financeiramente, como se faz agora. Não há nenhuma razão — nem pelo lado do interesse público, nem pelo lado do interesse dos utentes — para que o Ministério da Saúde não concretize esta solução. Se o não fizer, aqui fica desde já o compromisso do PCP de assumirmos uma iniciativa política com esse objectivo. Senhora ministra, generalize rapidamente os genéricos, afronte, com ou sem sorrisos, as multinacionais farmacêuticas e outros grandes interesses que parasitam nos nossos serviços públicos de saúde e verá que poupará muito dinheiro, que criará condições para uma verdadeira reforma democrática do Serviço Nacional de Saúde, que é imperativo e urgente concretizar.

Essa poupança permitiria, por exemplo, dar mais rápida resposta e acabar com as intoleráveis listas de espera para certas operações e consultas, o que tem consequências muito graves, sobretudo para os cidadãos de menores rendimentos, permitiria concreti-



zar o "Plano de Emergência" em relação aos problemas da acessibilidade aos centros de saúde e unidades hospitalares, que há cerca de um ano reclamámos publicamente do governo. É tempo de ser dada resposta através do SNS a esta questão. Não se pode perder mais tempo.

Como sabem, nós também temos apresentado múltiplas medidas e vários projectos para prevenir e combater a toxicod dependência, alguns dos quais foram inclusivamente aprovados.

Mas não há um combate ao flagelo da droga se não houver um combate contínuo, decidido e empenhado aos grandes traficantes. Por isso, entendemos também que o governo deveria aprovar legislação que desse eficácia ao combate ao branqueamento de capitais, dotando simultaneamente a Polícia Judiciária e as magistraturas dos meios necessários para a investigação e a luta contra a criminalidade.

Estas são algumas "sugestões/desafios" pontuais que, se o governo responder afirmativamente, corresponderão a alguns passos positivos no quotidiano dos portugueses.

O PCP, ao mesmo tempo que daqui apresenta estas propostas, também daqui diz ao governo, com toda a clareza, que se empenhará e vai apresentar na Assembleia da República uma proposta de resolução para que os agricultores sejam justamente compensados das perdas pelo mau ano agrícola, que insistirá para que o governo prolongue o subsídio de desemprego, nomeadamente aos trabalhadores com mais de 50 anos com longa duração de desemprego, e que continuará a denunciar e a combater o regabafe e o leilão do riquíssimo património público que são alavancas fundamentais da economia portuguesa. Um leilão que compromete o futuro de Portugal. São centenas de milhões de contos de lucros e impostos que com as privatizações são retirados no futuro do Orçamento de Estado beneficiando meia dúzia de famílias.

Por isso, a todos dizemos: não aceitem a resignação ou o conformismo. Há alternativas. Não a do rotativismo para continuar a política neoliberal com mais ou menos retórica social.

Esta política não é uma fatalidade. Depende da decisão de cada um e de todos os que querem uma verdadeira mudança, dos que querem uma política de esquerda, em reforçar com o seu apoio e o seu voto a CDU e o PCP, o grande partido de esquerda, cuja grande razão de existir é servir o povo e o País, que honra os seus compromissos, que luta pela transformação social tendo por horizonte o socialismo e o comunismo num projecto renovado que acolha o que de melhor a humanidade já produziu.



Vale a pena lutar

Desde a Festa do "Avante!" do ano passado até hoje, muitos e diferentes sectores da população portuguesa se viram obrigados a intervir e a lutar pela defesa dos seus anseios e justas reivindicações.

Verificaram-se importantes combates, pelo progresso, pelo aprofundamento da democracia, por avanços de civilização. Permitam-me, por isso, que aqui destaque também a luta quotidiana das mulheres, pela sua intervenção em igualdade, e a luta da juventude e da JCP, por melhor ensino, por uma nova lei de financiamento do ensino superior, pelas saídas profissionais, por emprego com direitos e salários dignos.

Durante este período merece destaque o desenvolvimento da luta social, a sua amplitude e nível de participação dos trabalhadores, agricultores e outras camadas da população.

E há uma razão de fundo: é que o governo, enchendo a boca e o discurso com o apoio e as medidas em relação aos mais carenciados e pobrezinhos, não só os esqueceu como prejudicou os principais criadores de riqueza, os trabalhadores, nos seus direitos, nos seus salários e por vezes na sua própria dignidade.

Com uma grande confiança, o nosso Partido, pela sua acção política, com a sua luta e as suas propostas, com o esforço e o empenhamento militante de milhares de comunistas nas empresas, nos sindicatos e nas comissões de trabalhadores, foi capaz de transformar a desilusão e o descontentamento em luta, reunir vontades, revitalizar a esperança, alcançar resultados e vitórias, demonstrando a validade do que aqui, desta tribuna, afirmámos há um ano atrás: quando se luta nem sempre se ganha, mas quando não se luta perde-se sempre!

E foi assim que importantes camadas da população, estudantes, professores e outros conseguiram importantes conquistas.

E foi assim, também, que os trabalhadores da têxtil alcançaram importantes vitórias na redução do horário de trabalho, que os trabalhadores dos transportes, da administração pública, da hotelaria, da química, da metalurgia e da indústria naval, das comunicações, do comércio, da construção civil, das indústrias eléctricas, conseguiram resultados significativos no plano dos salários e dos direitos consagrados na contratação colectiva.

De uma forma responsável e firme, demonstraram que a melhor forma de defender direitos é exercê-los.

E, apesar da ameaça ainda latente que decorre das propostas de alteração à legislação laboral e ao sistema de Segurança Social, foi a luta dos trabalhadores e do movimento sindi-

Intervenção de **Carlos Carvalhas,** secretário-geral do PCP, no comício da Festa do «Avante!»

cal, foi a acção esclarecedora e combativa do nosso Partido que conduziu ao recuo do governo quanto ao tempo de concretização legislativa de algumas medidas mais gravosas.

É um perigo adiado mas não é uma batalha vencida.

As propostas que vão estar presentes na Assembleia da República, pelo seu conteúdo, visam abalar alguns dos principais pilares do direito ao trabalho, alterando conceitos como o do emprego, do salário, das férias, da profissão, do trabalho nocturno, em articulação com o ataque ao princípio universal do direito à Segurança Social. Destaque-se aqui a proposta de lei sobre o tempo parcial, em que se procura reduzir os salários e aumentar os benefícios do capital. Teríamos uma redução de salários, uma redução dos subsídios de férias, de doença e de Natal e a liquidação, na prática, do subsídio para almoço. Os trabalhadores ficariam numa situação pior que a dos que estão com contratos a prazo. Poderíamos chegar a ter empresas com todos os trabalhadores a tempo parcial... O Governo quer impor por lei aquilo que o grande capital não conseguiu impor pela contratação.

São medidas direccionadas contra todos os trabalhadores e trabalhadoras, mas o alvo principal são as gerações mais jovens, os que agora entram ou vão entrar no mercado de trabalho, tentando assim criar, neste dobrar de século e de milénio, uma geração, e nomeadamente de mulheres, sem direitos sociais e laborais.

O Partido Comunista Português, sem descurar a importante batalha do referendo da regionalização, assumirá no plano político, social e institucional todas as suas responsabilidades de Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, travando todas as batalhas que forem necessárias para impedir a destruição do edifício jurídico-laboral onde residem os direitos dos trabalhadores portugueses.

Com a profunda convicção de que o movimento sindical unitário, reunido em torno da CGTP-IN - a grande e prestigiada central dos trabalhadores portugueses - também dará, como tem dado, a resposta que a situação exige. Daqui apelamos a todos os trabalhadores para que acrescentem à sua luta a dimensão da solidariedade geracional, defendendo direitos que souberam conquistar, como condição para que, no futuro, os mais jovens possam não só receber esse legado, mas também consolidá-lo e alargá-lo com a sua própria luta.

Não é aceitável que em nome de compromissos passados e constrangimentos futuros, em nome do "euro" e do sinistro "Pacto de Estabilidade", se queira fragilizar ainda mais todos aqueles que vivem da sua força de trabalho.

A postura do governo perante os burocratas de Bruxelas e perante a União Europeia não pode ser a do aluno obediente, bem comportado e subserviente.

O PCP - e os seus deputados no Parlamento Europeu, cuja intervenção empenhada e o trabalho qualificado são reconhecidos mesmo pelos nossos adversários - tudo fará, em convergência de iniciativas, intervenções e lutas com as diversas forças comunistas, ecologistas e de esquerda, para que se verifique um novo rumo na construção europeia, uma outra política económica, para que se reveja e flexibilize o Pacto de Estabilidade e se controle o Banco Central Europeu, para que o princípio de Coesão Económica e Social não seja apenas flor de retórica e para que, em todos os países da União Europeia, seja conquistada pelos trabalhadores e concretizada de forma faseada a semana das 35 horas sem perda de salários e de direitos. Também por isso, todos aqueles e aquelas que entendem que Portugal deve ter uma voz interveniente, inconformista e empenhada no PE, devem reforçar com o seu voto o PCP e a CDU nas próximas eleições europeias.

Pela regionalização

De imediato, como grande batalha política e eleitoral temos agora pela frente o referendo da regionalização no próximo dia 8 de Novembro, no qual, em coerência com a nossa luta de há muitos anos, em coerência com os compromissos programáticos do nosso partido e em coerência com as nossas convicções, o PCP propõe-se intervir activamente para a vitória do Sim nas duas perguntas.

A criação das regiões administrativas não é para nós a panaceia ou a receita milagrosa que há-de resolver todos os problemas do País e dos portugueses, os quais dependem sobretudo da política do Governo. No que, pela nossa parte, convictamente acreditamos é que a criação das regiões administrativas é um importante contributo para que haja mais democracia, mais descentralização e mais desenvolvimento em Portugal.

Queremos regiões com órgãos eleitos pelos cidadãos, não para criar mais burocracia ou multiplicar os cargos políticos, mas para uma gestão mais participada e descentralizada, para uma maior e mais eficiente administração na utilização dos recursos e na resolução dos problemas, resultante de uma maior proximidade entre eleitos e cidadãos.

Queremos regiões com órgãos eleitos, com rosto e responsáveis perante os cidadãos que os elegem, condição indispensável a uma autêntica reforma democrática da administração pública, que concretize uma verdadeira descentralização e desburocratização do Estado. Aos que nos falam do perigo de novos caciquismos e de novas burocracias, lembramos que é preferível as populações elegerem e responsabilizarem os eleitos, travarem um debate político aberto por projectos, ideias e convicções, assumirem e aprenderem com as consequências das suas escolhas, do que suportarem as decisões de caciques autopromovidos, de poderes anónimos e sem rosto. Hoje, funcionários designados pela Administração Central aprovam planos e decidem da aplicação de centenas de milhões de contos, através das Comissões de Coordenação Regional e das muitas dezenas de serviços periféricos da Administração Central, sem consulta nem participação das populações e das autarquias. É aliás curioso que seja exactamente nos partidos que se proclamam adversários da regionalização que se situam alguns dos piores e mais conhecidos exemplos de caciquismo!

Queremos regiões com órgãos eleitos para dar voz às justas aspirações de progresso e desenvolvimento das populações, porque é esse o melhor caminho para vencer as notórias disparidades de desenvolvimento existente e para assegurar a coesão nacional. Não são as regiões, não é mais democracia e mais descentralização que dividem o País ou que vão pôr o litoral contra o interior e o Norte contra o Sul. O que provoca tensões e acicata polémicas é a política centralista e de direita, de costas voltadas para os trabalhadores e as regiões e de mão estendida para o grande capital, que tem sido praticada pelos Governos do PS, do PSD e do CDS/PP. O que o País precisa, a par de uma nova política, é de órgãos regionais eleitos, participados, descentralizados, que assegurem políticas de desenvolvimento e de fixação das populações que evitem a desertificação do interior e a excessiva concentração demográfica nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, com o cortejo dramático de problemas sociais conhecidos.

Queremos dizer com clareza que respeitamos a existência de interrogações, dúvidas, reservas e diferenças de opinião que numerosos cidadãos possuem ainda sobre a questão da regionalização e que consideramos indispensável a realização de um amplo, sério e esclarecedor debate sobre esta importante reforma política até 8 de Novembro.

Mas queremos com a mesma clareza afirmar que é um mau serviço prestado ao esclarecimento dos portugueses a falta de escrúpulos revelada por dirigentes do PSD e do CDS/PP e alguns outros partidários do "não" que agitam, sem

vergonha nem memória, argumentos primitivos, fantasmas e medos infundados, ameaças de terríveis males que se abateirão sobre Portugal se a regionalização avançar. Procurando, através duma dramatização alarmista e demagógica, fazer esquecer uma evidência para eles incómoda - as regiões administrativas são um princípio consagrado na Constituição há 22 anos, reafirmado em todas as revisões constitucionais, incluindo na última, em que o PSD até votou favoravelmente a existência de regiões administrativas com órgãos eleitos, que agora, meses depois, pretende contestar!

É viciar e manchar um necessário e esclarecedor debate de ideias, é uma ofensa à memória e à inteligência dos portugueses, reduzir a discussão desta importante reforma democrática a uma mera confrontação entre os defensores do "sim" à regionalização, que seriam os adeptos da "divisão" do País, da criação de "tachos" e do "despesismo" estatal, e os partidários do "não", apresentados como exemplos de "portuguesismo" e de moralidade na administração dos dinheiros e dos cargos públicos.

É fazer batota, é uma fraude política, apresentar, como fez o presidente do PSD, como a sua alternativa ao modelo de regionalização em debate, um conjunto de propostas, aliás geradoras de mais despesa e mais burocracia e que nada têm a ver com as regiões administrativas consagradas na Constituição há 22 anos, eludindo a questão fundamental a que quer fugir e que nunca esclareceu: se o PSD não concorda com esta regionalização, então como tenciona concretizar aquilo que ainda há pouco tempo votou favoravelmente na última revisão constitucional que negociou com o PS, ou seja, a existência de regiões administrativas, com carácter autárquico, com assembleia eleita e junta regional? **Ou pensa Marcelo Rebelo de Sousa que é com meia dúzia de medidas superficiais, cozinhadas à pressa, que nada têm a ver com as regiões, depois de durante anos não ter apresentado qualquer alternativa aos modelos de regionalização em debate, que apaga da memória dos portugueses que anda a dar o dito por não dito e que o PSD, tal como os seus aliados do CDS/PP e todos os partidos, votaram há anos por unanimidade na Assembleia da República a Lei-Quadro das Regiões Administrativas, que constitui uma peça essencial da proposta de regionalização em debate público?**

Quando vemos o líder do PSD proclamar que a regionalização vai criar mais 390 deputados regionais (fazendo crer que terão os vencimentos dos deputados à Assembleia da República), nós não podemos deixar de dizer que ele falta à verdade com quantos dentes tem na boca, porque sabe perfeitamente que os membros das Assembleias Regionais terão o mesmo estatuto dos membros das Assembleias Municipais, isto é, apenas receberão senhas de presença e não terão qualquer vencimento.

Quando vemos esse actual lugar-tenente de Marcelo Rebelo de Sousa que tomou conta do PP a proclamar que vão ser criadas regiões políticas similares às autonomias espanholas ou às regiões autónomas dos Açores, nós não podemos deixar de dizer que chega de falta de escrúpulos, porque ele sabe perfeitamente que as regiões a criar são regiões administrativas, sem poder legislativo e fiscal, são novas autarquias locais e não regiões como as de Espanha ou sequer as dos Açores e da Madeira.

Quando vemos o PSD e o PP, Cavaco, Marcelo & C^a a recorrerem a toda a hora à cassete monocórdica e roufenha mas enganadora do «esquartejar» o país, das «clientelas», dos «tachos» e do «despesismo», nós não podemos deixar de lembrar que todos eles há poucos anos se diziam defensores da regionalização e que, portanto, todas as injustas acusações que hoje fazem aos que defendem as regiões ou se aplicam retroactivamente a eles próprios ou são apenas um vergonhoso e inaceitável método de luta política.

É uma falsidade e uma desonestidade política, destinada a atirar areia para os olhos dos portugueses, afirmar que o actual modelo de regionalização em debate é produto de um "negócio" entre o PS e o PCP. Porque a verdade é que a Lei de criação das regiões aprovada por maioria na Assembleia da República foi o resultado de um processo de debate parlamentar de mais de 2 anos, em que o PCP apresentou o seu próprio projecto e depois também, o PS, com a audição dos 275 municípios do Continente. De um processo em que o PSD e o CDS/PP tiveram todas as possibilidades de apresentar e defender as alternativas que quisessem, o que nunca fizeram, e em que as 8 regiões administrativas cuja criação foi aprovada tiveram no essencial em conta na sua configuração a opinião das 211 Assembleias Municipais que se pronunciaram.

E a verdade também é que a Lei-Quadro das Regiões Administrativas, outra peça fundamental do modelo de regionalização em debate público, foi antes aprovada por unanimidade de todos os partidos na Assembleia da República, ou seja, também pelo PSD e pelo CDS/PP. Sendo difícil de entender que o que há pouco era bom, agora seja péssimo, a não ser que a regionalização seja para estes senhores apenas mais um instrumento da guerrilha e do circo mediático, sem memória nem coerência, em que querem converter a política e o debate político neste país.

Alertamos por isso todos aqueles que, apoiando a regionalização, têm dúvidas ou objecções ao mapa das 8 regiões aprovado,





para que não caiam no logro de dar ouvidos aos adversários da regionalização e votarem agora "não" no referendo, confiando mais adiante na abertura de novo processo. Os mesmos partidos de direita que agora os aliciam para o "não", explorando as suas reservas, tudo fariam depois, se o "não" vencesse, para bloquearem por muito tempo qualquer processo de regionalização, como fizeram no passado, com a cumplicidade do PS, mesmo quando em palavras diziam defendê-la. Ao contrário, se o "sim" vencer, como acreditamos ser possível, o processo de concretização das regiões, embora limitado pelo espartilho criado pelo acordo de revisão constitucional PS/PSD, poderá e deverá continuar a ser sustentado no diálogo com as populações e os municípios abrangidos.

A realização do referendo de 8 de Novembro foi o resultado de um acordo, esse sim um "negócio", entre PS e PSD, quando da última revisão constitucional, que teve a oposição clara do PCP, pois entendemos que não seria necessário o referendo para garantir um processo democrático, participado e mais flexível de instituir as regiões.

Mas o que dizemos a todos os que, como nós, apoiam a regionalização, mas têm fundadas críticas quer quanto à orientação governativa do PS, quer quanto aos seus negativos e lamentáveis acordos e cumplicidades com os partidos da direita quanto ao processo de regionalização, é que o PS deve pagar por tudo isso nas eleições legislativas de Outubro de 1999, mas que não deve ser a regionalização a pagar pelo que não tem culpa agora em 8 de Novembro de 1998!

Agora, sendo condição exigida pela própria Constituição este referendo para que seja possível concretizar a regionalização, o único caminho seguro para todos quantos acreditam nas vantagens desta importante reforma política para a democracia e o desenvolvimento de Portugal, é a mobilização activa de todas as forças e de todas as vontades para vencer a batalha do esclarecimento dos portugueses, para derrotar a desinformação e a demagogia, para fazer vencer o sim nas duas perguntas do referendo de 8 de Novembro e assim não facilitar novos pretextos aos adversários declarados ou escondidos das regiões administrativas e de uma efectiva descentralização do Estado. O PCP, os comunistas, estarão empenhados e unidos neste combate pela regionalização, através de uma intensa e autónoma campanha de esclarecimento do PCP e através do activo apoio e participação nos movimentos de cidadãos pelo "sim"! Porque com o "sim" às regiões, Portugal fica a ganhar!

É muito importante que ninguém se deixe iludir nem tire conclusões erradas pelo facto de, na campanha do referendo da regionalização, o PCP e o PS coincidirem na defesa do «sim».

A verdade é que essa circunstância é um brevíssimo parêntese de 12 dias em três anos que, pela opção do governo pela política neoliberal, nos mostraram os constantes entendimentos, acordos e convergências entre o PS, o PSD e o PP em quase todas as matérias e opções políticas mais importantes, assumindo o PCP o papel de oposição de esquerda, de oposição verdadeiramente consequente, de grande protagonista de uma política alternativa ao «bloco central» alargado ao PP.

É isto que PS, PSD e PP querem a todo o custo que seja esquecido neste último ano que nos separa das eleições legislativas. E é por isso que, como já se está a ver, vão subir a gritaria, vão criar cortinas de fumo de grandes conflitos, vão todos querer fingir que estão numa grande competição em torno dos problemas sociais, vão todos querer criar a aparência de que há uma luta de vida ou de morte entre a nova AD e o PS e que essa é que seria a grande escolha.

A boa resposta, a resposta necessária, a resposta indispensável a esta grande mentira política que, daqui até Outubro do ano que vem, vai ser encenada todas as semanas, é um maior apoio político e eleitoral ao PCP, é uma dinâmica agregação de vontades, de forças e aspirações de todos os que não querem ficar prisioneiros do falso dilema entre o regresso da direita e a manutenção do PS com a sua actual política de direita, de todos os que desejam que se abra um esperançoso caminho para uma viragem à esquerda na vida política portuguesa.

Mas qual "triunfo do capitalismo"?

Os apologistas do sistema, os arautos do "pensamento único" e os glorificadores do "triunfo do capitalismo" procuram dar como imutável a "Nova Ordem".

Mas o "triunfo do capitalismo" aí está, mesmo nos dados oficiais dos Estados e nas publicações da ONU, quando nos informa que à beira do século XXI uma boa parte da população mundial vive com menos de 1 dólar por dia; quando nos diz que o país mais poderoso do mundo, os EUA, conta com 60 milhões de pobres enquanto 1% da população detém 40% da riqueza deste país, ou quando tomamos conhecimento pela comunicação social, da arrogância imperial com que decide o bombardeamento de outros países violando a sua soberania a pretexto de combater grupos terroristas islamitas, que num passado recente, foram financiados, armados e treinados pela CIA. Esta operação violando todas as normas do direito internacional foi legitimamente considerada por muitos como uma manobra de diversão face aos embaraços do actual inquilino da Casa Branca em relação às suas "inapropriadas" relações... Isto é inaceitável.

O "triunfo do capitalismo" exprime-se também na União Europeia, a primeira potência comercial e que conta com 57 milhões de pobres, ou à escala planetária, quando se sabe que a fortuna dos 358 maiores multimilionários é superior ao rendimento anual de 45% da população mundial. Esta é a realidade de um sistema que explora, oprime, marginaliza e escraviza milhões e milhões de seres humanos. Em que milhões e milhões ficam à margem do crescimento económico e do desenvolvimento científico e técnico enquanto uma minoria se apodera de uma riqueza sem precedentes.

A "economia de casino" é glorificada e a bolsa venerada como um "templo" da democracia... Mas as contradições e as crises estão à vista. O absurdo é de tal ordem que já por mais de uma vez o anúncio de que o desemprego nos EUA tinha diminuído foi seguido de importantes quedas bolsistas.

Levados por uma imensa propaganda e por ganhos em resultados de operações que mais parecem da D. Branca, muitos cidadãos, nomeadamente através de privatizações, são atraídos para aí colocarem as suas poupanças até que um crash as liquide e transfira milhões para alguns especuladores com mais sorte, ou informados por dentro, ganhando num dia aquilo que uma geração de trabalhadores não ganha em toda a sua vida, o que só por si mostra a iniquidade e o absurdo de todo o sistema.

Mas a crise económica, revelando também a quem servem as receitas e as terapias neoliberais do FMI, e as diversas explosões financeiras na Ásia, América Latina, Rússia e a onda de choque que agora chegou aos EUA e às Bolsas europeias e que se está a repercutir em todo o mundo, tem raízes mais fundas. Assentam na chamada economia real, nas contradições e crises cíclicas inerentes ao sistema capitalista, no "capital fictício" e na chamada "riqueza de papel", isto é, na crescente financeirização e especulação mundial das economias. Não deixa, aliás, de ser sintomático e irónico ver, por exemplo, europeus e americanos a pedirem ao Japão para aumentar o seu consumo interno...

Todos os analistas e economistas estão de acordo que a crise na Ásia não terminou nem nas suas consequências regionais, nem no impulso à engrenagem mais geral da recessão, deflação e depressão.

É o absurdo do lucro antes do Homem e do lucro contra o ser humano.

É o absurdo dos movimentos financeiros representados, à escala do Planeta, 70 vezes mais do que a comercialização de bens e serviços aos quais era suposto corresponderem.

É o absurdo de se procurar colocar os mercados financeiros, — leia-se Banca, Bolsa... — a serem os escrutinadores definitivos das decisões e opções dos povos.

Nós não nos resignamos, nem aceitamos esta "ordem" pretensamente imutável que condena crianças e continentes inteiros, que discrimina e marginaliza a mulher e que, tendo sempre ao lado da carteira a retórica dos direitos humanos, manifesta no quotidiano, com toda a hipocrisia, uma profunda indiferença pelas dificuldades e dramas dos outros e um profundo desprezo pelo ser humano.

No ano em que se comemora os 150 anos da publicação do Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels, documento marcante de uma nova perspectiva revolucionária de transformação social, nós "cá estamos", virados para o futuro, lutando pela emancipação do homem de todos os tipos de exploração e de opressão, visando o estabelecimento de condições sociais que garantam o "livre desenvolvimento de cada um, como condição do livre desenvolvimento de todos".

É nesta atitude empenhada e confiante que procuramos estreitar e reforçar a nossa solidariedade, cooperação e fazer convergir e potenciar iniciativas e lutas com todas as forças comunistas, progressistas e de esquerda, procurando dar resposta aos anseios e aspirações dos trabalhadores e dos povos.

É nesta atitude empenhada e confiante que, com a nossa identidade e com o nosso património político e ideológico e num quadro particularmente complexo e exigente, estamos lançados numa grande dinâmica de aprofundamento e concretização de linhas de trabalho que são essenciais para o rejuvenescimento, o reforço e a maior afirmação do PCP e para a manutenção de uma elevada dinâmica

de intervenção em torno dos problemas mais sentidos dos portugueses.

É nesta atitude empenhada e confiante que daqui, desta magnífica Festa do «Avante!», dizemos aos portugueses e às portuguesas que não estão condenados a que a única e eterna opção seja entre a política de direita praticada pelo PS e a política de direita praticada pelo PSD; que o PCP não abandonará as aspirações e as causas justas, não rasgará nem enterrará bandeiras, valores e projectos de esquerda, que não desprezará nem abandonará as aspirações e sentidas reivindicações daqueles que nele confiam e nele votam, que o PCP - este grande e generoso colectivo, aberto para o futuro - tudo fará para que os portugueses venham a ter uma nova política que respeite quem trabalha, que responda aos problemas reais do povo, que promova o desenvolvimento harmonioso e a construção de um Portugal de progresso e justiça, numa Europa de paz e cooperação.

Viva Portugal!
Viva a Festa do "Avante!"
Viva a JCP!
Viva o PCP!



A festa de todas as músicas



Fernando Carvalho e Black Feeling



General D



Jorge Palma com Filipa Pais, Jorge Silva Melo, Lia Gama e Né Ladeiras



No conjunto de espectáculos da Festa do «Avante!» deste ano, especiais atenções foram naturalmente despertadas pela programação musical no imenso e sempre renovado público que ia lotando por completo, em sucessivas revoadas, o espaço frontal ao Palco 25 de Abril, logo no dia seguinte ao grande êxito do espectáculo «Canções de Atalaia» (ver caixa).

Os espectáculos tiveram início no sábado, pelas 15.30, com a tradicional presença da música de África. Desta vez, os **Black Feeling** serviram de fundo instrumental à voz do solista principal, **Fernando Carvalho**, um dos mais destacados nomes da música popular da Guiné-Bissau, que apresentou uma série de canções provenientes do seu país e de outros países da lusofonia. Mas outros dois espectáculos importantes preencheram a programação musical até cerca das 20 horas. Primeiro, foi a vez de **Carlos Mendes** que assim regressou a um palco que bem conhece e onde aproveitou para recordar e revisitar o seu

repertório, centrando embora a actuação no seu mais recente trabalho discográfico – *Vagabundo do Mar* – tendo o público reconhecido as canções para poemas de Manuel da Fonseca, Joaquim Pessoa, José Fanha, Ary dos Santos ou Sofia de Mello Breyner Andresen. Depois, num espectáculo onde a coreografia e a dança também tiveram lugar de destaque, o mais conhecido *rapper* português, **General D**, foi a voz que mais uma vez entoadou, de forma incisiva e ritmada, os textos e as canções que nos falam da difícil e dura vida urbana dos nossos dias, divulgando alguns dos temas-chave do novo álbum *Kanimambo*.



Carlos Mendes



Janita Salomé actuou com três corais alentejanos



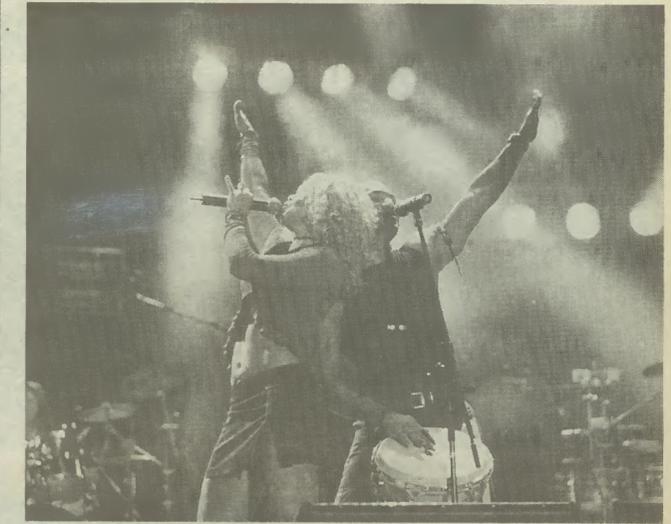
O Grupo Faithless

Logo a seguir ao jantar, **Janita Salomé** foi a voz quente e vigorosa (não isenta dos mais sutis cambiantes) que encheu o palco com a musicalidade incomparável do *cante* alentejano. «Uma certa forma de cantar» que se reflectiu de maneira por vezes comovente no hábil compromisso entre o brilhantismo da voz solista com o calor colectivo dos grupos corais que o cantor com ele trouxe como convidados de honra: **As Camponesas de Castro Verde** e os **Grupos Corais e Etnográficos da Casa do Povo de Serpa** e os **Camponeses de Pias**, sem esquecer a importante participação de **Vitorino** em algumas das canções ou a guitarra de **Mário Delgado**, o trompete de **Tomás Pimentel**, as percussões de **João Luís Lobo** e **Fernando Molina** e as originais intervenções de um clássico quarteto de cordas. *Menina Florentina* ou *Na Rama do Alecrim* competiram assim pacificamente com outras versões, algu-



Márcia Freire

mas impressionantes, de *Romper da Bela Aurora*, *Extravagante* ou *Cante Cigano*, num desfile pautado pelo elevado bom gosto musical. Foi esta também, aliás, a «pedra de toque» do



O Grupo Pó D'Escrer



Rui Júnior e Tocá Rufar



O Grupo Loop Guru

espectáculo que se seguiu, novamente com a presença de um *cantautor* de primeiro plano, igualmente rodeado de convidados de grande qualidade e diversidade estilística, como **Né Ladeiras**, **Amélia Muge**, **Filipa Pais** e, mesmo, **Jorge Silva Melo**, numa curtíssima intervenção. **Jorge Palma** construiu, assim, o seu excelente e bem arquitectado recital a partir de um desfile de canções irrecusáveis, deixando apenas para o final a sua própria assinatura (*Portugal, Portugal*) mas não deixando de imprimir a sua marca inconfundível a melodias e textos da importância de, entre outros, *Perfect Day* (Lou Reed), *Aqui Dentro de Casa* (José Mário Branco), *Vieux Amants* (Jacques Brel), *Que O Amor Não Me Engana* (José Afonso), *A Noite Passada* (Sérgio Godinho), *Avec Le Temps* (Leo Ferré), *Atrás dos Tempos* (Fausto) ou *Louvor do Comunismo*, *Alabama Song* e *Mack The Knife* (Eisler, Weill, Brecht).

Faithless e da brasileira **Márcia Freire**. Os primeiros (**Sister Bliss**, **Maxie Jazz**, **Jamie Catto**, **Rollo** e **Dave Randall**) demonstraram à evidência por que razão são, hoje em dia, dos grupos mais proeminentes no panorama da música *pop* actual, expressão flagrante da *dance music*, com um espectáculo construído na base do *best seller* «*Reverence*» e do já muito aguardado «*Sunday 8pm*». Quanto a **Márcia Freire**, ela revelou-nos um lado porventura menos conhecido da música popular brasileira, marcada por um ritmo frenético, constante e obsessivo, com uma marcação e movimentação de palco estonteante, cuja origem podemos encontrar nas próprias condições de produção e apresentação habitual da música que nos fez ouvir: a do famoso Carnaval baiano.

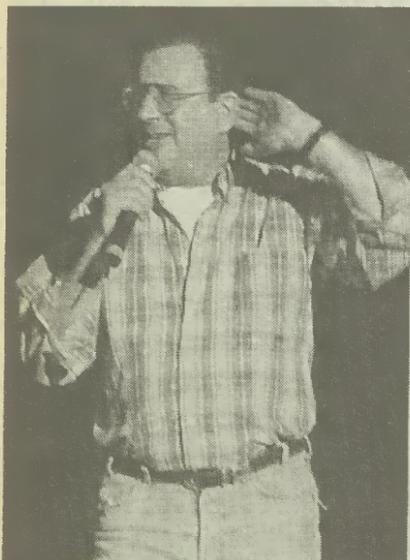
A tarde de domingo começaria da melhor maneira, com a presença apelativa de dois outros grupos cuja participação no **Palco 25 de Abril** já se fazia esperar: «**Pó d'Escrer**» e



O Grupo Los Tomatos



O Grupo Santos & Pecadores



Cândido Mota foi o apresentador

«Los Tomatos». Ou seja, duas expressões musicais completamente distintas. No primeiro caso, e com base em «Resiste», o seu primeiro trabalho discográfico, esteve perante o público o *rock* urbano reflectindo no vigor dos sons e dos timbres e na crueza dos textos uma das visões musicais possíveis do individualismo da sociedade actual. No segundo caso, foi já a ironia corrosiva a retratar essa mesma sociedade, em canções geralmente divertidas, fortemente ritmadas - até pelas próprias influências musicais que os componentes do grupo evidenciam, como o *raggae*, o *rock*, o *funk*, a *salsa* - e com uma componente de arranjos instrumentais de assinalável qualidade.

Destaque especial deve ainda ir para a actuação de um grupo *sui generis* - o «Tocá Rufar», dirigido pelo incansável Rui Júnior - nesta versão composto por mais de duas centenas de jovens percussionistas, divididos em três grupos: um sobre o palco principal e dois evoluindo por entre o público e estabelecendo diálogo rítmico com o primeiro, numa espécie de «chamamento» para a participação no grandioso comício que se iniciaria às 18 horas.

A noite de domingo, a derradeira da Festa, estaria este ano reservada para a actuação de dois grupos especialmente aguardados e bem recebidos pelo público. Os «Loop Guru» confirmaram a direcção musical que, desde 94/95, estabeleceram para as suas actuações em público e gravações discográficas: a fusão de elementos musicais orientais (em particular da Índia) com a *dance music* de origem europeia, afloramentos do minimalismo vanguardista e do *rock punk*, destacando-se a inclusão e manipulação de *loops* pré-gravados. Pelo seu lado, os portugueses «Santos & Pecadores», com a voz poderosa e a ágil movimentação de Olavo Bilac no comando, revelaram-se uma escolha acertada para o encerramento do Palco demonstrando no aprumo instrumental dos arranjos vocais e instrumentais, na encenação dos coros e, em geral, na planificação e alinhamento do seu espectáculo uma crescente maturidade cuja consistência não escapou aos muitos milhares de espectadores que enchiam por completo o recinto.

de CANÇÕES atalaia



«Não fiques para trás oh companheiro
É de aço esta fúria que nos leva» (...)
(«Jornada», José Gomes Ferreira, «Canções Heróicas» de Fernando Lopes-Graça)



Zé Eduardo e Orquestra



Helena Afonso



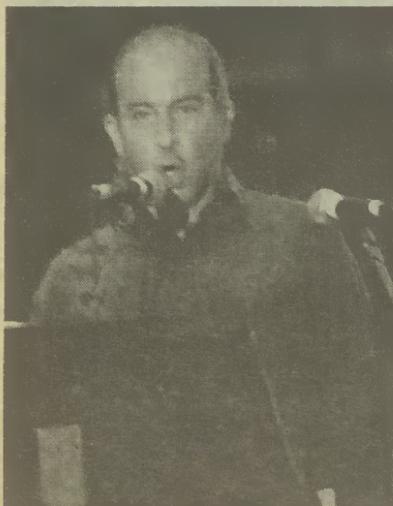
Carme Canela



Jorge Palma



Amélia Muge



Jorge Vaz de Carvalho



Perico Sembeat



Jack Walrath

O espectador mais atento à progressiva definição do espectáculo que preencheu na noite inaugural do Palco 25 de Abril terá seguramente intuído a estreita ligação das palavras vigorosas e mobilizadoras do poema de José Gomes Ferreira ao ímpeto metálico dos sons que constituíram a base do acompanhamento instrumental à voz do barítono Jorge Vaz de Carvalho.

Estávamos sensivelmente a meio de «Canções de Atalaia», uma *suite* para vozes solistas e orquestra encomendada ao compositor Zé Eduardo a partir de um alinhamento definitivo de pouco mais de duas dezenas de canções, fruto de sucessivos rastreios e escolhas, e representativas (tal como outras o teriam sido) de situações de luta, resistência, revolução, um pouco por todo o mundo, em pouco mais de dois séculos de História.

Na realidade, a heterodoxa versão de *Jornada* representava, porventura, o afloramento mais radical de um projecto na génese do qual se pretendeu estivesse presente a evocação das memórias que marcaram cada uma das canções integrantes da peça, face à diversidade geracional dos seus potenciais fruidores e independentemente da linguagem musical e do contexto instrumental que livremente estimularam e inspiraram o autor material deste tão exigente quanto complexo empreendimento artístico.

Por isso não deixaram de ser também transparentes, em outros momentos da longa peça, quer a reprodução quase textual das inconfundíveis harmonias e saltitante fresca melódica de outra «Heróica» - *Cantemos O Novo Dia* (do mesmo Lopes-Graça) - quer a profunda transfiguração de canções como *La Varsoviense*, *La Carmagnole*, *If I Had a Hammer* ou *Bandiera Rossa*, quer a maior proximidade e identificação estilística aos originais de temas como *Guantanamera*, *Canto Moço* ou *Hasta Siempre Comandante* - numa assumida diversidade e confluência dialéctica de propostas musicais, sem anátemas ou exclusões estéticas quanto às suas várias formas de expressão. No fundo, em inteira correspondência ao que têm sido neste domínio, desde há 22 anos, os propósitos programáticos do conjunto de espectáculos das Festas do «Avante!».

Para o êxito e o entusiasmo que o concerto de sexta-feira provocou no público que enchia o recinto frente ao Palco 25 de Abril contribuiu, assim, e em primeiro lugar, o arrojado e brilhante trabalho de composição e arranjos levado a cabo por Zé Eduardo - que a chuva persistente até hora tardia e consequente impossibilidade de ensaio geral (musical e de som) em pleno palco, quase iam irremediavelmente comprometendo. Um trabalho recheado, ainda, em vários interlúdios e *medleys* instrumentais, de referências explícitas ou implícitas a *Internacional*, *Katiusha*, *Die Moorsoldaten*, *Wich Side Are You On?* ou *Bella Ciao*, entre outras canções e hinos revolucionários de diversos tempos e paragens.

Depois, revelou-se inteiramente adequada a escolha das vozes solistas: a soprano Helena Afonso, de admirável musicalidade e expressão vocal em *La Varsoviense* ou *Bandiera Rossa*; o barítono-baixo Jorge Vaz de Carvalho, poderoso de intenção e vigor em *Jornada* ou *Down By The Riverside*; a inteligência e força expressiva de Amélia Muge no *Chant des Partisans* ou em *Traz Outro Amigo Também*; o traquejo jazzístico, salsero e mesmo sambista de Carme Canela em *Guantanamera* ou *Upa Neguinho*; ou a recriação... descontraída de Jorge Palma em *This Land Is Your Land* ou *Casey Jones*.

Referência de inteira justiça é ainda devida, por último, à participação do Coro TAB do Barreiro (dirigido por Manuel Gonçalves) e à intervenção da orquestra, na qual se têm de destacar a segurança e o profissionalismo da secção rítmica, com Joan Monné, Riqui Sabatés, André Sousa Machado e Acácio «Salero» funcionando em torno de um eixo decisivo, Armindo Neves; o recatado brilhantismo instrumental de Artur Fernandes no acordeão e na concertina; a elevada qualidade do naipe de saxofones, com o alto de Perico Sembeat e o soprano de Antonio Mesa em primeiro plano; e o impacte das secções de metais, com destaque para o trombone de Sergi Vergés e o trompete de Jack Walrath. Enfim, «Canções de Atalaia», embora fortemente prejudicado na recta final da sua produção e concretização por inesperadas e indesejáveis intromissões climatéricas, constituiu em última análise mais uma aposta invulgar e original, a exemplo de outras, inteiramente ganha.

E para o ano... há mais!

Auditório 1.º de Maio

Sexta-feira – Um rapaz de 5 anos está à porta do Auditório 1º de Maio. Os pais dançam a um ritmo certo, enquanto ele, com o braço esquerdo estendido na diagonal, dedilha uma guitarra imaginária. Ao som da música que vem do palco, fecha os olhos e bate com o pé no chão.

A noite de sexta-feira começa bem. Os portugueses **Charlie Blue Cats** entusiasmam o público. O rapaz não é o único a «coçar» a barriga, há muita gente a fazê-lo na plateia. Há também muitas pernas a mexer, muitas cabeças a abanar, muitos corpos a rodar.

Uns estão com os olhos no palco, mas a maioria está concentrada em si própria. Olham para dentro, sentem-se, palpam o espírito, revivem emoções antigas. É o efeito natural dos blues. Quando o ritmo acelera e a música muda de tom, levantam os olhos. Afinal há gente à volta e a música que ouvem não sai de dentro de si. Ah, o que faz um bom blues e um pouco de concentração!

A Festa é o local certo para conhecer melhor o mundo. Se nos misturarmos com a multidão, acabamos sempre por conhecer novas pessoas e protagonizar novas histórias. Se nos afastarmos um pouco (tarefa bastante difícil de cumprir na Atalaia...), surgem-nos naturalmente reflexões sobre os episódios a que assistimos. E o primeiro pensamento que nos assoma relaciona-se inevitavelmente com os diversos mundos que a Festa comporta em si: o convívio de várias gerações, a coexistência de hábitos distintos, a comunicação entre inúmeras interpretações artísticas da humanidade...

Os espectáculos não fogem à regra, e cada um transporta consigo uma diferente perspectiva de encarar a vida que é implantada na Atalaia duran-



Charlie Blue Cats



Grupo Chinês de Guizhou



Telectu



The Wingers



Luis Pastor



Si Khan



João Afonso

te as actuações. Foi assim que aconteceu na noite de sexta-feira no Auditório: primeiro o **Grupo Étnico Chinês de Guizhou**, depois os **Telectu**.

Por volta das 22h30, os chineses originários da província de Guizhou sobem ao palco. A música não engana – é a Ásia que chegou à Festa. O mesmo grupo que animará no dia seguinte o palco de Setúbal enfeitado o Auditório com o seu folclore, o seu vestuário colorido e as suas lindíssimas máscaras.

Mais tarde, é a vez de Vítor Rua e Jorge Lima Barreto actuarem, acompanhados pelo trompetista francês Jac Berrocal e o baterista Eddie Prévost. Os **Telectu**, uma das bandas habituais da Festa, possuem um público fiel que acorre todos os anos ao Auditório para assistir aos seus espectáculos.

Constituindo um caso praticamente único no panorama musical português, esta banda oferece um som experimentalista e minimalista já consagrado internacionalmente. Este ano, Vítor Rua trouxe uma nova guitarra – única no mundo – com dois pickups e dois botões reguladores, que funciona também como baixo.

Sábado – Abrir a revista da Festa é um gesto repetido um sem-conta de vezes por quem visita a Atalaia. Uns nomes ficam na memória, outros perdem-se perante as muitas distrações. E volta-se a abrir a revista. E sábado, o que há para ver?

O Auditório oferece ao princípio da tarde os irlandeses **The Wingers**. O sucesso verificado junto da audiência não constitui surpresa. A música celta tem muitos admiradores e mesmo quem

não tem por hábito ouvi-la é imediatamente contagiado.

Os quatro irlandeses que actuam no palco só descansam para ouvir os aplausos das muitas pessoas que os ouvem. De vez em quando, Zack Smyth tira uma nova flauta do bolso e prende a audiência com a sua música. Depois de quase uma hora de espectáculo, despedem-se do público. Mas este obriga-os a voltar. Mesmo com o percalço de uma corda da viola partida durante a actuação, os **The Wingers** apresentaram um grande espectáculo, próprio de um grupo que já acumulou experiência em palcos portugueses, espanhóis e irlandeses.

A revista é novamente aberta. «Falta muito para o **Luis Pastor**?» «Não, é já a seguir.» O músico espanhol entra com a sua descontraída banda para uma actuação repleta de canções de intervenção e de experiências pessoais. Todas as ocasiões são propícias para se tornarem inspiradoras de novas músicas. Como disse Pastor, até a espera do barco que segue de Setúbal para Tróia.

Numa contínua comunicação com o auditório, canta Zeca Afonso e clama por uma sociedade mais justa. Sempre descalço, Luis Pastor dá lugar, a certa altura, ao jovem cubano que o acompanha. Barberia, que até então tinha ritmado as canções com uma batida *hip-hop* usando como único instrumento a boca, pega na viola e mostra que também sabe tocar. A sua pronúncia cubana delicia quem o ouve, e – como é próprio da Festa – junto com as palmas, recebe um coro de vozes que pede o fim do bloqueio norte-americano.



Dick Gaughan



Maria Anadon

Com uma guitarra a tiracolo, um homem entra sozinho no palco pouco tempo depois. Traz um sorriso aberto e os olhos brilhantes de quem está bem consigo próprio, de quem se sente seguro perante o mundo. É o norte-americano **Si Khan**, um dos principais protagonistas dos movimentos sindicais e da luta pelos direitos civis nos EUA.

Todas as canções que interpreta são explicadas por ele próprio num português de principiante, ajudado com frequência por uma tradutora. Por elas passam os seus ideais e as suas convicções, as suas batalhas e o seu empenho. Isto quer dizer, direitos das mulheres, direitos dos negros e direitos laborais, mas também a Guerra Civil de Espanha e o Partido Comunista dos Estados Unidos.

O homem que à primeira vista podia parecer

demasiado só para um palco tão grande, revela-se aos portugueses um contador de histórias e um lutador inveterado que inspira quem o escuta e impulsiona o combatente que há em nós.

Para essa tarde restam ainda as actuações de **João Afonso** e de **Dick Gaughan**. O português trouxe consigo as suas influências africanas e a inspiração em Zeca Afonso, seu tio e padrinho musical. O álbum «Missangas» constituiu a base de um espectáculo que provou que as canções de João Afonso são bastante populares junto do grande público.

Dick Gaughan, também acompanhado apenas por uma viola, iniciou a sua actuação numa homenagem a Si Khan, seu amigo de longa data. Apresentando-se

como um escocês que só sabe falar «scotish», interpretou várias baladas evocativas da vida quotidiana no seu país de origem.

Com um vestido branco, imaculado como a sua voz, **Maria Anadon** representou o Jazz na Festa. Conhecida essencialmente pelos amantes deste estilo musical, Anadon recriou temas de bandas sonoras de filmes portugueses, provocando paixões imediatas no público. O auditório encheu-se aos poucos de pessoas, comentário e sorrisos, formando-se uma grande família que, na sua maioria, descobria pela primeira vez aquela que foi considerada a Cantora de Jazz Revelação de 1995.

Uma das surpresas da Festa teve lugar em seguida, durante o recital de **Jorge Vaz de Carvalho** acompanhado por **Carla Seixas**. Surpresa para todos: para quem percebia que um barítono e uma pianista afinal não é nada que assuste, e para os artistas que em cima do palco se congratularam com os intensivos aplausos da audiência. Cantava-se Paul Robeson e George Gershwin. O silêncio na plateia era interrompido apenas no final de cada interpretação quando as palmas eclodiam. Mais uma, pedia o público. E Jorge Vaz de Carvalho e Carla Seixas atendiam.

Paulo Bragança encerrou a noite com uma grande dose de emoção. O palco é, de facto, o seu território privilegiado e a intensidade das suas interpretações tem como veículo uma voz ímpar. O Auditório foi envolvido num ambiente de encanto, suspenso das palavras, dos gestos e da melancolia do fadista. No fim, José Manuel Osório subiu ao palco para um dueto memorável.

Domingo - Depois da música tradicional curda e do rock de **Flak**, o domingo registou uma brilhante actuação do jovem guitarrista **Manoel d'Oliveira**. Manejando a guitarra acústica com grande mestria e revelando-se senhor de grande carisma, Manoel d'Oliveira foi acompanhado por uma segunda guitarra, baixo, contrabaixo e percussão.

E o grande final aproximava-se. É já impossível entrar no auditório. As pessoas estendem-se até ao lago, esperando por **Sérgio Godinho**. Para o público, os técnicos demoram demasiado tempo a preparar o palco. «Sérgio! Sérgio! Sérgio!», gritam em coro. As gargantas estão a postos, as máquinas fotográficas também, só falta ele.

Sérgio Godinho não desilude ninguém e começa por dar uma novidade que poucos sabem mas que muitos anseiam por conhecer: o resultado do jogo Portugal-Hungria. Primeiro a solo, depois com a banda, o espectáculo incluiu canções dos seus grupos preferidos nomeadamente os Beatles, Doors e Zeca Afonso.

Descrever um espectáculo do Sérgio Godinho é tarefa ingrata e inútil, pois, se por um lado é difícil falar da agitação que varre o público, da entrega dos que o ouvem e da emoção que a todos atinge, por outro não há ninguém que não conheça a música e o talento do artista. Posso, contudo, tentar adjectivar a actuação que encerrou a programação do Auditório: impressionante, pela adesão de toda aquela gente; admirável, pela perícia dos músicos em palco; inesquecível, pela comunhão de sentimentos.

Uma nota especial para o baterista Kalu. Poucos músicos mostram simultaneamente um prazer tão acentuado em tocar, uma tão boa disposição e um tão grande à-vontade frente ao público. Irreverente por natureza, o baterista dos Xutos e Pontapés cantou («O Charlatão»), mudou de penteado e ensinou o público a acompanhar Sérgio Godinho com estalar de dedos. E tudo num só espectáculo.



Jorge Vaz de Carvalho e Carla Seixas



Paulo Bragança



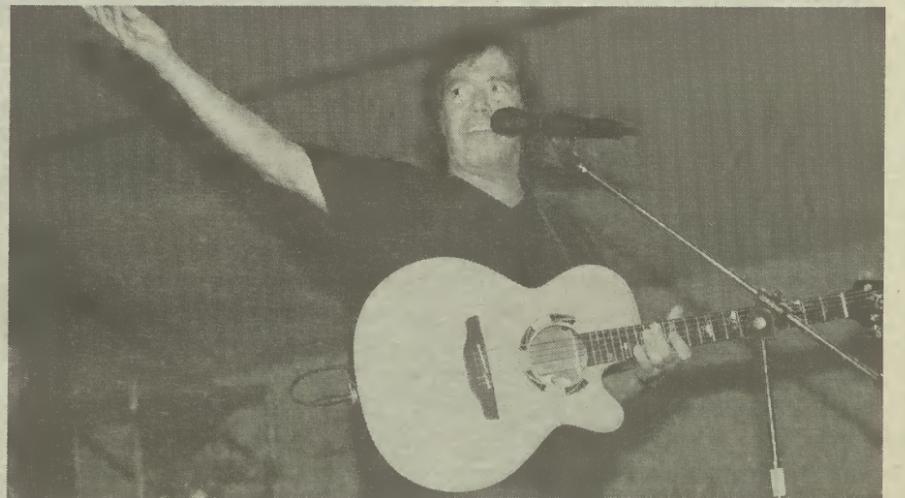
Música tradicional curda dos Koma Ahmed



Flak



Manoel d'Oliveira



Sérgio Godinho



Outras festas na Festa

A Festa é feita de muitas festas. O difícil é decidir por quais optar. Além das exposições, dos debates e dos «comes e bebes», o prato forte são os espectáculos, espalhados por todo o recinto e assumindo diversas formas. A música está presente em todos os recantos e é quase inevitável encontrar um palco em cada percurso que se faça pela Atalaia.

O Palco Arraial é dedicado à música tradicional. Este ano, como é já habitual, os sons populares portugueses atraíram um sem número de pessoas. Ritmo, cor, folclore - tudo isto aliado à experiência de muitos anos de actuações e ao talento de muitos artistas praticamente anónimos que se ocupam das tradições musicais e etnográficas do nosso país. Vindos do norte, do sul e do centro, bandas filarmónicas, grupos corais e ranchos regionais trouxeram o lado tradicional de Portugal até à Atalaia.

Por seu lado, o Palco Novos Valores apresentou grupos revelação, constituídos por jovens portugueses não consagrados. Mostrando que possuem criatividade e perícia em quantidade, estas bandas chegaram à Festa depois de terem sido seleccionadas por concursos preliminares que se realizaram em todo o país. Este palco - espaço já habitual na Atalaia - fidelizou um público e o seu espaço foi convertido em ponto de encontro de muitos amigos e conhecidos.

Desporto

Modalidades ao alcance do visitante

Todos os anos, a Festa do Avante! recebe milhares de atletas que participam em provas desportivas ou em exposições. Ao mesmo tempo, são cada vez mais os visitantes que não se limitam apenas a assistir, mas aceitam o convite que lhes é feito para participar nas várias modalidades presentes. Este sempre foi um objectivo da organização que este ano alargou a oferta desportiva, registando forte adesão por parte do público.

Entre as novidades introduzidas salienta-se o Slide, que consiste na descida de uma torre até ao solo por um cabo de aço, exercício que faz parte do treino dos pára-queidistas. O dispositivo, montado na zona da Várzea com a colaboração da Associação de Pára-queidistas de Almada e Seixal, foi utilizado por mais de 600 pessoas.

Grande participação tiveram igualmente a Prova de Orientação, uma espécie de rally paper no recinto da Festa, assim como as manhãs infantis de sábado e domingo, sob a orientação de Manuel Vieira.

Abertos aos visitantes, que se podiam inscrever até 15 minutos antes das provas, decorreram os torneios de Damas, Xadrez, Mah-Jong, de basquetebol 3x3 e de Voleibol na Relva.

Novidade foi também o Boxe, no domingo à noite, que atraiu muito público para assistir aos combates entre dois atletas do Algar-

ve. A iniciativa foi orientada por João Gato, antigo treinador do Sporting e proeminente figura do Boxe nacional.

No sábado, o polidesportivo foi palco de um sarau de ginástica que precedeu a excelente exibição dos quatro pares dos Alunos de Apolo, que demonstraram o espectáculo da Dança Desportiva.

Neste recinto ainda tiveram lugar, na sexta-feira, uma noite de andebol, e no sábado, jogos de futebol de salão. No Espaço do Tiro, realizaram-se os torneios de tiro com chumbo e, perto dali, das diferentes variedades do chinquillo.

Damas

No sábado, 24 participantes disputaram o torneio de Damas, classificando-se nos dez primeiros os seguintes praticantes: 1º Daniel Freitas; 2º Viegas Nunes; 3º Artur Gomes; 4º A. Leandro; 5º Leopoldo Lopes; 6º António Rosa; 6º António Rosa; 7º Helder Cláudio; 9º Mário Carvalho; 10º José Pedro.

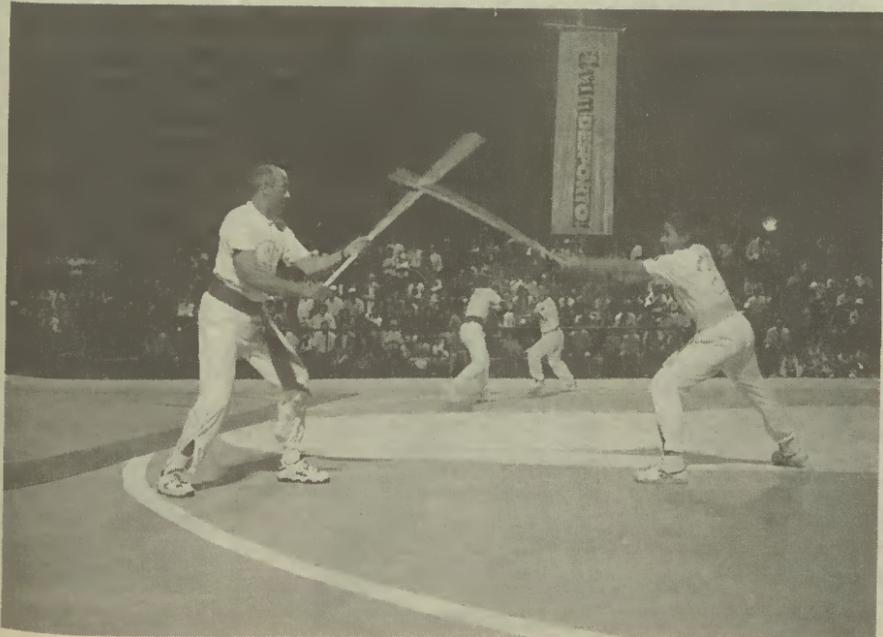
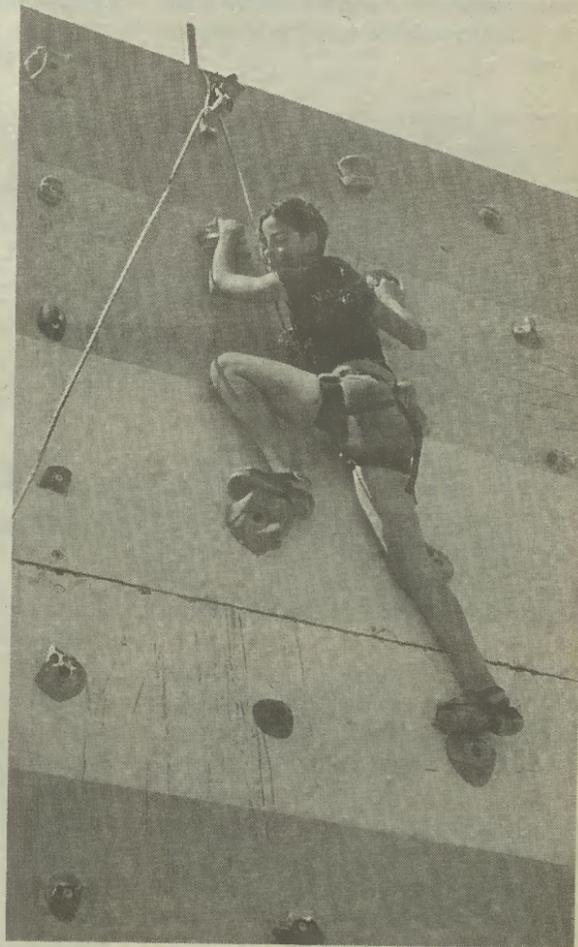
Xadrez/Mah-Jong

Para além dos treinos e ensino do Xadrez aos visitantes, decorreu, no sábado, o torneio de semi-rápidas de 15 minutos (empareiramento no sistema suíço). No domingo, foi a vez da simultânea conduzida pelo Mestre Álvaro Pereira, que obteve 19 vitórias, nos jogos que disputou com os 17 xadrezistas participantes.

Também no sábado e domingo realizou-se o torneio de Mah-Jong e uma demonstração aos visitantes. Infelizmente, há hora do fecho desta edição ainda não dispúnhamos das classificações dos torneios de Xadrez e de Mah-Jong.

Chinquillo

O torneio de Malha Pequena contou com 70 participantes e sete equipas, que tiveram a seguinte classificação: 1º Arroiteense; 2º Moita; 3º GRF Bairro Gouveia; 4º União Pires; 5º Sempre Fixe; 6º Banheirense; 7º C. Alhos Vedros.



Desporto

Com igual número de participantes (77 equipas) disputou-se o torneio de Malha Grande, terminando com a seguinte classificação: 1º Forno; 2º Cooperativa Pontes; 3º Amigos de Setúbal; 4º Meço; 5º Coia; 6º Câmnia; 7º Caitas.

A Malha Corrida contou com 16 participantes e quatro equipas. Em 1º lugar ficou a Fesmolor Móveis; em 2º a Comissão de Moradores Aldeia-Chôes; em 3º o Centro de Trabalho do PCP de Alvalade de Sado; e em 4º lugar os Amigos do Chinquilho de Setúbal.

Esta malha teve ainda um torneio de participantes individuais, classificando-se nos quatro primeiros lugares os seguintes jogadores: 1º José dos Ramos; em 2º António Sopo; em 3º José Maria; e em 4º Pedro Calçada.

Futebol de Salão

Para além do interessante jogo de demonstração entre duas seleções mistas do concelho do Seixal, no poliesportivo defrontaram-se as equipas femininas da Académica da Ajuda e da Seleção do Seixal, com um resultado de 0-1; de iniciados masculinos de Pombais e da Seleção do Seixal (2-10); de femininos da ADCS Bica-Montijo e das Palmeiras LC (1-4); e as equipas de seniores masculinos - Vila Café Bar e Os Alaus, jogo que terminou com o resultado de 1-3.

Andebol

Seis equipas defrontaram-se na sexta-feira, numa noite que o poliesportivo dedicou inteiramente ao andebol. Em iniciados, o Independente Torrense ganhou por 14 golos contra 8 à equipa do Alto do Moimho; em juniores masculinos, o Almada venceu por 20-11 o Núcleo de Andebol da Ajuda; e em juvenis, a equipa Caramão Ajuda (masculinos) venceu por 30-1, a equipa feminina do Caramão.



Basquetebol 3x3

O torneio de Basquetebol 3x3 para visitantes, realizado na tarde de domingo, registou a inscrição de 14 equipas das quais chegaram aos quatro primeiros lugares as seguintes: 1º Dragonal; 2º Alcântara Boys; Tripeiros; 4º Parental.

Voleibol na Relva

Com a participação de 10 equipas, realizou-se pela primeira vez na Festa um torneio de Voleibol na Relva-pares. No final os quatro primeiros classificados foram: 1º Haxe; 2º Fox Team; 3º Tripeiros; 4º Dragonal.

Tiro com Chumbo

Esta modalidade teve na sexta-feira uma sessão de demonstração nas vertentes olímpica e carabina e ar comprimido, e na variante carabina de recreio. Os visitantes, acompanhados por atiradores e treinadores da Federação de Tiro, tiveram assim a possibilidade de dar uns tirinhos. No sábado, decorreu o Torneio de Tiro ao Alvo com Chumbo, na vertente de carabina de recreio e ar comprimido, em masculinos (17 atiradores), femininos (8 atiradoras) e por equipas (5), que terminou com a seguinte classificação:

Masculinos: 1º Carlos Santos, C.P Armada; 2º Joaquim Colaço, U. Recosta; 3º Filipe Galvão, U. Recosta; 4º José Galvão, U. Recosta; 5º Francisco Serrano, CF Eborense; 6º Manuel Duarte, U. Recosta; 7º Acácio Cândido, Clube da Lisnave; 9º Alberto Malveira, CF Eborense; e 10º Manuel Gomes, JD Cidade do Sol. Femininos: 1º Carla Santos, CP Armada; Filipa Galvão, U. Recosta, Natália Colaço, U. Recosta, Aurora Almeida, JD Cidade Sol, 5ª Isabel Duarte, U. Recosta, 6ª Ana Santos, CP Armada; 7ª Nilza Coelho, JD Cidade do Sol; e 8ª Dulce Brás.

Equipas: 1º U. Recosta; 2º CP Armada; 3º CF Eborense; 4º Clube Lisnave; 5º JD Cidade do Sol.



11ª Corrida Quase um milhar de atletas cortam a meta

Mil e duzentos atletas alinharam na partida e 950 cortaram a meta da 11ª Corrida da Festa do Avante!, realizada na manhã do último domingo pelas ruas do Seixal e Amora.

Alcídio Costa (individual) sagrou-se vencedor absoluto, ao cumprir o trajecto de 14 quilómetros em menos de 40 minutos, enquanto Beatriz Cunha, do Desporto Operário Rangel, ganhou o escalão de seniores femininos, com o tempo de 53 minutos e 24 segundos. Classificaram-se igualmente 67 equipas com pelo menos cinco atletas.

Aos dois vencedores foi oferecida uma viagem à Madeira de quatro dias com pequeno-almoço, enquanto as 15 primeiras equipas levaram para casa troféus e taças, o mesmo acontecendo com os quatro primeiros classificados em cada escalão. (Os atletas e a equipa do Mem Martins Sport Club que não puderam levantar os seus prémios podem ainda fazê-lo para a Casa dos Atletas, através do telefone 2252008 - José Carlos ou Rafael.)

um milhar de atletas a meta

O tiro de partida foi dado por Alfredo Monteiro, presidente da Câmara Municipal do Seixal, que esteve igualmente presente na cerimónia da entrega dos prémios, realizada por volta do meio-dia no campo do Amora Futebol Clube.

Em representação do PCP, Carlos Rabaçal saudou os participantes e abordou alguns aspectos ligados à política e prática desportivas no nosso país. Na ocasião estavam ainda os vereadores responsáveis pelos pelouros do desporto da CM do Seixal e de Lisboa, o presidente da Junta de Freguesia da Amora, o presidente da Amora Futebol Clube, o representante da Sociedade Filarmónica Operária Amorense, Fernando Fernandes, 1º directo da Corrida da Festa, António Vilela, técnico da FPA, Bernardo Manuel, treinador do SCP, Rafael Marques, do Maratona Clube de Portugal, Armando Aldegalega, atleta do SCP que voltou a vencer no escalão de Veteranos V.

Mais uma vez o sucesso da prova ficou a dever-se a uma organização cuidada e rigorosa e aos apoios prestados por diversas entidades, com destaque para o Amora Futebol Clube, Casa dos Atletas da Amora, Associação de Atletismo de Setúbal, Câmaras do Seixal, Almada e Lisboa, Bombeiros Voluntários do Seixal, Rádio Baía, Rádio CB Europa 92, para além da indispensável colaboração da PSP e GNR ao longo de todo o percurso. Ajudas voluntárias e espontâneas vieram ainda de inúmeras pessoas de vários clubes dos concelhos limítrofes.

No final, participantes e organizadores estavam satisfeitos pela forma como tudo decorreu. O ambiente de são desportivismo e de fraterno convívio voltou a ser a nota dominante e o Avante! apenas ouviu um senão: para que a festa fosse ainda maior, era bom que a Corrida pudesse terminar dentro do recinto da Festa. Uma sugestão a ter em conta talvez já para o ano?...



Beatriz Cunha venceu em seniores femininos



Alcídio Costa foi o vencedor absoluto



Os dez primeiros

Seniores Femininos

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Alcídio Costa	Individual	1	1
Vitor Vasco	Núcleo «D. da Silva»	2	2
Artur Santiago	Un. Recr. Dafundo	3	3
Ricardo Ribas	Maratona Club. Portug.	4	4
Luís Martins	Individual	5	5
Cardoso Santos	Un. Recr. Dafundo	6	6
Delfim Pimentel	G. Desp. Rec. Reboleira	7	7
Paulo Pinheiro	G. Desp. Cul. Galanares	9	8
Nuno Sousa	G. D. Castelo Paiva	10	9

Seniores Femininos

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Beatriz Cunha	Desp. Operário Rangel	170	1
Anabela Carvalho	Un. Desp. dos Fetais	284	2
Elsa Marques	G. Desp. Cavadas	330	3
Susana Gomes	GDR Manique Cima	586	4
Ana Pereira	Feita à Pressa	691	5
Isabel Santos	Fed. Fam. Paz Mundial	699	6
Regina Esteves	Individual	717	7
Lídia Lopes	G. A. Super Estrelas	770	8
Cidália Sousa	G.A. Super Estrelas	788	9
Maria Madalena	Academia Recre. Ajuda	874	10

Juniores Masculinos

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Vasco Maravilhas	Maratona Club. Portug.	84	1
Felismino Gomes	Desp. Operário Rangel	112	2
Luís Macedo	G. D. Macedo Oculista	137	3
João Barnabé	Desp. Operário Rangel	171	4
Nuno Ginja	CSC de Ribamar	185	5
Ricardo Jorge	Grupo Atl. Valejas	207	6
Tiago Matias	Câmara Lisboa Clube	270	7
Bruno Vilhena	GIM Desp. Abóboda	291	8
Miguel Sousa	G. Desp. Cavadas	331	9
Bruno Cerqueira	Individual	357	10

Juniores Femininos

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Rute Santos	CSC de Ribamar	544	1
Vera Jacinto	Clube Robbialac	644	2
Alexandra Neto	Desp. Operário Rangel	752	3
Susana Cunha	Desp. Operário Rangel	753	4
Cláudia Fernandes	CSC de Ribamar	821	5
Cátia Gonçalves	Individual	866	6
Ana Cláudia	Alvitejo	876	7
Sónia Duarte	Alvitejo	894	8

Veteranos I

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Humberto Alves	Individual	8	-1
Silvestre Gomes	Un. Recr. Dafundo	17	2
António Paulos	Manuel Simão e Filhos	21	3
Joaquim Delgado	SRCP Bairro Alen. - A	22	4
Manuel Franklin	G. Desp. Cavadas	26	5
Oscar Santos	G. Desp. Rec. Reboleira	27	6
Gabriel Gonçalves	Sport Lisboa Campolide	31	7
Armando Fitas	C. ATL. Baixa Banheira	34	8
Virgílio Carricho	G. Desp. Rec. Reboleira	39	9
Eduardo Santos	Individual	45	10

Veteranos II

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Mário Rodrigues	Mirantense Fut. Clube	33	1
Francisco Gravitó	G. Desp. Rec. Reboleira	43	2
José Monteiro	G. Desp. Cul. Galanares	46	3
António Quina	Fed. Fam. Paz Mundial	56	4
Joaquim Santos	Lorena Clube	59	5
José Pereira	CC Desporto de Loures	66	6
Júlio Alves	Clu. Rec. Cruz de Pau	77	7
Silvino Antunes	Individual	85	8
Vitor Pedro	Os Tretas	87	9
António Salsinha	SS Tra. Aut. Seixal	93	10

Veteranos III

Nome	Equipa	Geral	Esc.
João Portela	Un. Recr. Dafundo	49	1
José Conceição	Taradinhos da Corrida	51	2
Manuel Belo	Os Zatopeques	60	3
Manuel Carnado	Mem Martins Sport Clube	73	4
Orlando Figueiredo	GD Macedo Oculista	81	5
João Mateus	Clu. Rec. Cruz de Pau	100	6
Orlando Lopes	SRCP Bairro Alen. - A	101	7
Amílcar Ribeiral	Núcleo Atl. Carnaxide	113	8
João Encarnação	Grupo Roche	135	9
Manuel João	Individual	146	10

Veteranos IV

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Carlos Silva	Un. Recr. Dafundo	63	1
João Guita	Clu. Rec. Cruz de Pau	89	2
Fernando Afonso	Individual	103	3
Adriano Cotrim	Liberdade FC	158	4
António Teles	Linda-a-Pastora SCL	160	5
Manuel Guerreiro	CC Desporto de Loures	173	6
Francisco Fernandes	Un. Recr. Dafundo	192	7
Silvío Bravo	GD Pontinha	196	8
Eduardo Maia	CCD Câm. Mun. Mafra	249	9
Fernando Ferreira	Mem Martins Sport Clube	259	10

Veteranos V

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Armando Aldegalega	SCP	74	1
José Lourenço	GD Pontinha	197	2
Asdrúbal Patinho	CDR Águas Unidas	210	3
Mário Ferro	AMAL-Construções, Lda.	264	4
João Bicho	Clu. Rec. Cruz de Pau	318	5
Hipólito Luciano	Cl. Sargento da Armada	326	6
António Fernandes	Clu. Rec. Cruz de Pau	352	7
João Antunes	Clu. Rec. Cruz de Pau	358	8
Manuel Pinicante	Clu. Rec. Cruz de Pau	374	9
Arménio T.	N.D. Juv. Laranjeiro	397	10

Veteranas

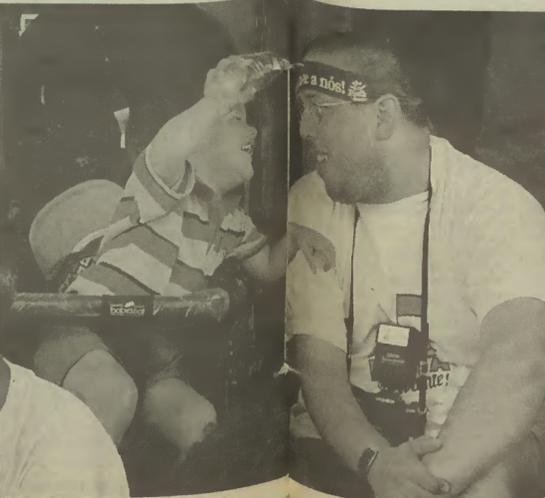
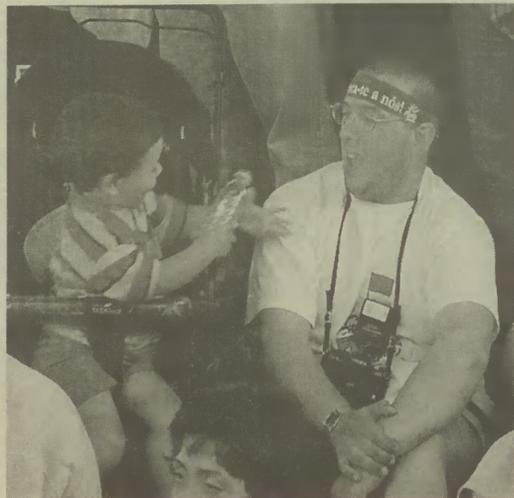
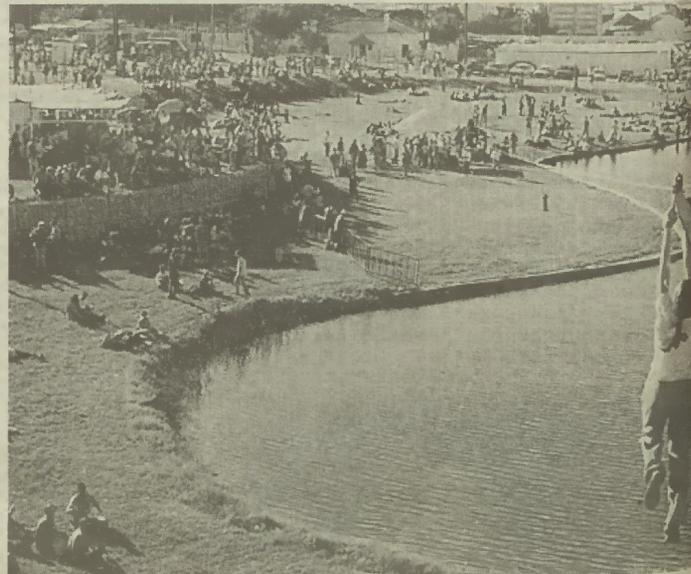
Nome	Equipa	Geral	Esc.
Isaura Pereira	Clu. Rec. Desp. Miratejo	401	1
Umbelina Nunes	Individual	457	2
Deolinda António	GD Os Patuiscos Vial.	472	3
Natércia Pinto	Ind. Fut. C. Torreense	527	4
Manuela Moço	NRC Idolios da Praça	556	5
Aida Vieira	GD Castelo Paiva	599	6
Clara Faro	Individual	707	7
Joaquina Sousa	GA Super Estrelas	772	8
Lurdes Henriques	Ind. Fut. C. Torreense	795	9
Maria Carvalho	Clu. Rec. Cruz de Pau	796	10

As 15 equipas

	Pontos
1. Un. Recr. Dafundo	49
2. G. Desp. Rec. Reboleira	125
3. Alvitejo	248
4. G. D. Macedo Oculista	369
5. Mem Martins Sport Clube	398
6. Clu. Rec. Cruz de Pau	457
7. SRCP Bairro Alen.-A	471
8. G.I.M. Desp. Abóboda	510
9. Manuel Simão e Filhos	524
10. Maratona Club. Portug.	563
11. G. Desp. O Independente	594
12. Fed. Fam. Paz Mundial	639
13. AMAL-Construções, Lda.	739
14. Bela Flor Coop.	751

As fotos da festa

Neste número dedicado à Festa do "Avante!" colaboraram nas fotos:
Ana Miguel • Artur Manuel • Carlos Nabais • João Garcez
João Viana • Jorge Cabral • Jorge Caria • José Frade • Júlio Dinis
Patricia Reategui • Pedro Custódio • Sérgio Morais • Vítor Castro



TELEVISÃO

Quinta, 10

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Esmeralda
14.35 Pátio da Fama
15.35 Baby, O Segredo da Floresta Perdida (de B. W. L. Norton, EUA/1985, com Sean Young, William Katt, Patrick McGeehan. Aventuras / Ficção Científica)
17.30 Chiquititas
19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 As Lições do Tonecas
21.35 Terra Mãe
22.35 Grande Entrevista
00.25 24 Horas
01.25 Sem Outra Saida (de Rod Hardy, EUA/1993, com John Ritter, Henry Winkler, Stephanie Faracy, Julianne Philips. «Thriller»)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
14.30 Informação Gestual
15.00 Ciclismo - Volta a Espanha
16.25 Super Esquadra
17.20 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Hugo
19.55 O Fantasma Escritor
20.30 A Nave Vermelha
21.05 Murphy Brown
22.00 Jornal 2
22.35 Godzilla Contra King Ghidrah (de Kazuki Omori, Jap./1991. Ficção Científica)
00.20 Techno Spy

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide

Sexta, 11

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Esmeralda
14.35 Pátio da Fama
16.05 Squanto, O Guerreiro (de Xavier Koller, EUA/1994, com Adam Beach, Mandy Patinkin, Michael Gambon. Aventuras)
17.20 Chiquititas
19.00 País País
19.40 País Regiões
21.45 Telejornal
22.30 Cais do Oriente
22.45 Terra Mãe
23.45 Jogos sem Fronteiras
01.30 24 Horas
02.35 Máquinas
03.10 Punhos de Ferro (de Matthew George, EUA/1995, com Richard Norton, Jane Badler, Kathy Long, Robert Bruce. «Thriller»)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
15.00 Informação Gestual
15.30 O Caminho das Estrelas
16.25 Super Esquadra
17.20 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Hugo
20.05 O Fantasma Escritor
20.30 A Nave Vermelha
21.05 O Riso ao Poder
21.35 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Godzilla e Mothra (de Takao Okawara, Jap./1992, com Kobayashi Satomi, Bassho Teisuya, Megumi Odaka. Ficção Científica)
00.40 As Teias da Lei

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes

Sábado, 12

RTP 1

08.00 Infantil/Juvenil
12.00 Fórmula 1 - GP da Itália
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Top +
15.00 Simpsons
15.30 Robin dos Bosques
16.30 Excentricidades
17.05 Nunca É Tarde
17.45 Conan, o Guerreiro
18.45 Há Horas Felizes
20.00 Telejornal
20.40 Cais do Oriente
21.10 Nós, os Ricos
21.55 Em Nome da Justiça
23.50 86-60-86
00.10 24 Horas
01.00 Cemitério Vivo - 2 (de Mary Lambert, EUA/1992, com Edward Furlong, Anthony Edwards, Chacy Brown, Jared Rushton. Terror)

RTP 2

09.00 Universidade Aberta
12.20 Faenas
12.45 Música Maestro - Música do Séc. XX
13.35 Dinheiro Vivo
14.05 Sinais do Tempo
15.00 Desporto 2
18.30 Ruby Wax Entrevista...
19.00 Um Rei em Nova Iorque (de Charlie Chaplin, Gr.Br./1957, com Charlie Chaplin, Dawn Adams, Michael Chaplin. Ver Destaque)
20.30 Tenchi Muyo
21.00 Onda Curta (Realizado por Norman McLaren - 1947-1956. Curtas-Metragens)
22.00 Jornal 2
22.35 O Lugar da História
23.30 A Máscara (de Ingmar Bergman, Suécia/1965, com Bibi Andersson, Liv Ullmann, Margareta Krook, Gunnar Björnstrand. Ver Destaque)
01.15 A Ciência do Sexo

SIC

08.00 Buêrére
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal

Domingo, 13

RTP 1

08.00 Infantil / Juvenil
12.30 Jornal da Tarde
12.55 Fórmula 1 - GP da Itália
15.00 Made in Portugal
16.00 Kung Fu
17.00 Nós Somos Anjos
18.10 Casa Cheia
18.50 Jet 7
19.30 Domingo Desportivo
20.00 Telejornal
20.50 Cais do Oriente



«Acontece» já voltou

21.05 Assalto à Televisão
22.35 Domingo Desportivo
23.50 Millennium
00.50 24 Horas
01.30 Limites do Terror

RTP 2

10.00 Novos Horizontes
10.30 Missa
11.45 O Mundo Natural do Japão
12.40 Grandes Romances do Séc. XX
13.30 Jornal d'África
14.00 O Mundo Oculto
15.00 Desporto 2
19.45 Bom Bordo
20.15 Artes e Letras - «E.B.B. Criou a Mulher»
21.10 Passagem pelo Purgatório
22.00 Jornal 2
22.30 Horizontes da Memória
23.00 Teatro: «Kean»

SIC

08.30 Buêrére
11.55 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Bandido e o Anjo de Prata (EUA/1994, com Brian Bloom, Brian Krause, Traci Lords. Comédia / Acção)
15.50 A Ilha Misteriosa
17.00 Stargate
18.00 Futebol: Benfica-Beira Mar
20.00 Jornal da Noite
21.00 Polícias à Solta
21.30 Ficheiros Clínicos
22.30 Golpe de Vingança (de David Worth, EUA/1988, com Jean-Claude Van Damme, Dennis Alexio, Haskell Anderson. Acção)
00.30 Último Jornal
01.05 Boxe
01.50 Trovão Azul

TVI

10.00 Animação
10.30 Novos Ventos
11.00 Missa
13.00 Portugal Português
14.00 Geo: Os Olhos do Mundo
15.00 Adultos à Força
15.55 Doido Por Ti
16.30 Cuidado com as Gémeas (de Jim Abrahams, EUA/1988, com Bette Midler, Lily Tomlin, Fred Ward, Edward Herrmann. Ver Destaque)
19.00 A Lenda de Guilherme Tell
19.30 Futebol (Campeonato Italiano)
21.00 Directo XXI
22.00 Planeta Portugal
23.00 O Rosto da Lei
24.00 Mente Perversa (de Carlo Lizzani, EUA/1995, com Julian Sands, Giuliana de Sio, Erlend Josephson. Drama)

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Os Segredos de Verónica
22.30 Ally McBeal
23.30 A Magia do Cinema
00.30 Seinfeld
01.00 Ponto Final
01.25 Feedback

Segunda, 14

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Esmeralda
14.40 Tom & Huck (de Peter Hewitt, EUA/1995, com Jonathan Taylor Thomas, Brad Renfro, Eric Schweig, Amy Wright. Ver Destaque)



«Polícias à Solta», em exibição ao domingo na SIC, foi o último tratadado de António Assunção

17.25 Chiquititas
19.00 País País
19.45 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 Reformado e Mal Pago
21.35 Terra Mãe
22.30 Espiões de Classe
23.30 24 Horas
00.30 Através da Neve (de Charles Wilkinson, EUA/1996, com Patricia Kalember, David Charvet, Christopher Atkins, Gary Graham. Drama)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
14.30 Informação Gestual
15.00 Futebol: Portugal-Moçambique (Sub/18)
17.05 Mundos Ocultos
17.35 Açores (Documentário)
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.35 Hugo
20.05 O Fantasma Escritor
20.30 A Nave Vermelha
21.05 Sarilhos com Elas
21.35 Remate
22.00 Jornal 2
22.35 Acontece
22.50 Jornal Falado
23.50 Arma Branca (de Dorothy Ann Puzo, EUA/1987, com Brad Davis, Sharon Stone, Jonathan Banks, Jay Acovone, Adam Ant. Policial.)
01.20 Duckman, o Trapalhão
01.55 Futebol: S.T. Príncipe-C. Verde (Sub/18)

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.55 As 100 Fotos do Século
21.00 Torre de Babel
22.00 Roda de Milhões
24.00 Toda a Verdade
01.00 Último Jornal
01.35 Portugal Radical

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Soldados da Justiça
23.00 Revelação Íntima (de Bill Corcoran, EUA/1996, com C. Thomas Howell, Nick Mancuso, Lisa Howard. Policial)
00.50 Seinfeld

Terça, 15

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Esmeralda
14.40 Toca a Marchar (de Daniel Petrie Jr., EUA/1994, com Pauly Shore, Andy Dick, David Alan Grier, Lori Pett. Comédia)
17.35 Chiquititas



O regresso de «Ficheiros Secretos» à TVI, em nova série de episódios

19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.00 Terra Mãe
22.00 Férias de Verão
22.50 Os Mensageiros de Moscovo
23.50 24 Horas
00.40 Rotações
01.15 O Assassino de Miami (de Enzo G. Castellari, It./1993, com Bud Spencer, Philip Michael Thomas, Vadim Glowna. Comédia)

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
14.30 Informação Gestual
15.00 Ciclismo: Volta Espanha
16.25 Super Esquadra
17.20 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.35 Hugo
20.05 O Fantasma Escritor
20.30 A Nave Vermelha
21.05 A Bela Farda Azul
22.00 Jornal 2
22.35 Acontece
22.50 Sangue e Arena (de Javier Elorrieta, Esp./1989, com Christopher Rydell, Sharon Stone, Ana Torrent, José-Luis de Villalonga. Drama)
00.25 Encontros Imediatos

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.55 As 100 Fotos do Século
21.00 Médico de Família
22.00 Torre Babel
23.20 Espécie Mortal (de Roger Donaldson, EUA/1995, com Bem Kingsley, Michael Madsen, Forest Whitaker, Natasha Henstridge. «Thriller» / Ficção Científica)
01.20 Último Jornal
01.55 Terra Violenta
03.25 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Os Segredos de Verónica
22.30 Ally McBeal
23.30 A Magia do Cinema
00.30 Seinfeld
01.00 Ponto Final
01.25 Feedback

Quarta, 16

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Esmeralda
14.40 Convidado à Força (de Randall Miller, EUA/1994, com Sinbad, Phil Hariman, Jeffrey Jones, Kim Greist, Stan Shaw. Comédia)



O regresso de «Ficheiros Secretos» à TVI, em nova série de episódios

16.25 Pátio da Fama
17.30 Chiquititas
19.00 País País
19.35 Futebol - Liga dos Campeões (1ª Jornada)
21.30 Telejornal
22.15 Cais do Oriente
21.10 TV Verdade
22.30 Terra Mãe
23.15 Liga dos Campeões (resumo)
00.15 Conselhos de Amor (de Adam Par, EUA/1996, com Drew Barrymore, Jennifer Beals, James LeGros, Mel Gorham. Comédia Romântica)
02.30 24 Horas
03.15 Mundial de Surf

RTP 2

10.00 Espaço Expo'98
14.30 Informação Gestual
15.00 Ciclismo - Volta a Espanha
16.25 Super Esquadra
17.20 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.35 Hugo
20.05 O Fantasma Escritor
20.30 A Nave Vermelha
21.05 Simpsons
21.35 Remate
22.00 Jornal 2
22.35 Acontece
22.50 Violada e Perseguida (de Frank DeFelitta, EUA/1991, com Sharon Stone, Steve Railsback, Michelle Phillips, Ronny Cox. «Thriller»)
00.30 Musical

SIC

08.00 Buêrére
12.00 Malucos do Riso
12.30 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.55 As 100 Fotos do Século
21.00 Médico de Família
22.00 Torre Babel
23.20 Espécie Mortal (de Roger Donaldson, EUA/1995, com Bem Kingsley, Michael Madsen, Forest Whitaker, Natasha Henstridge. «Thriller» / Ficção Científica)
01.20 Último Jornal
01.55 Terra Violenta
03.25 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Os Segredos de Verónica
22.30 Ally McBeal
23.30 A Magia do Cinema
00.30 Seinfeld
01.00 Ponto Final
01.25 Feedback

Carlos Carvalho é o convidado de Judite de Sousa na «Grande Entrevista» desta noite na RTP1



14.30 Fátima Lopes
16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.55 As 100 Fotos do Século
21.00 Torre de Babel
22.00 A Última Chance
23.00 Longe da Multidão
24.00 Último Jornal
00.35 Flash
02.00 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.00 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super Homem
21.00 Directo XXI
22.00 Ficheiros Secretos - Nos Bastidores da Série
23.00 Ficheiros Secretos (V Série)
24.00 Zona de Perigo (de David Cronenberg, EUA/1983, com Christopher Walken, Brooke Adams, Martin Sheen, Herbert Lom. Ver Destaque)
02.15 Seinfeld
02.25 Desporto

16.30 Vidas Cruzadas
17.40 Corpo Dourado
18.50 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.55 As 100 Fotos do Século
21.00 Bom Baão
21.30 Ponto de Encontro
22.30 Torre de Babel
23.00 Donos da Bola
02.30 Último Jornal
03.25 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Mulher Perigosa
15.05 Maria José
15.50 Caminhos Cruzados
16.45 Animação
18.10 A Bela e o Monstro
19.00 Pretender
20.00 As Novas Aventuras do Super Homem
21.00 Directo XXI
22.00 As Teias da Máfia
23.00 A Esquadra de Brooklyn
24.00 Excepção à Regra (de David Winning, EUA/1992, com Sean Young, William Devane, Kim Cattrall. Drama)
02.00 Seinfeld
02.30 Ponto Final

13.40 O Meu Primeiro Beijo (de Howard Zieff, EUA/1991, com Anna Chlumsky, MacCaulay Culkin, Dan Aykroyd, Jamie Lee Curtis. Ver Destaque)
15.50 Xena
16.50 Walker
17.50 Rocky IV (de Sylvester Stallone, EUA/1985, com Sylvester Stallone, Dolph Lundgren, Talia Shire, Burt Young, Carl Weathers. Boxe)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
21.30 Big Show Sic
00.50 Último Jornal
01.25 O Protector (de Eric Carson, EUA/1980, com Chuck Norris, Karen Carlson, Lee Van Cleef, Art Hindle. Artes Marciais)

TVI

10.00 Animação
13.35 Contra-Ataque
15.00 Feedback
15.40 Os Julgamentos de Rosie O'Neill
16.30 Doido por Ti
17.30 Noivas de Ocasão (de J. C. Shardo, EUA/1997, com Connia Sellecca, Twigg Lawson, Shawnee Smith. Comédia)
19.00 Aventuras no Pacífico
20.00 Flipper
21.00 Directo XXI
22.00 Justiça Roubada (de Alan Smithee, EUA/1994, com Cybill Shepard, Tim Matheson, Karis Bryant, Dion Anderson. Drama)
00.30 Rebeldes do Asfalto (de Robert Rodriguez, EUA/1994, com David Arquette, Salma Hayek, Jason Willes. Drama)

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO



Um célebre plano de uma cena de «A Máscara», de Ingmar Bergman, com Bibi Andersson e Liv Ullmann



Um fotograma de «Tom & Huck», de Peter Hewitt

Por isto e por aquilo...

Zona de Perigo

(Quinta, 24.00, TVI)

Ao contrário do que é habitual quando estamos perante obras escritas pelo argumentista **Stephen King** ou realizadas pelo cineasta **David Cronenberg**, por uma vez o ecrã da sala escura (e o bem mais pequeno ecrã caseiro) não são tingidos de sangue (no sentido literal ou figurado) ao mergulharmos a fundo nesta obra inscrita no género *terror*. Aqui, um homem, após recuperar de uma situação de coma profundo de cinco anos que se seguiu a um acidente, descobre ter ficado na posse de uma capacidade extra (ou de uma maldição?) que é a de conseguir ver para além da aparência física de tal ou tal pessoa com a qual entra em contacto, bastando para tal tocar-lhe. Se se acrescentar que, no papel principal, está o inquietante **Christopher Walken**, parece não ser preciso referir mais para aconselhar, aos amantes do género, uma refastelada visão do filme...



Herbert Lom e Christopher Walken numa cena de «Zona de Perigo», um filme de David Cronenberg



Os dois pares de gémeas de «Cuidado com as Gémeas», de Jim Abrahams, ambos interpretados por Bette Midler e Lily Tomlin

O Meu Primeiro Beijo

(Sábado, 13.40, SIC)

A história deste filme centra-se à volta das interrogações de dois jovens pré-adolescentes (excelentemente interpretados por **Anna Chlumsky** e **MacCauley Culkin** - este no primeiro filme a seguir a *Sozinho em Casa*) acerca do mundo dos adultos. Uma comédia dramática realizada por **Howard Zieff** com bom gosto e sensibilidade, embora por vezes rodeada de elementos dramaturgícos e narrativos fortemente previsíveis.

Um Rei em Nova Iorque

(Sábado, 19.00, RTP2)

Fortemente crítico em relação à realidade norte-americana - e talvez por isso apenas visto neste país 16 anos após a sua rodagem! - *Um Rei em Nova Iorque*, a despeito de alguns bons momentos envolvendo as aventuras em Nova Iorque de um monarca de um suposto país, a Ruritânia,

que se torna numa vedeta da TV, é uma obra bem menor de **Charles Chaplin** e, como tal, nada adianta à sua gloriosa carreira - embora o seu visionamento constitua sempre uma renovada curiosidade.

A Máscara

(Sábado, 23.20, RTP2)

A actriz **Elisabeth Vogler** é subitamente acometida de mutismo durante uma representação teatral, sendo enviada pelos médicos para um repouso à beira-mar acompanhada de uma enfermeira, **Alma**. Mas eis que as duas mulheres se afrontam, tudo parecendo separá-las, pese embora a sua impressionante semelhança física. Uma fala, outra escuta e, pouco a pouco, produz-se como que uma osmose, cada uma delas se apropriando da outra, num caminho que conduzirá à cura da actriz mas também à progressiva solidão da enfermeira. «A Máscara» é um dos filmes de **Ingmar Bergman** mais estranhos e absorventes (e também mais complexos) sobre o tema das relações com o outro, das transformações no seu duplo mas também no seu contrário. Uma obra fascinante.

Cuidado com as Gémeas

(Domingo, 16.30, TVI)

Para quem gosta da constante hiperexcitação interpretativa de **Bette Midler**, esta história repleta de cenas hilariantes cuja origem está na confusão estabelecida entre dois pares de gémeas (já na idade de adultas) que haviam sido trocadas à nascença, na maternidade, dá como se poderá calcular pano para mangas.

Tom & Huck

(Segunda, 14.40, RTP1)

Aqui está a enésima versão do clássico de **Mark Twain** *As Aventuras de Tom Sawyer*. Uma *matinée* infantil, rara num panorama televisivo que quase nunca presta atenção aos mais miúdos.

Hamlet

(Quarta, 22.30, TVI)

Seguramente valeu a pena a cuidada pesquisa dos locais de filmagem desta versão de «Hamlet» realizada por **Franco Zeffirelli**, já que o cenário natural encontrado em plena Escócia não podia ser mais deslumbrante e bem escolhido. É por ali que evoluem as personagens da famosa peça de **Shakespeare**, desta vez com um surpreendente e vigoroso **Mel**

Gibson representando *Hamlet*, sendo aliás interessante referir que alguns dos mais conhecidos actores que fazem parte da luxuosa distribuição desta nova versão foram eles próprios protagonistas da personagem principal: **Alan Bates**, **Paul Scofield** e **Ian Holm**. Nos papéis femininos o destaque vai para **Glenn Close** e **Helena Bonham Carter** (uma brilhante *Ofelia*). Mas o mais interessante do filme é a clarificação que, através da junção de algumas cenas não existentes no original, **Zeffirelli** estabeleceu para a boa compreensão de uma história tão intrincada.

CABO & SATELITE



Um filme libanês

Em conformidade com o que aconselham as referências, não se pode desaproveitar a oportunidade para contactar com o novo cinema libanês, concretamente com uma longa-metragem intitulada *West Beyrouth, à l'abri les enfants*, realizada pelo cineasta **Zouad Doueiri**, formado nos EUA na «escola» de **Quentin Tarantino**. Ao contrário do que se poderia supor, o filme não retrata directamente a guerra civil que dilacerou aquele país mas constitui, ao contrário, uma evocação (que se diz autobiográfica) da amizade de três adolescentes, dois rapazes muçulmanos e uma rapariga católica, que decidem romper com as barreiras que se abatem sobre eles. Versão original, em francês. (Arte, Sexta, das 19.45 às 21.30)



Taça do Mundo IAAF



Terminado recentemente o **Campeonato da Europa de Atletismo** e realizados alguns dos mais importantes *meetings*, eis agora chegada a **Taça do Mundo** da Associação Internacional de Atletismo que vai realizar-se em Joanesburgo (África do Sul). O **Eurosport** vai lá estar até domingo e fará algumas transmissões directas e diferidas. Para já, esteja atento à jornada inaugural e procure saber os horários das outras ligações directas (Eurosport, Sexta, das 16.00 às 18.00)

Um pianista insubmisso

O documentarista **Bruno Monsaingeon** já dedicou muito do seu talento a retratar em outros tantos documentários figuras de relevo no mundo da música, como o barítono **Fisher-Diskau**, o pianista **Glenn Gould** ou os violinistas **Yehudi Menuhin** e **David Oistrakh**. Agora é o grande pianista **Sviatoslav Richter** (falecido em Agosto de 97) que é retratado a partir de abundantes documentos audiovisuais de arquivo num outro documentário de duas horas e meia, dividido em duas partes, a transmitir pelo **Arte**. (Arte, Quarta, das 20.50 às 22.10)



ÚLTIMAS

ATALHE DE FOICE

(Im)Paciências

Podia falar aqui das invenções, chamemos-lhe assim, que nos últimos dias se debateram sobre a Festa do Avante!, estilo «o palco 25 de Abril (...) foi colocado muito à frente do que é habitual, diminuindo assim o espaço destinado à audiência» (Público, 5 de Setembro), «este ano, os ícones comunistas rareavam» (Público, 6 de Setembro), ou a afirmação atribuída a José Casanova de que «esta festa ninguém paga» (O Diabo, 8 de Setembro), respigadas ao acaso entre outras. Mas a verdade é que já vai faltando a paciência para tanto dislate.

O que é que se poderá dizer de alguém que, de moto próprio ou por indução de terceiros, decidiu afirmar e publicar em letra de forma que aquela coisa maneirinha que é o Palco 25 de Abril avançou não sei quantos metros? Apenas que ou manifesta uma deliberada má-fé, ou é ignorante ou, como parece mais provável, sofre de ambos os males em simultâneo. Sendo embora reconhecida a enorme capacidade dos comunistas para encontrar soluções expeditas para problemas complexos, aqui se confessa que, não estando o palco assente em carris, não dispondo de rodas, pesando toneladas e estando alicerçado em pedras e cimento desde que, há um ror de anos, Severiano Falcão orientou a sua implantação, ainda não se descobriu a forma de o pôr a funcionar tipo fole, ao sabor das conveniências. É que um palco daqueles não se manipula como qualquer página de jornal, onde acontecimentos sem importância podem ser realçados com gordas titulações e fotografias a várias colunas. Quanto à referência aos ícones comunistas que «rareavam», quem poderá afirmar onde começa a má-fé e termina a ignorância? Porventura é também um problema de falta de vista, o que uma rápida visita ao oftalmologista pode ajudar a resolver, antes que a visão do mundo fique tão afunilada que não haja óculos que valham.

Diferente, mas igualmente a pedir medidas do foro médico, foi a «cacha» de O Diabo. Nada que um otorrino não possa resolver. É que José Casanova não afirmou em momento algum que «esta festa ninguém paga», mas sim que «esta festa, ninguém a pára». Teria bastado um bocadinho de atenção para desfazer o equívoco, uma vez que a frase antecede o final da intervenção: «Cá estamos e estaremos: porque, tal como a luta, a festa continua.» Coisas do diabo, dirão alguns.

É por estas e por outras que vai faltando a paciência. Porque tanta manifestação de «pluralismo», «independência», «isenção», «rigor» já enjoa. Ou, escrito de outra maneira, enjoa. Não se espera, nem se reivindica, que os órgãos de comunicação social exaltem as iniciativas dos comunistas. Mas seria de esperar e é de exigir que um acontecimento com a importância sociocultural da Festa do Avante! seja tratado com a seriedade e o destaque que as mais elementares regras do jornalismo e do interesse jornalístico consagram, o que só dignifica a profissão e reforça a democracia.

Viciar as regras do jogo, mais a mais de forma tão soez, lançando mãos de falsidades, distorcendo a verdade, confundindo deliberadamente opiniões com factos, é uma vergonha para toda a comunicação social e para os seus profissionais que assim vêem a sua função (ainda mais) desprestigiada, num momento em que toda a classe enfrenta o perigo real da investida dos interesses neoliberais na área da informação. Talvez que os que se prestam a fazer o serviço de «voz do dono» acreditem estar a defender o seu pão com manteiga, mas é uma questão de tempo até que percebam que, também nesta frente, a dignidade não rima com subserviência.

É por estas e por outras que vai faltando a paciência. Afinal, do que eu gostaria mesmo de ter falado era de mestre Kurosawa. Morreu, domingo, em Tóquio, com 88 anos, e o cinema - a cultura - ficou mais pobre. Sinto saudades de Kurosawa. É urgente ir ao cinema.

■ Anabela Fino

O Movimento «Sim às Regiões, Melhor Portugal» entregou oficialmente terça-feira, na Comissão Nacional de Eleições, o processo para a sua legalização. Na altura, a delegação da Comissão Executiva fez a primeira Declaração em nome do Movimento. Uma Declaração que aqui reproduzimos na íntegra.

“Porquê constituir um Movimento de Cidadãos?”

Por que não limitar a nossa participação ao simples exercício do voto?

Porque durante a pré-campanha, as questões fundamentais do referendo passaram em claro. Quanto a nós, ao contrário do que pretendem alguns, o que está em causa na regionalização é simplesmente isto:

- Portugal será melhor se determinados poderes da administração central passarem para as regiões?

- Devem estas estruturas serem controladas pelo Estado Central ou eleitas pelas populações locais?

- Devemos ou não criar autarquias de âmbito regional?

Este é o debate onde queremos participar.

Observamos, ao invés, o triste espectáculo do comércio de convicções. Em troca de hipotéticos ganhos políticos de curto prazo e da manutenção de «poderes sombra» próximos do Terreiro do Paço, assistimos a uma campanha de verdadeira intimidação com que alguns que-

Sim às Regiões, Melhor Portugal

Grupo de cidadãos apresenta Manifesto

que Portugal, em embarcarem num processo tão «obviamente» ruinoso. Seria demasiado racional, pouco pedagógico segundo os defensores do «Não».

É muito mais simples mentir do que estudar a realidade. Do que dizer, por exemplo, que actualmente já existem poderosas Comissões de Coordenação Regional, nomeadas pelo Governo e dirigidas por «comissários políticos», impunes ao julgamento do voto. Ou que a Regionalização está prevista na Constituição, há mais de 20 anos, tendo sido defendida por estadistas de diversos quadrantes políticos.

Sejamos claros, o país já se encontra organizado em regiões pela administração central. E o balanço é claro: o Estado tem administrado de

forma caótica as regiões, agravado as desigualdades e as disparidades entre a cidade e o campo, entre o interior e o litoral.

O que se trata hoje, é de mudar, dar voz às pessoas, para que todos tenham nas suas mãos o poder de melhorar a sua terra.

Queremos também que o Referendo conte com a participação do maior número possível de eleitores. Uma consulta pouco representativa seria a derrota daqueles que - como nós - defendem uma democracia participada. Por isso, vamos dar o nosso melhor.

Com a convicção de que vivemos um momento-chave na história moderna de Portugal.

A Regionalização é o caminho a seguir, a oportunidade de não adiar por mais tempo a modernização do Estado e o seu controlo pelos cidadãos.

É isto que nos move.

Finalmente, o Movimento «Sim às Regiões, Melhor Portugal» não é um grupo fechado, a que só se acede por simpatias partidárias. Está aberto à adesão de todos os cidadãos que queiram contribuir para esta causa comum: cumprir a Constituição da República, aprofundar a Democracia, promover o Desenvolvimento.

Sim às Regiões, Melhor Portugal!”

Alentejo

Sim à Regionalização

O movimento «Alentejo, Sim à Regionalização, por Portugal» vai proceder, esta tarde, na sede da Comissão Nacional de Eleições, em Lisboa, à entrega do processo para a sua legalização.

O movimento inaugurou ontem, quarta-feira, a sua sede no litoral alentejano, em Sines. Recentemente tinha sido inaugurada a sede nacional, em Beja, estando ainda prevista a abertura de outras sedes no Alentejo.

Rússia

Duma volta a chumbar candidato de Ieltsin

A Duma, câmara baixa do parlamento russo, rejeitou segunda-feira, pela segunda vez, a candidatura de Viktor Tchernomirdim ao cargo de primeiro-ministro.

Tchernomirdim, o candidato de Ieltsin, obteve apenas 138 dos 226 votos necessários para garantir o cargo. Votaram contra a candidatura 273 deputados e um absteve-se.

O presidente tem agora uma semana para apresentar, pela terceira e última vez, uma candidatura a primeiro-ministro.

No caso de um terceiro não dos deputados a um candidato apresentado por Ieltsin, o presidente deverá, de acordo com a Constituição, dissolver a câmara baixa e convocar novas eleições.

Este o ponto da situação política da Rússia, que assim entra na sua terceira semana sem governo, enquanto a crise eco-

nómica se faz sentir fortemente entre a população, a braços com um baixo nível de vida e a falta de abastecimentos, mesmo de produtos básicos. Dia 23 de Agosto, Ieltsin demitiu o anterior governo, na sequência de uma desvalorização do rublo.

Comentando a situação gerada em torno da candidatura de Tchernomirdim, o dirigente comunista Guenadi Ziouganov afirmou que o candidato «recolhe hoje o fruto da sua própria falta de princípios, de vontade e de capacidade de levar a cabo as reformas normais». Ziouganov submeteu a Ieltsin uma lista de cinco outros candidatos ao cargo de primeiro-ministro. Trata-se do presidente da Câmara de Moscovo, Iouri Loujnikov, do presidente do Conselho da Federação, Egor Stroiev, do ministro cessante da Indústria, Iouri Maslioukov, do antigo presidente do

Banco Central, Viktor Guerachtchenko, e do ministro cessante dos Negócios Estrangeiros, Evgeni Primakov.

Como sublinhou M. Kossykh, membro do CC do PC da Federação Russa e deputado na Duma, presente na Festa do «Avante!», o candidato de Ieltsin, que já chefiou o governo russo ao longo de 5 anos, não dá quaisquer garantias para uma saída tanto da crise económica como da crise política, não conta com o apoio político da sociedade e, na verdade, é também responsável pela actual crise.

Os comunistas russos e seus aliados defendem que, para ultrapassar a actual situação de crise, se impõe a demissão do presidente russo, uma mudança da política social e económica, um governo que conte com a confiança da população e o apoio da maioria parlamentar.



Carlos Carvalhas na RTP

Carlos Carvalhas, secretário-geral do Partido Comunista Português, vai estar hoje, dia 10 de Setembro, na RTP, na «Grande Entrevista», com Judite de Sousa.

